

# Avante!

Órgão Central do Partido Comunista Português

Semanário • ISSN 0870-1865 • 22 de Agosto de 1996 • Preço: 150\$00 (IVA incluído) • N.º 1186 • Director: Carlos Brito

**A defesa da Função Pública do Estado e a dignificação dos trabalhadores**

■ Paulo Trindade Págs. 14 e 15

**Teletrabalho Nova ameaça para as mulheres**

■ Fátima Garcia Pág. 6



EM FOCO

**Vida em Marte?**

Os monstros do espaço exterior ou os pretextos da grande indústria

Pág. 15



**A Obra de Arte Total**

– Um conceito com operacionalidade para uma história de artecomprometida

■ Vitor Serrão Págs. 16 e 17

**A festa!** / **Avante!**

AMORA-SEIHAL 4, 7 e 8 SETEMBRO

**Isto é mesmo uma Festa!**

Neste suplemento:

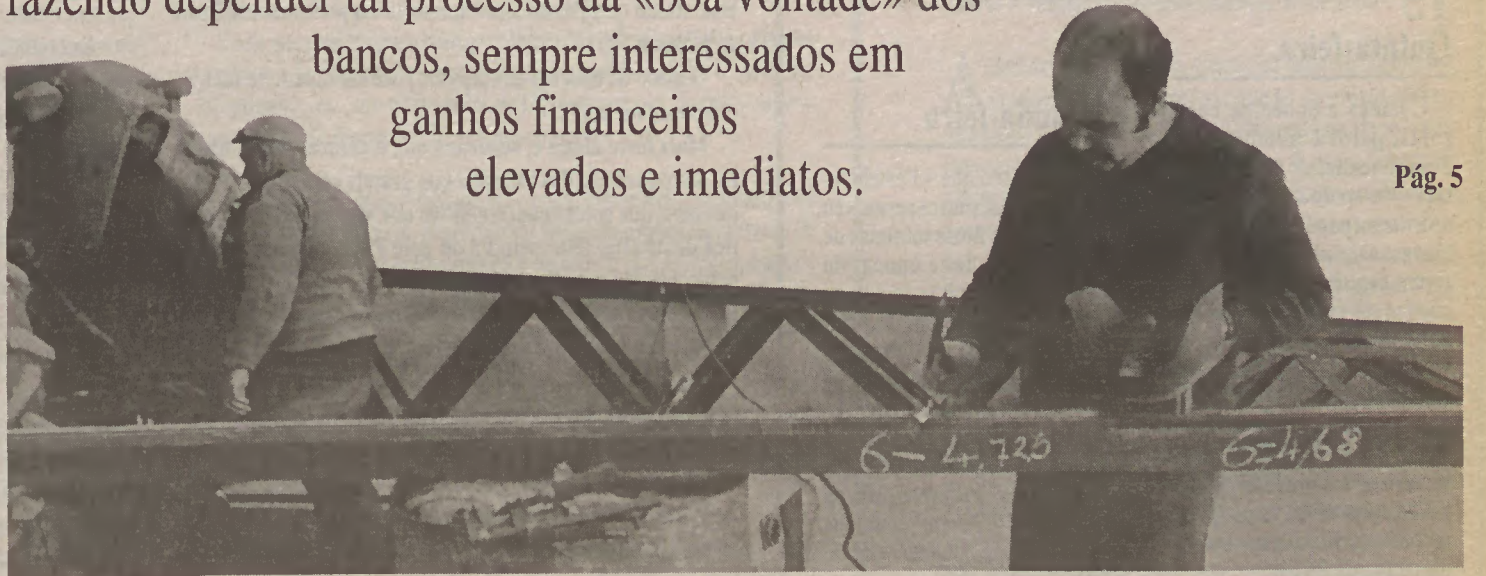
- Apresentação
- A festa para a festa de Maria
- Apresentação de Trindade
- Os Organismos
- Trabalho de Festa
- Organismos
- Festa
- Apresentação
- A Festa de 88 anos

**CGTP comenta «Plano Mateus»**

# QUEM GANHA É A BANCA

Comentando o «Plano Mateus», a CGTP acusa o Governo de marginalizar os trabalhadores no processo de recuperação das empresas em situação difícil, fazendo depender tal processo da «boa vontade» dos bancos, sempre interessados em ganhos financeiros elevados e imediatos.

Pág. 5



**Neoliberalismo crescimento económico e desemprego**

Centrais

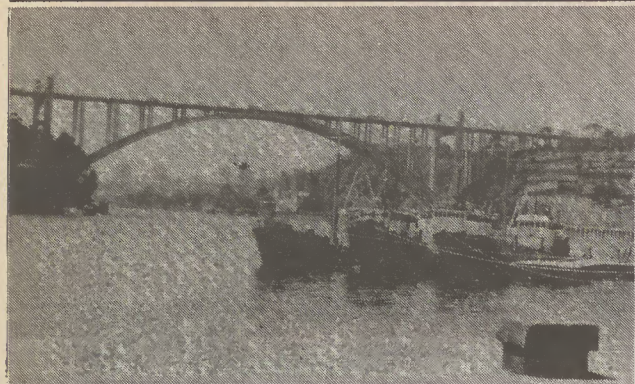
# O CONTO DO VIGÁRIO

Transformado num fim em si mesmo, ao serviço do grande capital e de camadas cada vez mais restritas da população mundial, o crescimento económico resultante do neoliberalismo está a causar um fosso cada vez mais profundo entre ricos e pobres.



## EDITORIAL

## Anos perdidos



O mini-sismo ao largo da cidade do Porto foi autorizado por João Cravinho

## RESUMO

14  
Quarta-feira

João Cravinho autoriza o mini-sismo no Porto e cria uma comissão de controlo ■ Palestínianos e israelitas retomam as negociações técnicas sobre a aplicação dos acordos de autonomia, interrompidas há seis meses ■ Centenas de estudantes sul-coreanos envolvem-se em confrontos com a polícia, em Seul, durante manifestações a favor da reunificação da península ■ Um manifestante cipriota-grego é morto e 11 pessoas ficam feridas, em Chipre, durante uma manifestação espontânea antiturca ■ É divulgado que na lua «Europa» de Júpiter existem sinais de algo que poderá ter sido um subterrâneo de água límpida, aumentando as esperanças de encontrar algumas formas de vida.

15  
Quinta-feira

Começa a época de caça a rolas, patos e pombos ■ Na França, realiza-se uma manifestação de apoio e solidariedade aos «sem papéis», isto é, aos emigrantes ilegais prestes a serem expulsos ■ A polícia de choque sul-coreana, apoiada por helicópteros, entra numa universidade de Seul, para acabar com um comício pela reunificação das duas Coreias ■ Continua a viver-se um clima de alta tensão em Chipre ■ Viktor Tchernomirdine, o primeiro-ministro russo, apresenta o novo executiva da Rússia.

16  
Sexta-feira

Nos últimos dias, dez mil toneladas de peixe morto são recolhidas pelos pescadores de Vila Franca de Xira, que suspeitam que a origem da mortandade está nas instalações industriais e agrícolas situadas junto ao Tejo ■ Na Avenida Marginal, no Dafundo, um carro da PSP despista-se, provocando a morte de quatro pessoas ■ Alexander Lebed, o chefe do Conselho de Segurança russo, pede a demissão do ministro do Interior ■ No seu discurso nas comemorações do 51º aniversário da independência da Indonésia, Suharto ignora os apelos de reforma no país.

17  
Sábado

O Governo francês mantém a sua decisão de expulsar mais de 300 emigrantes ilegais refugiados numa igreja, em Paris ■ Continuam os confrontos no sul da Jordânia entre a polícia e a população, que tem vindo a pro-

testar contra o aumento do preço do pão ■ Prosseguem os protestos dos estudantes sul-coreanos a favor da reunificação com a Coreia do Norte ■ Os independentistas tchetchenos e as forças russas formalizam um cessar-fogo.

18  
Domingo

Depois de passarem duas noites na embaixada francesa em Jacarta, os oito timorenses partem para Portugal ■ Na Bélgica, são descobertos os cadáveres de algumas crianças desaparecidas ■ Onze partidos da oposição jordana exigem a demissão do Governo ■ Na Libéria, Ruth Perry assume funções de chefe de Estado ■ Inicia-se as eleições legislativas no Líbano ■ Passam 60 anos sobre o assassinato do poeta espanhol Federico Garcia Lorca pelos franquistas.

19  
Segunda-feira

É anunciado que 13 estabelecimentos do ensino superior vão baixar as suas notas mínimas de acesso na segunda época, de forma a preencher todas as vagas ■ A população de Prior Velho manifesta-se contra o corte da Rua de Moçambique ■ Os oito refugiados timorenses chegam a Portugal, prometendo que não abandonarão a luta pela independência do território ■ Na Austrália, manifestações contra os cortes orçamentais do Governo ■ As forças russas lançam um ataque à cidade de Grozny, na Tchetchénia, contra as posições dos independentistas ■ O Governo israelita volta a adiar a retirada de Hebron.

20  
Terça-feira

A CGTP-IN, desiludida com a concretização do chamado Plano Mateus, critica severamente o sistema de financiamento para viabilizar empresas ■ Morre o jornalista Alberto Villaverde Cabral ■ A Secretaria de Estado das Comunidades Portuguesas assina um protocolo de cooperação com a União das Misericórdias ■ Realiza-se uma manifestação pela independência de Timor-Leste em frente à embaixada indonésia, em Madrid ■ Prossegue em Angola o repatriamento de imigrantes ilegais, com a expulsão de 165 cidadãos malianos, gambianos, serra-leoninos e libaneses ■ Começa no Bailundo o congresso extraordinária da UNITA, com uma intervenção de abertura que, pela primeira vez, não é feita por Jonas Savimbi, mas pelo general António Dembo.

Foi Vítor Dias, da Comissão Política do PCP, que salientou, no passado sábado: «PS e PSD ocupam boa parte do seu tempo e do seu discurso a acentuar conflitos verbais, a empolar divergências acessórias e a criar falsas dramatizações precisamente porque precisam de esconder que estão inteiramente de acordo nas grandes opções de fundo e nas políticas mais estruturantes».

O dirigente comunista comentava deste modo as «novas» «ameaças» e «desafios» lançados ao PS por Marcelo Rebelo de Sousa no chamado discurso do Pontal.

A peça oratória do novo líder do PSD releva, com efeito, do mais acabado cabotinismo, pela contradição completa entre a truculência do tom oposicionista e a essência das ideias da mais pura convergência com a política do Governo do PS.

A posição assumida por Marcelo em relação ao Orçamento de Estado para o próximo ano tem tanto de esclarecedora como de ridícula. Disse ele: «O PSD desde já torna claro aos portugueses que só terá condições para viabilizar o OE de 1997 se este respeitar os critérios de convergência de Maastricht.»

Isto é, Marcelo exige ao Governo do PS que faça um Orçamento como este tem dito vezes sem conta que vai fazer.

Aliás, as propostas, as exigências, os ultimatos lançados pelo líder do PSD em relação à discussão e aprovação do Orçamento parece terem só um objectivo: o de deixar claro de que em todas as circunstâncias o seu partido o viabilizará.

Esta atitude é tão francamente favorável ao PS, que não pode deixar de se perguntar por que a toma Marcelo Rebelo de Sousa.

Os comentadores mais afeiçoados ao PS fazem crer que o PSD anuncia este procedimento porque tem medo de eleições antecipadas como o diabo da cruz e quer, por isso, afastar qualquer situação que possa dar pretextos ao PS para provocar.

O medo de eleições antecipadas pode ser uma forte motivação da atitude do PSD.

Mais forte ainda é, seguramente, a pressão das confederações patronais, dos interesses do grande capital, das forças de classe que comandam a política que vigora no País, a política de direita, feita pelo PS ou pelo PSD, que por isso têm actuações tão semelhantes.

Estas forças que tiveram de se expor, às escâncaras, para assegurar que o CDS-PP viabilizasse o Orçamento para 1996, não devem querer novos problemas com o Orçamento para 1997 e devem-no ter tornado claro à direcção do PSD, que, afinal, não fará mais do que garantir a continuidade da política que sempre realizou.

Curvando-se, como não pode deixar de ser, aos imperativos de classe, o professor de Direito, agora na chefia partidária, recorre aos artificios da oratória e aos «factos» políticos para salvar as aparências.

É, por isso, que seria motivo para rir, se não fossem as graves consequências para o nosso povo e o nosso país, ouvir Marcelo falar de «ano perdido» a propósito do ano de governação do PS, como se não fossem igualmente perdidos os dez anos de governação do PSD, em que vigorou a mesma política de direita.

Foi com essa política, marcada pela subordinação às orientações de Bruxelas, à concentração da riqueza e à reconstrução dos grupos capitalistas no país, que se desenvolveu a destruição dos sectores produtivos nacionais e a deterioração das

condições sociais do nosso povo, que prosseguem, naturalmente, no consulado do PS, visto que não houve alteração de política.

Reclamando numa assentada o «cumprimento dos critérios de convergência de Maastricht» e a redução do desemprego, o PSD do sucessor de Cavaco comete o mesmo absurdo que o PSD de Cavaco e o PS de Guterres, que é querer reduzir as consequências mantendo a causa fundamental do desemprego, isto é, a política de marcha forçada para a moeda única.

Defendendo que não haja aumento de impostos, mas que haja aumento das despesas de investimento e a redução das despesas de funcionamento, o PSD defende é claro uma política de sacrifícios que recaem sobre os trabalhadores e as classes e camadas que já vivem com maiores dificuldades, através de cortes nas despesas sociais e de novas contenções salariais, conducentes a novas quebras dos salários reais.

Nada disto é diferente do que o PS está a fazer e se propõe continuar.

Os desafios e ultimatos de Marcelo, no domínio da política económica e social, devem ser entendidos, pois, não como uma atitude de oposição à política de direita que o Governo está a realizar, mas, de certa maneira, como uma exigência para que não se desvie dessa política e um efectivo apoio para a viabilizar.

Um bocado como querer ser mais papista que o Papa.

Noutros domínios, há que salientar que o PSD ainda não perdeu a esperança de fazer com o PS uma revisão da Constituição ao seu gosto e maneira e que em relação à regionalização toma a iniciativa de falar na urgência do referendo.

No primeiro caso, a insistência do PSD em relação a um acordo com o PS em matéria constitucional chama a atenção para as negociações secretas de que

se tem falado.

Em relação à segunda, o PS está tão comprometido com a efectiva obstrução do processo da criação das regiões administrativas, que faz a figura do leão moribundo, até o PSD, que abomina a regionalização, lhe dá coices.

A recuperação não do ano, mas dos anos perdidos, não se fará nem com a política do actual Governo do PS, como já se viu, nem com a política do PSD, pelo que já fez e pelo que anuncia querer fazer.

Mais do que confronto ou oposição de políticas, o que caracteriza a relação entre estes dois partidos é, cada vez mais, a disputa sobre quem serve melhor os interesses do grande capital nacional e dos círculos dominantes da União Europeia e quem executa com mais eficácia a política de direita que eles determinam.

A recuperação dos anos perdidos e o caminho para um verdadeiro desenvolvimento do País exigem, entre outras atitudes, não que se assegure, mas que se ponha em causa os critérios de convergência de Maastricht; não que se apoie, mas que se contrarie o programa de privatizações; não que se viabilize, mas que se diga não ao Orçamento que o PS prepara para 1997. Exigem, ao mesmo tempo, que seja sustida a ofensiva contra os direitos dos trabalhadores e que, em vez do agravamento da exploração e das condições de vida da população laboriosa, sejam tomadas medidas para o seu franco melhoramento, condição essencial para a sua participação no processo de recuperação nacional e para o próprio revigoreamento do mercado interno que lhe é indispensável.

Esta sim é uma política construtiva e de oposição. E esta política construtiva e de oposição só o PCP é capaz de fazê-la.

## Avante!

Proletários de todos os países UNI-VOS!

PROPRIEDADE: Partido Comunista Português  
Rua Socorro Pereira Gomes  
— 1699 Lisboa CODEX. Tel. 793 62 72

DIRECÇÃO E REDACÇÃO:  
Rua Socorro Pereira Gomes — 1699 Lisboa CODEX.  
Tel. 796 97 25/796 97 22. Telex 18390  
Fax: 795 22 64

ADMINISTRAÇÃO:  
Editorial «Avante!», SA — Av. Almirante Reis — 90,  
7.ª A, 1100 Lisboa.  
Capital social: 15 000 000\$000. CRC matriculada: 47058.  
NIF — 500 090 440

DISTRIBUIÇÃO:  
DISTRIBUIÇÃO ADE'S  
Editorial «Avante!», SA — Av. Almirante Reis, 90, 7.ª A.  
— 1100 Lisboa  
Tel. (01) 815 34 87/815 35 11  
Fax: 815 34 95

Alterações de remessa:  
Até às 17 horas de cada sexta-feira:  
Tel. (01) 815 34 87/815 35 11

DISTRIBUIÇÃO COMERCIAL  
DELTA PRESS

Delegação Lisboa:  
Tapada Nova  
Capa Rota — Linho — 2710 Sintra  
Tel. (01) 924 04 47

Delegação Norte:  
Zona Industrial da Maia  
Sector IX  
Rua B L. 227 — 4470 Maia  
Tel. (02) 941 76 70

ASSINATURAS: Av. Almirante Reis, 90, 7.ª A 1100 Lisboa  
— Tel. (01) 815 34 87/815 35 11 — Fax: 815 34 95

PUBLICIDADE: Av. Almirante Reis, 90, 7.ª A 1100 Lisboa  
— Tel. (01) 815 34 87/815 35 11 — Fax: 815 34 95

Composição e Impressão  
Heska Portuguesa, SA  
R. Elias Garcia, 27  
Venda Nova — 2700 Amadora  
Depósito legal nº 205/85

## TABELA DE ASSINATURAS\*

PORTUGAL (Continente e Regiões Autónomas)	EUROPA 50 números: 6 750\$00; 25 números: 3 487\$50
ESPAÑA	EXTRA-EUROPA 50 números: 13 300\$00 50 números: 39 950\$00
GUINÉ-BISSAU, S. TOMÉ E PRÍNCIPE E MACAU — 50 números: 26 650\$00	

\* IVA e portes incluídos

Nome \_\_\_\_\_

Morada \_\_\_\_\_

Código Postal \_\_\_\_\_

Enviar para Editorial «Avante!» acompanhado de cheque ou vale de correio.



## ACTUAL

## Realidades do sonho americano

Com o espectáculo das convenções partidárias que precedem as eleições presidenciais nos Estados Unidos, a América convoca as atenções do Mundo e procura fazer esquecer os fiascos de Atlanta.

Os grandes órgãos de comunicação do nosso país estão, é claro, em cima do acontecimento, ou não se tratasse do «amigo americano». Despacham enviados especiais, se não têm já correspondentes permanentes, e dedicam-lhe páginas e informações especializadas, numa proporção com que raramente contemplam os acontecimentos nacionais.

As crónicas que chegam até nós, com honrosas exceções, revelam uma rendição beata ao «modelo América» e uma excitação simplória pelo chamado «sonho americano».

Vem então a propósito considerar outras perspectivas sobre a vida nos Estados Unidos.

Foi este ano premiado em Espanha, um ensaio intitulado «O planeta americano», do escritor e jornalista do «El País», Vicente Verdú, que viveu vários anos no Estados Unidos e é membro da Fundação Nieman da Universidade de Harvard.

O autor insurge-se e alerta contra a ameaça da americanização do planeta na base de

um mercado único, de um pensamento único, de um gosto único no comprar, no vestir, no comer, no amar, na organização dos estudos, etc.

Para combater as pretensões americanas à liderança da humanidade, apresenta um retrato impressionante da realidade dos Estados Unidos, com ampla fundamentação estatística.

Ficamos a saber, entre muitas outras coisas, que 46 por cento da riqueza americana é detida por apenas um por cento dos americanos. «Os ricos são ricos como imperadores, os pobres são-no como párias de Calcutá» - diz Verdú.

Como no Brasil ou na Colômbia, cerca de meio milhão de crianças vende qualquer coisa na rua para procurar comida ou alojamento.

Ficamos a saber igualmente que sob a ameaça de pistolas são diariamente violadas 33 mulheres e umas 1100 pessoas são assaltadas em cada 24 horas.

É ainda Verdú que esclarece: «A taxa de homicídios é, anualmente, nos Estados Unidos, de 21,9 por 100 mil habitantes, enquanto no Canadá é de 2,9 e no Japão de 0,5».

Não admira, assim, que a população penitenciária tenha passado, em 15 anos, de 315.974 para um milhão e quatrocentos mil.

O autor de «O planeta americano» é também implacável a denunciar os imitadores do «modelo América». Refere-se, em especial à União Europeia e às orientações de Maastricht.

Diz, a propósito: «O ideal de um idioma único na Comunidade, que acabará sendo o inglês, tem correspondência com a pretensão de uma moeda única no estilo do dólar e de uma bandeira que copia o desenho estrelado da americana inicial. A União Europeia (UE) em bloco parece uma denominação que, ao espelho, se lê como as iniciais de Estados Unidos.»

Não quero imitar um apologeta do «modelo americano» que semanalmente recomenda no «Público» leituras para férias. Mas lá que o livro de Vicente Verdú tem o maior interesse, é incontestável. Talvez mesmo para o apologeta... É uma edição da «Anagrama», Colección Argumentos, de Barcelona.

■ Carlos Brito

## O PS e o champanhe

Há imagens e palavras que ficam - e merecem ficar - gravadas na memória colectiva como símbolos não apenas de uma política infame mas também do despudor e arrogância com que é assumida.

Em termos de imagens, estamos a pensar por exemplo nas de Torres Couto e Cavaco Silva a celebrarem há uns anos com champanhe mais um «acordo social».

Em termos de palavras, estamos a pensar por exemplo numa recente afirmação do Secretário de Estado da Indústria, José Penedos, que a «Visão» (de 14/8) fez o favor de imprimir para a posteridade.

Com efeito, logo ao lado de uma notícia elucidativamente intitulada «Lisnave: a taluda dos Mellos» onde nos era relatado que «o Governo prepara-se para resolver as dificuldades de José Manuel de Mello na Lisnave» através de «um investimento público que pode atingir 30 milhões de contos», o sr. José Penedos declarava nem mais menos que «por cada empresa que privatizo abro uma garrafa de champanhe».

A propósito desta afirmação, podíamos enveredar agora pela desarticulação desse conto de fadas segundo o qual os grandes capitalistas, em extraordinário acesso de generosidade, se dispõem a comprar empresas que dariam tanto prejuízo, lembrando que, se o fazem, ou é porque afinal são lucrativas ou porque previamente o Estado as saneou financeiramente e as aliviou de efectivos, muitas vezes sobrecarregando antecipadamente a segurança social.

Podíamos lembrar as sistemáticas subavaliações de empresas públicas feitas pelos próprios grupos que as vão comprar de seguida.

Podíamos lembrar que todo este processo das privatizações, com contornos realmente mafiosos, tem sido zero em termos de investi-

mento produtivo e criação de emprego mas em contrapartida tem sido a larga avenida por onde tem passado o crescente controlo da economia nacional pelos estrangeiros.

Podíamos lembrar os casos em que, com os lucros das empresas privatizadas, os seus compradores recuperaram em dois ou três anos o dinheiro que dispenderam para as comprar.

E aos que deslumbram com as receitas das privatizações, podíamos lembrar a feliz e expressiva afirmação, publicada há tempos no «Expresso», de um sindicalista da UGT espanhola de que «as privatizações são dinheiro hoje e fome amanhã».

Pois podíamos. Mas é melhor que nada, mas nada, nos distraia da segura e do significado profundo da frase do senhor Secretário de Estado da Indústria do Governo PS e do retrato que dá não apenas de governantes que temos mas também, mais precisamente, de até onde chegou a deriva do PS para a política de direita e para o seu deslumbrado enfeudamento ao grande capital.

Acrescentemos apenas que, na referida entrevista à «Visão», José Penedos não esclareceu se as garrafas de champanhe com que celebra cada privatização entram nas suas despesas domésticas ou nas despesas da Secretaria de Estado da Indústria.

Sendo certo que não é por aí que o gato vai às filhoses, não resistimos a adiantar a opinião de que, se ainda houvesse gratidão no mundo, deveriam ser os grupos económicos salteadores do sector empresarial do Estado a pagar o champanhe do sr. Penedos. E com carácter vitalício.

■ Vítor Dias

## Visitando Cuba

Férias no Gulag com praia é o título de uma crónica assinada por Eurico de Barros (EB) e publicada, aqui há uns dias, no «Diário de Notícias». Trata-se de um texto de conteúdo profundamente reaccionário e ofensivo, na linha de vários outros vendidos pelo mesmo EB no mesmo DN. A referida crónica constitui um raspanete enfurecido, uma reprimenda irada e uma condenação impiedosa a todos os cidadãos que, 1º: sem pedirem autorização a EB vão passar férias a Cuba; e, 2º: desobedecendo-lhe e desmentindo-o, ousam dizer publicamente que gostaram dessas férias, chegando mesmo, nalguns casos, ao atrevimento inaudito de - vejamos ao qu'isto chegou! - manifestarem solidariedade para com o povo cubano. Pois bem: é bom

que se saiba que EB não suporta, não admite, não tolera tais desplantes. Nem ele nem, certamente, a Embaixada dos EUA, representante do país que há quase quatro décadas decretou o bloqueio a Cuba e, mais recentemente, pariu a Lei Helms-Burton.

É óbvio que EB nunca foi a Cuba e tudo indica que nunca lá irá - visto que, subentende-se do seu escrito, só o faria se a pátria de Martí, adaptando-se ao «regime de democracia liberal», voltasse a ser uma colónia dos EUA; é óbvio que as opiniões de EB sobre Cuba ou são filhas da pura informação que lhe chega via nova ordem comunicacional, ou são simplesmente fruto do cavernícola e estúpido anticomunismo do preopinante. Por

isso EB sabe de Cuba o que lhe interessa saber: que é uma «ilha-prisão» governada por «um fósil vivo do Jurássico comunista», que blá-blá-blá. Por isso EB nos proíbe, terminantemente, de ir passar férias a Cuba.

Acontece que EB escreve e a caravana passa: para mal dos seus pecados, o ano passado 10 000 portugueses passaram férias em Cuba e este ano é bem possível que o número dos que se estão nas tintas para a opinião de EB seja ainda superior. E mais não vão porque - com o desemprego existente ou em vias de existir, com os salários baixos e muitas vezes em atraso, com todas as maravilhas prodigalizadas pela «democracia liberal» em que vivemos - a maioria dos portu-

gueses não tem dinheiro sequer para passar férias em Portugal. Por tudo isto EB ou fará prova de anormal paciência ou rebenatará de raiva.

Há razões - mesmo que desconhecidas da Razão - que explicam a cruzada de EB contra as férias em Cuba e... pró-bloqueio. Apesar disso ousou sugerir ao intrépido cruzado que experimente, sei lá, ser jornalista, por exemplo, pôr de lado a propaganda e procurar saber o que se passa, informar com verdade os seus leitores... Como? Vendo com os seus olhos, ouvindo com os seus ouvidos, contactando e conhecendo ao vivo a realidade... Exactamente: visitando Cuba.

■ José Casanova

## MUROS

## Opressão e exploração

Nunca é de mais recordá-lo. A península da Coreia está há longos anos dividida por um muro de colossais proporções. Tendo entre 5 e 8 metros de altura e cerca de 10 metros de largura na sua base, estendendo-se de costa a costa pela distância de 240 quilómetros, ele foi construído pelos EUA e os seus fantoches da Coreia do Sul no quadro da política de «contenção do comunismo». Uma nação milenária, que em 1945 acabara de se libertar do ocupante nipónico, viu-se tragicamente dividida pela agressão norte-americana que transformou o sul do país numa ameaçadora base militar contra a RDPC e os povos da região. O muro é um símbolo particularmente odioso dessa política. Franqueá-lo tornou-se um crime aos olhos do governo de Seul. As visitas à RDPC são proibidas e perseguidos os que ousem fazê-lo. A luta pela reunificação pacífica da Coreia é brutalmente reprimida. Foi o que se passou uma vez mais nos últimos dias contra os milhares de estudantes da Universidade de Seul que, desafiando proibições, decidiram assinalar o 15 de Agosto (Dia da Libertação) com manifestações pela reunificação pacífica da sua pátria e realizar acções conjuntas com estudantes do Norte da Coreia.

Também de Chipre nos chegam notícias de luta pela reunificação deste país parcialmente ocupado desde 1974 pela Turquia. Dois manifestantes que forçaram a «linha verde», o «muro» que divide o país, foram mortos e muitas dezenas de outros foram feridos pelo exército turco que mantém ilegalmente na parte norte da ilha uma força de 35.000 homens. Trata-se de acontecimentos particularmente graves, pelos quais é necessário responsabilizar fundamentalmente o regime turco. Este, em lugar de se conformar com as resoluções da ONU, intensificou ultimamente as provocações com a visita a Chipre do 1º Ministro islamita, o reforço do apoio à «República Turca do Norte de Chipre» (que só a Turquia reconhece), ameaças de anexação.

A luta dos estudantes da Coreia do Sul e dos patriotas cipriotas vem lembrar-nos que há povos divididos, separados por barreiras físicas poderosas que impedem a livre circulação de pessoas e bens, que separam famílias e amigos, que mantêm sufocados e oprimidos os sentimentos nacionais de milhões de seres humanos. Como também no Sahara Ocidental onde o ocupante marroquino construiu igualmente um muro de muitas centenas de quilómetros para fazer frente à luta do povo sahraoui pela sua autodeterminação e independência. Ou na Palestina, onde o povo palestino é prisioneiro na sua própria pátria.

Não são porém unicamente deste tipo os muros erguidos contra a liberdade e o progresso dos povos. Ao mesmo tempo que investe contra a soberania dos estados para abrir caminho ao domínio das multinacionais e à globalização do capital, o imperialismo ergue poderosas barreiras à circulação de trabalhadores, acentua-se o carácter xenófobo e racista da política de emigração e asilo nos países capitalistas mais desenvolvidos. A barreira electrificada erguida pelos EUA ao longo da sua fronteira com o México aí está, acusadora da política neocolonialista norte-americana em relação ao seu parente pobre do Sul. Entretanto na Europa da União Europeia e dos acordos Schengen continuam em construção os altos muros de uma «Europa fortaleza» em tudo contrária a valores humanitários tão apregoados aquando do derrube do muro de Berlim. O caso dos 300 trabalhadores africanos que desde 28 de Junho ocupam em Paris a Igreja de Saint-Bernard, em protesto contra a sua arbitrária ilegalização, é particularmente significativo.

E que dizer dos muros (e fossos) que todos os dias crescem entre exploradores e explorados, entre ricos e pobres, entre o «norte» desenvolvido e o «sul» esmagado pelo fardo da dívida externa, a pilhagem das transnacionais, as imposições do FMI e do Banco Mundial? Quando em Nova Delhi centenas de crianças entre os 6 e os 12 anos se manifestam contra o trabalho escravo e pelo direito à Escola; quando na Argentina os trabalhadores desencadeiam uma greve geral contra as privatizações seguida a mais de 70%; quando perante o brutal aumento do preço do pão imposto no quadro dos planos de ajustamento estrutural do FMI, o povo das cidades do Sul da Jordânia se levanta contra o governo do rei Hussein, uma conclusão se impõe: por maiores que sejam e por mais sólidos que pareçam, tarde ou cedo, os muros da exploração e da opressão acabarão por ser derrubados pela luta libertadora dos trabalhadores e dos povos.

■ Albano Nunes



## SEMANA

Bombeiro morre  
no Sabugal

Um bombeiro voluntário da corporação do Soito morreu carbonizado quando combatia um incêndio em Lageosa da Raia, Sabugal. No momento da tragédia, de que resultaram também ferimentos noutra elemento do corpo de bombeiros, procedia-se a um contra-fogo destinado a contrariar o avanço das chamas que consumiam uma área de carvalhos e mato. Uma súbita viragem na direcção do vento, de acordo com as

explicações dadas por um responsável do Centro de Coordenação Operacional de Lisboa, terá estado na origem do fatídico incidente que vitimou Daniel Almeida, de origem cabo-verdiana. Melhor sorte tiveram os três companheiros que com ele procuravam travar aquela frente do sinistro e que conseguiram fugir rompendo pelas chamas, a partir da estrada, na viatura que utilizavam.

Com este incidente, no curto espaço

de duas semanas, são já quatro o número de bombeiros que morrem em serviço. Se nos reportámos ao início do ano, embora em circunstâncias diversas, o balanço é ainda mais negro, elevando-se o seu número para oito. É o flagelo dos incêndios florestais que se repete, com o seu rasto de destruição e morte, a não poder deixar de suscitar reflexão sobre a eficácia das propaladas medidas de combate e prevenção anunciadas pelo Governo.



## Abertura da caça

A abertura parcial da caça; iniciada esta semana, voltou a estar envolvida por uma acesa polémica que opõe os caçadores dos regimes livre e especial. Em causa continuam a estar as zonas de caça associativa, como de discórdia que tem motivado um clima de suspeição e de conflitualidade entre as várias partes, incluindo também os proprietários de terrenos. Com a recente revisão do regulamento da Lei da Caça, houve quem pensasse que o problema

estaria sanado. Foi o caso do secretário de Estado da Agricultura, Luís Capoulas dos Santos, que, há umas semanas, depois de muitas reuniões que juntaram à mesa os diferentes parceiros (entre os quais se incluíam os ambientalistas), veio apressadamente tornar pública a sua satisfação por, finalmente - mérito seu! - ter pacificado o reino da caça.

Puro engano, como agora se provou, em que todos dizem estar lesados com as soluções propostas, obri-

gando aquele membro do Governo a vir emendar a mão e afirmar que afinal a revisão do regulamento teve apenas em vista eliminar os "aspectos de maior controvérsia da Lei". Quanto à verdadeira pacificação do problema, essa, só com uma "nova lei da caça", não escondendo que a tem já no horizonte - "no espaço de alguns meses", diz - e que resultará, garante, "do diálogo que o secretário de Estado tem vindo a ter com os parceiros da caça". Ficamos a aguardar.



## Vagas no Superior

Dados vindos a público confirmaram que o número de concorrentes ao Ensino Superior é largamente inferior ao número de vagas existentes. De acordo com o apuramento oficial relativamente à primeira fase da candidatura, esta diferença equivale a cerca de 15 por cento em relação ao ano passado, isto é, o número de concorrentes situou-

se este ano nos 68 305, contra os 80 476 alunos que em 1995 fizeram a sua candidatura ao Superior. Significa isto, to-mando em consideração o universo constituído pelo ensino superior público e privado, que o número de lugares disponíveis que não serão preenchidos no decorrer do próximo ano lectivo situar-se-á na ordem dos 11 mil,

mesmo contabilizando os que pediram a revisão de provas e os que aguardam pela segunda fase de candidatura em Setembro.

Verdadeira incongruência (ou será um absurdo?) do nosso sistema educativo, esta situação é explicada por uma diminuição do número de alunos que concluíram o ensino secundário, bem como

pelos médias muito baixas dos exames do 12º ano. Entre as hipóteses aventadas para este acentuado decréscimo é igualmente apontado o facto de alguns estabelecimentos de ensino terem determinado como nota mínima de acesso dez ou até 12 valores, o que terá levado alguns alunos com notas inferiores a reconsiderarem a sua candidatura.



## Inquérito ao SIS

O ministro da Administração Interna, Alberto Costa, mandou arquivar o inquérito instaurado ao Serviço de Informações de Segurança (SIS) a propósito das actividades ilegais por este desenvolvidas no acompanhamento da acção de partidos políticos e outras organizações e estruturas de natureza associativa e social. A decisão governamental é sustentada na inexistência de provas - segundo conclusão a que chegou a Inspeção-Geral da Administração Interna - de que a "secreta" tenha desenvolvido actividades de vigilância ou de recolha de informações sobre os partidos políticos.

O inquérito, recorde-se, surgiu na sequência de um relatório do Ministério Público onde era referenciada a prática destes comportamentos ilícitos por parte da "secreta", relatório este que

por sua vez ganhou forma a partir de declarações de António Guterres, em Julho de 1995, em que este revelava estar na posse de informações que apontavam para a possibilidade de o PS estar a ser vigiado pelo SIS.

Uma questão fica por esclarecer: terá sido o SIS que mandou um dos seus agentes, numa operação-relâmpago, apagar os vestígios das acusações que pendiam sobre si? Ou terá o secretário-geral do PS, então na oposição, cometido um erro, divulgando suspeições infundadas? (o que não parece ser o caso face aos relatos e às sistemáticas denúncias que recaíram sobre as orientações e métodos da "secreta" no consulado cavaquista)? Ou, simplesmente, hoje na chefia do Governo, também nesta matéria, o engenheiro Guterres mudou apenas de opinião?

## Volta a Portugal

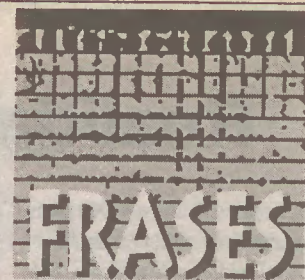
Massimiliano Lelli foi o grande vencedor da 58ª Volta a Portugal em Bicicleta. Sagrou-se campeão, merecidamente, depois de ter dominado a prova do princípio ao fim, ganhando seis das 14 etapas. Praticamente des-

conhecido dos portugueses, à partida, este italiano foi granjeando aos poucos a simpatia do muito público que por todo o país acompanhou a Volta na estrada e que cedo se rendeu às suas qualidades de corredor. Nas

segunda e terceira posições colocaram-se, respectivamente, os portugueses Vítor Gamito e Manuel Abreu.

Um brutal acidente de viação veio, entretanto, no último dia da prova, ensombrar a festa de consagra-

ção. Na madrugada, em resultado de uma colisão frontal de dois automóveis, morreu José Santiago, ex-ciclista e jornalista de "O Jogo", ficando gravemente feridos dois outros jornalistas que seguiam na viatura.



“Não somos como outros partidos açorianos: não tivemos necessidade de recrutar estrangeiros...”

(Álvaro Dâmaso - «Semanário»  
17/08/96)

“Ainda nos lembramos do dragão que foi o comunismo e das garras que ainda tem espalhadas pelo mundo”

(D. Teodoro de Faria, Bispo do Funchal, em pré-campanha eleitoral - «Diário de Notícias»  
16/08/96)

“A Siemens não foi um «rebuçado» para me calarem”

(Mário de Almeida - «Semanário»  
17/08/96)

“O povo português deve dizer o que lhe vai na alma, sendo chamado a pronunciar-se em eleições antecipadas, se o próximo Orçamento do Estado não for aprovado na Assembleia”

(Jorge Coelho - «Diário de Notícias»  
16/08/96)

“O PSD não deve tomar nenhum comportamento que provoque a demissão do Governo e a antecipação de eleições”

(Marcelo Rebelo de Sousa -  
Revista do «Expresso»  
17/08/96)

“Transitórios são todos os líderes, porque não há vitória que não acabe em derrota”

Idem, Ibidem

“Ganho agora por ano menos do que ganhava por mês”

Idem, Ibidem

“Ouvindo-os no Pontal e na Pontinha, se fôssemos a tomar à letra aquilo que eles dizem, o País poderia continuar a banhos”

(Carlos Carvalhas - «Diário de Notícias»  
19/08/96)



## TRABALHADORES



CGTP comenta concretização do «Plano Mateus»

# Viabilização das empresas dependerá apenas dos bancos

As medidas já divulgadas condenam ao fracasso grande parte dos objectivos propagandeados pelo Governo quando anunciou o «Quadro de acção para a recuperação de empresas em situação financeira difícil».

Foi «com alguma expectativa» que a CGTP-IN recebeu as notícias de que o Governo pretendia tomar um conjunto articulado de medidas para resolver os problemas financeiros e económicos de centenas de empresas — reconheceram antontem dirigentes da central, em conferência de imprensa, recordando que «desde há muito» a Inter se batido por urgentes medidas para recuperação de empresas viáveis que enfrentam dificuldades. Logo após a tomada de posse do executivo

socialista, recordou Américo Nunes — acompanhado por Maria do Carmo Tavares e Florival Lança, todos da Comissão Executiva —, a CGTP apresentou ao Governo uma lista de 700 empresas, com 116 mil trabalhadores, que se defrontavam com problemas diversos.

No entanto, à medida que os ministérios vão revelando os diplomas parcelares que concretizam a resolução do Conselho de Ministros de 16 de Maio, «eventuais expectativas que tenha havido caem por terra».

O encontro com os jornalistas foi convocado precisamente para dar nota das preocupações da CGTP face à versão final do projecto de decreto sobre o «Sistema de garantia do Estado a empréstimos bancários», de que a central acaba de tomar conhecimento.

## À margem

O projecto de diploma, acusa a CGTP, exclui os trabalhadores e suas organizações de todo o processo e coloca o próprio Governo de parte relativamente a aspectos fundamentais da recuperação das empresas. «O Governo, em vez de colocar a questão do emprego e da preservação dos postos de trabalho como ques-

tão central dos processos de recuperação, entrega as empresas aos bancos, entidades que estão mais vocacionadas para obter ganhos financeiros rápidos e elevados, e não para liderar processos morosos de viabilização de empresas», afirma-se no comentário apresentado por Américo Nunes.

Foram especialmente criticados pela Inter três pontos do

projecto: a exigência de um banco interessado em liderar a recuperação, a exclusão dos trabalhadores e restantes credores que não sejam bancos da análise e aprovação do plano de recuperação, e o facto de não estar prevista a identificação e punição dos responsáveis por actos de má gestão ou desvios de património que estão na origem dos problemas.

Além de reafirmar a sua disponibilidade, a CGTP exige participar na elaboração dos processos de recuperação, com o objectivo de travar os despedimentos, defender o emprego, garantir salários justos e condições de vida e trabalho que permitam uma empenhada participação dos trabalhadores na dinamização das empresas.

## As garantias do Estado e como conseguí-las

De acordo com a versão final do projecto comentado pela CGTP, poderão ter acesso ao «sistema de garantia do Estado a empréstimos bancários» as sociedades comerciais e cooperativas em que haja «um desequilíbrio financeiro, decorrente de uma degradação sucessiva das suas condições de exploração», o que será definido tendo em conta a evolução da situação financeira (proveitos e custos) e dos preços, através de indicadores a definir através de portarias.

A administração da empresa deverá, passado este primeiro crivo, «contactar um qualquer banco, solicitando-lhe que lidere um processo tendente à consolidação financeira e reestruturação» da firma.

Encontrado o banco-líder, este «fará uma sumária apresentação escrita da sociedade» ao Gabinete de Coordenação para a Recuperação de Empresas (GACRE), para que este determine se a empresa em causa preenche as condições de acesso ao sistema de garantia.

No prazo de 90 dias após uma resposta afirmativa do Gabinete, o banco (ou uma entidade contratada) tem que apresentar à empresa, «por um preço previamente acordado», um projecto de «consolidação financeira e reestruturação empresarial» que pode envolver «alterações na composição dos órgãos sociais» e «obrigação de auditoria anual das contas». Este projecto será também enviado às instituições de crédito que sejam credoras da empresa em questão. Não é referida a necessidade de ouvir os trabalhadores nem os credores que não sejam bancos (independentemente do volume destes créditos poderem ser superiores aos dos bancos).

Para se considerar aprovado, o projecto tem que merecer «a concordância escrita de instituições de crédito credoras de uma percentagem dos créditos em dívida julgada suficiente». Depois, segue para o GACRE, que em 30 dias decide se o empréstimo beneficia ou não de garantia do Estado; esta deliberação fica incumbida a uma comissão técnica de seis membros, três dos quais serão indicados pela Associação Portuguesa de Bancos.

A reprovação por qualquer das partes (bancos credores, administração ou sócios da empresa, GACRE) implica o desecandeamto do processo de falência.

Se o projecto do banco-líder for aprovado nas várias instâncias, o Estado prestará uma garantia correspondente a um mínimo de 25 e um máximo de 50 por cento do denominado empréstimo bancário. Como empréstimo bancário é entendida «a totalidade dos montantes em dívida aos bancos que declarem aceitar o projecto», acrescida dos «montantes novos a mutuar adicionalmente» (estes deverão, no mínimo, cobrir o valor daquela dívida).

É limitada a 25 por cento a parte do empréstimo que pode ser aplicada para pagamento de dívidas ao fisco e à Segurança Social, mas a garantia do Estado será sempre de valor superior aos pagamentos a efectuar ao fisco e à Segurança Social.

A garantia estatal é prestada a favor dos bancos credores e consiste num aval pelo montante garantido, acompanhado de um depósito (20 por cento da garantia) no banco-líder. No caso de incumprimento, o montante garantido (que pode ir até um milhão de contos) será entregue a este banco pelo Estado em 60 dias.





## TRABALHADORES

■ Fátima Garcia

## Teletrabalho Mais uma ameaça para as mulheres

Com o desenvolvimento tecnológico e a criação das auto-estradas de informação, as empresas tendem a aplicar novas formas de organização do trabalho, como o trabalho no domicílio.

Agora, com um computador, um telefone e um *modem*, o trabalho pode ser feito no aconchego do lar, sem ser necessário uma pessoa perder horas nos transportes ou nos engarrafamentos, e os *teletrabalhadores* poderão escolher o local onde querem viver (no campo ou na praia, na Europa ou na América).

Dizem também os empresários que a sociedade de informação permitirá o acesso ao emprego a pessoas que, pelo seu local de residência, responsabilidades familiares ou deficiência, dele estariam privados.

Chegados aqui, podemos ser levados a pensar que, finalmente, há uma alteração de política e que o patronato começa a pensar nos seus trabalhadores e a utilizar as novas tecnologias para promover o seu bem-estar.

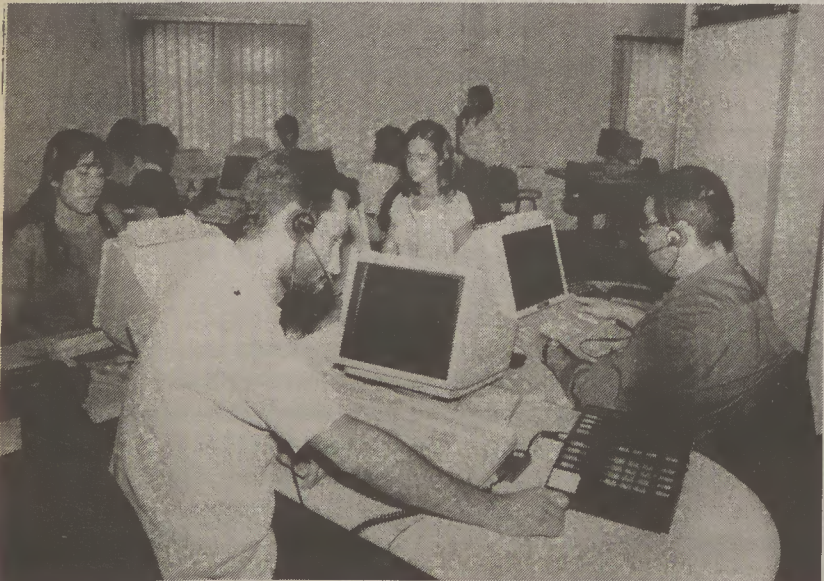
Também as empresas, com a aplicação do teletrabalho no domicílio, ganham em instalações (em dois anos a IBM em França economizou 85000 m<sup>2</sup> e algumas dezenas de milhões de francos), ganham noutros encargos administrativos e podem ainda escolher os seus trabalhadores em qualquer canto do mundo.

Isto parece o ovo do Colombo e parece que, com esta nova situação, se agrada a gregos e troianos. Todos ficam a ganhar.

No entanto, percamos as ilusões. Afinal a realidade não é assim tão agradável, sobretudo para as mulheres.

### Novidade antiga

O trabalho no domicílio não é uma invenção dos nossos dias. Há dezenas de anos que é utilizado em diversos sectores da economia e com especial incidência nos têxteis e vestuário, peles e



bordados. Agora o trabalho no domicílio vai estender-se às novas tecnologias.

A Comissão dos Direitos da Mulher, ao mesmo tempo que outras comissões parlamentares, procedeu ao exame de um documento da Comissão Europeia sobre a via europeia para a sociedade da informação.

A comissão manifestou o seu acordo quanto ao facto de que a sociedade de informação pode vir a criar novos postos de trabalho. No entanto, a sua principal preocupação foi analisar as consequências que terão para as mulheres estes novos métodos de trabalho, que tenderão a expandir-se e a tornar-se comuns, uma vez que, como acontece nos outros sectores tradicionais, serão elas que, devido à tradicional e ainda existente atribuição de responsabilidades familiares, estão a aderir em maior percentagem ao teletrabalho, começando já a enfrentar os mesmos problemas.

A maioria dos novos empregos no domicílio, que estão a ser criados, destina-se a trabalhadores com poucas qualificações e são precários (os trabalhos que exigem uma tecnologia mais sofisticada são guardados geralmente para os homens).

Confirmando-se a tendência dos empresários tentarem estabelecer contratos em regime «freelance» (ou seja, sem vínculo contratual), os salários são no geral mais baixos e é menor a protecção no emprego.

Aumenta o stress provocado pelo isolamento, aliado à precariedade e pela necessidade de, em muitos casos, conciliar o trabalho com as responsabilidades familiares (se hoje já há poucas estruturas de apoio à família, calculem o que se passaria quando uma percentagem elevada de mulheres trabalhasse em casa).

Também a formação profissional contínua, tão necessária num sector em actualização constante, fica comprometida. Quanto à progressão das carreiras profissionais nem será bom pensar.

Quanto a horários de trabalho, estes deixarão na prática de existir (como a sede da empresa pode estar na Europa e o trabalhador na Ásia, há também que contar com a diferença horária), com as graves consequências que daí podem advir.

Outro perigo vem do facto de, podendo este trabalho ser feito à distância, poderem os empregadores distribuí-lo a zonas onde a protecção dos trabalhadores é inferior e, por esta via, provocar mais deslocalizações.

### Desenvolvimento da discriminação

Assim, mais uma vez tudo indica que o desenvolvimento tecnológico - utilizado não para criar melhores condições de trabalho e de vida para os trabalhadores, mas sim para aumentar os lucros - pode contribuir para aumentar a discriminação das mulheres, criando um mercado de trabalho onde há os utilizadores de tecnologia altamente qualificada e os trabalhadores com empregos mal protegidos e com poucas qualificações.

A preocupação que resulta destas conclusões é também agravada pelo facto de não haver ainda um *estatuto jurídico dos teletrabalhadores* e de estes em muitos países não estarem organizados em sindicatos, ou qualquer outra estrutura, que os defendam.

Resumindo (e não deixando que nos baralhem), facilmente podemos concluir que com a proliferação do teletrabalho no domicílio ficam a ganhar os patrões e a perder os trabalhadores/trabalhadoras.

Assim, como devem tomar-se medidas antes que o mal alastre - e é melhor prevenir que remediar - a Comissão dos Direitos da Mulher do Parlamento Europeu solicitou à Comissão Europeia:

- a elaboração de um estudo comparativo sobre as condições de trabalho das mulheres no teletrabalho no domicílio e a publicação de um código deontológico na UE;

- a adopção de uma directiva relativa à protecção das crianças, de forma a impedir que o teletrabalho no domicílio se transforme numa substituição das estruturas de apoio;

- uma directiva específica que confira aos teletrabalhadores no domicílio uma protecção jurídica no emprego;

- uma maior utilização dos fundos estruturais para a formação profissional das mulheres;

- a informação aos teletrabalhadores sobre os riscos que comporta a utilização de equipamento informático, de modo a

que os padrões de segurança sejam alargados a estes trabalhadores.

Por sua vez, o Grupo Confederal da Esquerda Unitária Europeia/Esquerda Verde Nórdica viu aprovadas as suas propostas para:

- a realização de um estudo relativo aos efeitos do teletrabalho sobre os teletrabalhadores e a inclusão de normas de segurança num código de boa prática;

- a exigência de legislação que especifique que os trabalhadores no domicílio detêm os mesmos direitos dos demais trabalhadores assalariados.

Em Portugal existe o decreto-lei nº 440/91 sobre trabalho no domicílio. No entanto, não equipara os trabalhadores no domicílio aos outros trabalhadores assalariados e não tem por fim atribuir-lhes um estatuto jurídico. Visa apenas «promover um progressivo equilíbrio entre a razoável flexibilização do mercado de trabalho e as necessidades atendíveis de trabalhadores e de empresas, com vista a salvaguardar-se o cumprimento simultâneo de objectivos económicos e sociais».

O alastramento do teletrabalho exigirá, portanto, a tomada de medidas legislativas, a nível nacional e europeu, que impeçam as empresas de, aproveitando-se de lacunas neste campo, a bem do lucro e a todo o custo (dos trabalhadores, é claro!), aumentarem a exploração dos trabalhadores e, neste caso, também a discriminação das mulheres.

Esta será mais uma frente de luta para os sindicatos e as organizações de mulheres, no meio das muitas outras que levam a cabo diariamente.



## Tribunal público amanhã Novos impérios ocupam o Chiado

Reunidos em plenário, os trabalhadores das empresas localizadas na zona de Lisboa atingida há 8 anos pelo violento incêndio do Chiado decidiram avançar para a luta em defesa dos seus direitos e interesses.

Uma das primeiras iniciativas está marcada para amanhã, às 11 horas, no passeio dos «Grandes Armazéns do Chiado» (na Rua do Carmo), denomina-se «tribunal público» e tem por objectivo lançar um alerta acerca dos problemas mais sentidos pelas muitas dezenas de trabalhadores que «ficaram na esperança e na expectativa de virem a recuperar os seus postos de trabalho ou receberem as suas compensações pelos anos todos de serviço» - como refere uma nota de imprensa do Sindicato dos Trabalhadores do Comércio, Escritórios e Serviços do Distrito de Lisboa (CESL).

O sindicato transmite a preocupação dos empregados do comércio, que, ao analisarem a actual fase de reconstrução, se mostraram preocupados com o facto de que, «desde os finais de

1995, surgem notícias de novos impérios comerciais, que irão ocupar espaços que foram no passado pertença das empresas onde os trabalhadores deram uma vida de trabalho e esforço».

Na informação do CESL são apontados os casos do reconstruído «Eduardo Martins», em cujo espaço surge uma «Zara Portugal», e dos Estabelecimentos Grandella (para onde se anuncia uma loja «Printemps»), deixando uma interrogação acerca do que irá acontecer no edifício dos «Grandes Armazéns do Chiado».

Para além do «tribunal público» de amanhã e de novas formas de luta que poderão decidir, os trabalhadores decidiram ainda pedir reuniões aos responsáveis patronais daqueles três estabelecimentos, ao presidente da Câmara Municipal de Lisboa e aos ministérios do Emprego e da Segurança Social, «para que o trabalho de dezenas de anos seja também considerado património valioso neste renascimento», e para que os seus direitos sejam «devidamente acautelados».





## TRABALHADORES

## Repór os direitos dos bancários

Aproxima-se a revisão da contratação colectiva no sector bancário, momento que, para a corrente sindical unitária, deve ser aproveitado para alterar a situação dos trabalhadores, «uma classe gritantemente explorada, com uma degradação profunda no seu salário e nível de vida, no exercício dos seus direitos contratuais e na dignidade da sua profissão».

A disposição de contribuir para «marcar uma nova linha no futuro da contratação» é afirmada num comunicado dos eleitos unitários no sindicato do Sul e Ilhas, e das tendências «Democracia, Participação, Unidade» (Centro) e «Unir, Agir, Mudar» (Norte), em que se recorda que nos últimos anos «muitas expectativas foram goradas por uma acção de conciliação e, mesmo, de traição aos bancários por parte das direcções sindicais, que não quiseram mobilizar a classe contra os objectivos dos banqueiros».

No documento salienta-se o contraste entre o aumento dos «lucros fabulosos» dos bancos (de 145 milhões de contos, em 1994, para 160 milhões, em 1995, o que representa uma subida de 14 por cento) e a intensificação da exploração dos trabalhadores (que tiveram actualizações salariais inferiores à inflação e sofrem «desregulamentação, intensificação dos ritmos de trabalho, alongamento sistemático e ilegal dos horários, aumento quantitativo e qualitativo das qualificações exigidas, tentativa de esvaziamento da profissão de bancário, designadamente com a transferência progressiva de serviços para empresas de alugar de mão-de-obra e de trabalho temporário, aumento do fosso entre o trabalho produzido e o acesso profissional com a consequente degradação salarial, incremento de remunerações discriminatórias».

A corrente unitária defende a negociação da tabela salarial só depois de revisto o restante clausulado, sublinhando que não deve ser aceite, «seja em que circunstância for, a retirada de qualquer direito hoje existente». Neste sentido, avança propostas de revalorização profissional, garantia de direitos e dignidade da profissão, eliminação de discriminações entre bancários e alargamento de regalias sociais.

## PESCADORES PENALIZADOS

Medidas urgentes para evitar que se repitam episódios como o do passado domingo, na praia da Vagueira, foram exigidas pelo Sindicato dos Trabalhadores da Pesca do Norte, «sob pena de podermos considerar que o Governo, apesar do tão propalado diálogo, está a agir de má-fé». Naquela localidade piscatória do distrito de Aveiro os pescadores da arte xávega destruíram o pescado, em sinal de protesto por uma intervenção da brigada fiscal da GNR.

O sindicato repudiou estes acontecimentos, responsabilizando o Governo e sublinhando ser «inadmissível que, face aos atrasos verificados na regulamentação da arte xávega, continuem a ser os pescadores os penalizados pelos erros dos sucessivos governos no que se refere à falta de uma política nacional de pescas e à falta de regulamentação correcta desta e de outras artes da pesca artesanal».

O caso da arte xávega na Vagueira ocorre «numa altura em que tem vindo a ser prometida constantemente a regulamentação desta arte e quando, ainda não há duas semanas, este sindicato os pescadores se deslocaram ao Governo Civil de Aveiro, no sentido da resolução do problema» - frisa o sindicato, no ofício enviado segunda-feira ao primeiro-ministro, ao secretário de Estado das Pescas e ao Governo Civil, com conhecimento à comunicação social.

## DESPEDIMENTO NO FUNCHAL

O proprietário da Pastelaria Inglesa encerrou o estabelecimento em Julho, anunciando como pretexto o gozo de férias, mas com a intenção de encerramento definitivo - agora já conhecida. Ao denunciar a situação, que deixa mais 4 trabalhadores no desemprego, a Federação dos Sindicatos da Hotelaria e Turismo de Portugal acusa o patrão madeirense de ludibriar o pessoal e a lei, e recusar-se a cumprir e respeitar os direitos dos trabalhadores quanto às indemnizações legais estabelecidas.

Os trabalhadores e o sindicato reagiram, chegando mesmo a promover uma acção pública junto da pastelaria, reclamando a abertura do estabelecimento, que consideram rentável e viável. A federação afirma que, «com esta ocorrência, mais uma vez se prova a fragilidade da lei que permite a impunidade com que certos patrões actuam contra os direitos dos trabalhadores e os interesses da economia, justificando-se uma intervenção mais firme por parte do poder político na defesa dos interesses do turismo e do País».

## Nova ARS mantém tudo na mesma Quadro de enfermeiros a meio gás no Algarve

O Sindicato dos Enfermeiros Portugueses chama a atenção para os principais problemas que tratou na recente reunião com a Administração Regional de Saúde. A população tem sido discriminada em matéria de saúde pública, afirma o SEP, acusando os responsáveis da Saúde a nível nacional e local.

À revelia das orientações oficiais que deviam servir para todo o País, os centros de saúde no Algarve não podem assegurar às populações diversas actividades inerentes à promoção da saúde e à prevenção da doença. O rastreio da diabetes, da hipertensão ou do cancro da mama, a saúde oral, a saúde escolar e programas de ensino a grupos de risco são algumas das obrigações da Saúde Pública a que os algarvios não têm acesso. «Este conjunto de actividades deveria ser desempenhado por um mapa de pessoal de enfermagem que foi devidamente calculado para responder a estas carências, contudo, a redução de despesas com a saúde (política nacional) e algumas caóticas medidas gestórias da ARS do Algarve (política local) têm discriminado a população algarvia» nesta matéria - afirma o Sindicato dos Enfermeiros Portugueses.

Numa nota divulgada à imprensa no início da semana passada, depois de uma reunião entre representantes do sindicato e da ARS, a direcção regional do SEP realça que «a

Faltam 157 para serem 374

No mapa do pessoal de enfermagem da região, concebido para responder às necessidades da população residente, há 157 lugares que não estão preenchidos (num quadro que deveria ter 374 efectivos). Ao revelar estes números, o SEP alerta para as graves repercussões de tal carência.

Os enfermeiros em funções são atingidos pelo aumento dos

res vítimas, no plano imediato, mas, em particular, a médio/longo prazo», afirma o SEP, apontando a redução da qualidade de vida, o aumento da morbilidade e a sobrecarga dos orçamentos familiares com despesas de saúde. «Saúde que os cidadãos já pagam, através de impostos, mas que não lhes é prestada, em termos de prevenção», nota o sindicato.

Na reunião com as representantes da ARS, o SEP denunciou ainda o esbanjamento de recursos financeiros na aquisição de aparelhagem de análises clínicas para centros de saúde que não foram previamente dotados de técnicos de análises com qualificação para utilizar os equipamentos.

Os serviços da ARS assumiram alguns compromissos relativamente à resolução dos problemas dos horários e da organização do trabalho, que o sindicato explanou detalhadamente e com propostas, exigindo o cumprimento da lei. Também o alerta sindical sobre a falta de formação em serviço suscitou a promessa da ARS de reapreciar as suas prioridades - refere ainda a nota do Sindicato dos Enfermeiros Portugueses.



A população algarvia tem razões para estar descontente com a falta de respostas do Governo aos graves problemas no sector da saúde, agravados no verão com a chegada de milhares de turistas (foto de arquivo)

situação torna-se caótica com o aumento de população flutuante, que para aqui se desloca durante o verão, o que evidencia, apesar do conhecido PAMVA, a escandalosa ineficácia dos serviços de saúde, sobejamente denunciada pela população residente ao longo de todo o ano».

ritmos de trabalho, pela sobrecarga de horários extraordinários, por várias ilegalidades na organização dos horários de trabalho; tais condições de trabalho geram desmotivação e mesmo a saída de enfermeiros dos centros de saúde para os hospitais e para fora da região.

As populações são «as maio-

## Sindicalistas do Centro denunciam «pontos obscuros» na Segurança Social

Os representantes sindicais no Centro Regional de Segurança Social do Centro (que abrangem os distritos de Aveiro, Castelo Branco, Coimbra, Guarda, Leiria e Viseu) denunciaram na semana passada «uma situação que apresenta muitos pontos

obscuros», depois de uma reunião em que analisaram as formas de relacionamento daquele serviço público com a banca.



A CGTP insiste em defender a Segurança Social - para cujo orçamento é determinante a contribuição dos trabalhadores - dos ataques movidos pelo capital financeiro (foto de arquivo)

obscuros», depois de uma reunião em que analisaram as formas de relacionamento daquele serviço público com a banca.

As uniões de sindicatos daqueles distritos, no documento que divulgaram dia 12, referem que, «na actual escalada contra os direitos dos trabalha-

dores, a banca surge aliada ao restante sector financeiro, numa ofensiva que visa privatizar parte do serviço público de Segurança Social, nomeadamente as pensões, com o objectivo claro de obter elevados lucros à custa duma ainda maior

depreciação dos valores das reformas».

Os bancos já estão por dentro

Segurança Social», referem as estruturas distritais da CGTP, «a banca vai somando pontos e conta já com uma apreciável vantagem». Tal sucede porque «os bancos já estão por dentro da máquina, fornecendo serviços de forma a irem controlando as operações, com prejuízo dos beneficiários, os trabalhadores do sector e da eficácia do sistema». No comunicado é apontado, a propósito e «para se ter uma ideia dos valores que estão em jogo», que «os serviços da Segurança Social só aceitam o pagamento de contribuições até cem contos (o que exclui, na prática, qualquer

empresa com mais de 3 trabalhadores), devendo os pagamentos de valor superior ser feitos através dos bancos».

Também as prestações são pagas através da banca. Neste processo, segundo os sindicatos da CGTP na zona Centro, «foram detectadas situações em

que as prestações sociais são retidas, nalguns casos até ficarem fora de prazo, o que implica graves prejuízos aos trabalhadores dependentes daqueles valores e origina sistemáticas reclamações perante os serviços».

O entrelaçamento entre a banca e a Segurança Social é especialmente visível em Aveiro. Os representantes sindicais protestam contra o facto de o Banco Bilbao e Vizcaya ter sido autorizado a instalar uma agência nas instalações do Serviço Sub-Regional de Aveiro do CRSSC (onde funcionava o ex-centro distrital): «Em dias de maior movimento, todos os serviços são afectados, ao mesmo tempo que aquela instituição bancária, ainda por cima estrangeira, fica em posição privilegiada para captar os vultosos meios financeiros com que lida aquele serviço.»

Na nota divulgada à comunicação social, os sindicatos reclamam dos responsáveis do CRSS do Centro «a adopção de medidas que, dignificando os serviços perante a população, acabem de vez com esta indesejável interferência do sector financeiro na área da Segurança Social».



# Câmara de Tarouca instala ETAR em Reserva Ecológica

A propósito da instalação ilegal de uma ETAR pela Câmara Municipal de Tarouca, o Executivo da Direcção da Organização Regional de Viseu do PCP emitiu, em 13 de Agosto, uma nota à comunicação social.

Afirmado que os eleitos da CDU há muito vêm denunciando toda uma série de irregularidades e ilegalidades cometidas pela gestão PSD no concelho, os comunistas alertam agora a opinião pública para a implantação ilegal de uma Estação de Tratamento de Águas Residuais que contraria as soluções preconizadas pelo PDM aprovado por todas as forças políticas da região. É na sequência de mais esta denúncia da CDU que o presidente da Câmara de Tarouca, temendo o embargo da obra, decidiu entretanto suspendê-la.

Numa ilegalidade flagrante, o presidente da Câmara Municipal de Tarouca havia ordenado o início da construção de uma ETAR na Freguesia de Mondim da Beira «num local abrangido pela Reserva Ecológica Nacional, em terrenos de máxima infiltração de águas e a cerca de 300 metros das captações de águas para o abastecimento domiciliário à freguesia!», acusa o PCP, ao mesmo tempo que lembra os caminhos apontados pelo PDM para o tratamento das águas residuais: utilização optimizada da actual ETAR existente em Tarouca (hoje subaproveitada), com o escoamento dos esgotos de Mondim da Beira e de Dalvares e posteriormente de S. João de Tarouca, Teixelo e Vilarinho e ainda a possibilidade de uma nova ETAR, mas sempre a jusante de Tarouca, abaixo de Ucanha e Gouviães, de modo a servir praticamente todo o concelho.



Câmara de Tarouca defende construção de ETAR em local abrangido pela Reserva Ecológica Nacional

Os comunistas consideram que a «estranha "solução"» da maioria PSD não só é ilegal como lesiva dos interesses do município, na medida em que a proximidade das captações de águas de consumo domiciliário e a falta de segurança contra contaminações das águas do rio Barosa põem em causa a saúde pública e ainda a fauna, a flora e as praias fluviais existentes nas suas margens. Para além de os seus custos resultarem muito mais elevados do que os inerentes à solução do PDM!

Lamentando que a Direcção Regional do Ambiente não tenha ainda embargado esta obra, a DORV do PCP diz esperar que a legalidade seja rapidamente colocada nas terras de Tarouca.

## Os ataques às funções sociais do Estado

Através de mais um relatório supostamente «independente» e «puramente» económico, a OCDE vem reforçar as pressões sobre o governo português no sentido de evitar a todo o custo o aumento dos salários dos funcionários públicos, prevendo, como está, um crescimento da economia nacional aquém da meta estabelecida pelo Governo para este ano, denuncia o secretariado do Organismo de Direcção da Função Pública do PCP, em nota à comunicação social de 12 de Agosto.

O «mais interessante», considera o PCP, é que estes relatórios da OCDE vêm sempre acompanhados de «recomendações» de carácter neoliberal, onde o ataque à Segurança Social e a «flexibilização do mercado de trabalho» surgem como prioridades. E a «independência» de que pretendem revestir-se mais não visa que reforçar a «credibilidade» das pretensões do patronato - «pois é disso que se trata» -, «atacando pilares básicos das funções sociais do Estado e dos direitos de quem trabalha: a Segurança Social, as leis laborais, o subsídio de desemprego».

Por último, os comunistas estranham que, fazendo o relatório uma análise da evolução económica dos últimos dois anos, e estando o actual governo em exercício há quase um ano, não se verifique qualquer descontinuidade de políticas e orientações económicas fundamentais. Tal facto - afirmam -, indiciando não existirem diferenças substanciais entre as políticas do PSD e do PS, mostra que também a luta que se vinha desenvolvendo contra a política do governo PSD «não exige mudanças substanciais».

## NACIONAL

### Melhores estradas em Évora

Vão arrancar no decorrer do mês em curso obras de beneficiação em cerca de 340 quilómetros de estradas e caminhos municipais em todo o distrito de Évora. Estas obras, da inicia-



tiva da Associação de Municípios do Distrito de Évora, beneficiarão vias degradadas pelas chuvas do último Inverno, em doze dos 14 municípios do distrito, através de um projecto intermunicipal, apoiado pelo Programa Operacional Regional do Alentejo. Este investimento ronda os 500 mil contos.

### Geminação de Loures e Diu

Está previsto para Outubro próximo o acto que geminará o concelho de Loures e o distrito de Diu, na Índia. Os termos do protocolo foram recentemente analisados no decorrer de uma visita de Demétrio Alves a Diu, que culminou uma série de contactos iniciados há muitos meses. No encontro com o administrador daquele município foram debatidas, designadamente, questões como a promoção e o desenvolvimento de projectos de cooperação nas áreas da cultura (património arquitectónico, linguístico, religioso, musical e literário), educação (ensino das línguas e filosofia da educação), desporto, migrações contemporâneas e desenvolvimento económico.

### "Verdes" denunciam destruição de duna

O Partido Ecologista os "Verdes" denunciou a destruição de uma duna em Gulpilhares, Miramar. A acção foi recentemente levada a cabo, num domingo, por uma escavadora que terraplanou o cordão dunar paralelo à Rua Comandante Carvalho Araújo, para dar lugar a barracas de praias.

O facto de este crime ter sido cometido durante o fim-de-semana, segundo uma nota de "Os Verdes" dirigida aos órgãos de informação, impossibilitou uma reacção mais enérgica dos moradores, que chegaram a contactar, sem êxito, a Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia e a Capitania.

Entendendo que este caso vem agravar o estado de erosão e degradação em que se encontra todo o litoral português, "Os Verdes" anunciaram entretanto o seu propósito de apresentar um requerimento à Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia no sentido de denunciar o sucedido e questionar a autarquia sobre as medidas adoptadas ou a adoptar com vista ao apuramento de responsabilidades.

### Barreiro melhora vias

Estava previsto para segunda-feira passada o início das obras de alargamento e pavimentação da Rotunda do Lavradio, no Barreiro. Da iniciativa da Câmara Municipal, esta obra insere-se no programa de reordenamento do trânsito que tem vindo a ser aplicado um pouco por todo o concelho e que visa o seu melhoramento.

O projecto prevê o prolongamento das duas faixas da via rápida, a criação de duas faixas na rotunda, uma faixa lateral no sentido da Baixa da Banheira e outra para o Alto do Seixalinho, bem como melhoramento da rede de iluminação.

Estas obras, que se prolongarão por um período de 60 dias, estão orçadas em 20 mil contos.

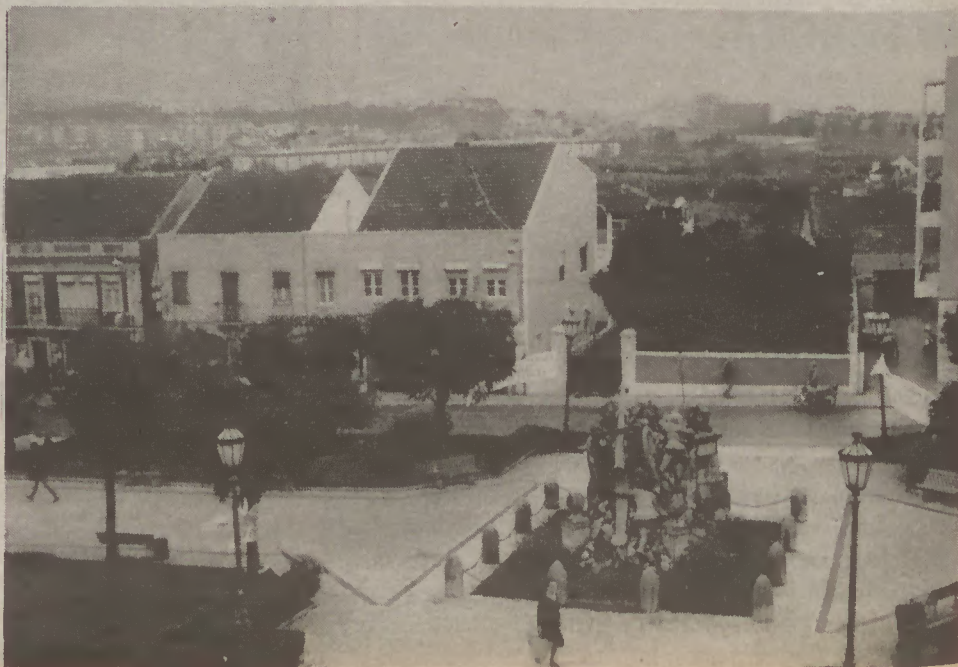
## Central de Resíduos Sólidos Governo falha compromissos e Loures inviabiliza a construção

O Município de Loures inviabilizou para já a construção da Central de Tratamento de Resíduos Sólidos e Urbanos por considerar não haver garantias quanto à premissa relativa às acessibilidades ao local. Este veto, assumido pelo representante da Câmara Municipal de Loures na última reunião do conselho de administração da Valorsul, impede na prática o prosseguimento do projecto. Qualquer alteração a esta posição, conforme foi sublinhado na declaração de voto proferida pelo representante de Loures, fica dependente de estarem reunidas as necessárias condições que garantam o cumprimento dos compromissos anteriormente assumidos, nomeadamente por parte do Governo.

Recorde-se que uma das garantias é preci-

samente a construção da variante à Estrada Nacional 10, via considerada indispensável para que com a entrada em funcionamento da central de tratamento não ocorram novos agravamentos no plano da já de si crítica situação rodoviária naquela área do concelho.

Esta posição do município de Loures é de há muito conhecida, tendo ainda no início do passado mês de Julho sido reiterada a propósito do seu parecer sobre o estudo de impacte ambiental (EIA), que acabou por apreciado favoravelmente mas condicionado à existência de garantias formais quanto à construção da variante à EN 10, em coerência, aliás, com aquilo que o próprio EIA considera ser indispensável para o projecto em matéria de acessibilidades.





## PLENÁRIOS DE MILITANTES

### BARREIRO

Com a presença do camarada Jorgé Pires, do Secretariado do Partido, realiza-se hoje, quinta-feira, dia 22, no Centro de Trabalho do Barreiro, um plenário concelhio sobre a XX Festa do Avante.

### LISBOA

Na próxima segunda-feira, dia 26, às 18.30 horas, realiza-se no Centro de Trabalho Vitória um plenário de militantes do Bairro Alto, Bica, Alfama, Castelo, Mouraria, Baixa e Avenida, para discutir a situação política e social e a Festa do Avante.

### SINTRA

Também no dia 28, às 21.30 horas, no Centro de Trabalho de Sintra, realiza-se o plenário mensal de militantes das freguesias de Santa Maria, S. Miguel e S. Martinho.

## SETÚBAL

### Renault «faz de conta»

A Comissão Concelhia de Setúbal do PCP, ao tomar conhecimento, em 8 de Agosto, do pedido de parecer feito pela Administração da Renault à Comissão de Trabalhadores sobre a transferência da fábrica de Setúbal para uma empresa de capitais públicos denominada SODIA, parecer aliás obrigatório pela lei 46/79 - das Comissões de Trabalhadores, emitiu uma nota à comunicação social onde considera «que a Renault, com a cobertura do Governo, aproveitou o período de férias para, em cima do acontecimento, "fazer de conta" que cumpria a lei, conhecendo que a esmagadora maioria dos trabalhadores e seus representantes se encontram de férias e dessa forma os excluir do processo.»

E continua: «O PCP repudia este tipo de procedimento, considerando-o uma manobra de política baixa, pois por um lado, na prática, não se respeita a lei, e por outro faz cair o propagandeado diálogo que o Governo do Partido Socialista insiste em fazer crer ter com os trabalhadores.»

Por fim, a Comissão Concelhia de Setúbal do PCP «manifesta mais uma vez a sua solidariedade para com os trabalhadores da Renault e exorta-os a materem com firmeza a defesa dos seus direitos, particularmente dos postos de trabalho».

## FREAMUNDE

### Foi à «Festada»

Decorreu nos passados dias 16 e 17 de Agosto a já tradicional festa «Vamos à Festada», organizada pela Comissão Concelhia de Paços de Ferreira. Este ano foi no recinto da Feira Nova, em Freamunde. As mais de mil pessoas que visitaram o recinto puderam assistir na sexta-feira à actuação de dois grupos, um de música rock e outro de música tradicional, e no sábado ao festival de folclore que aí se realizou.

A principal intervenção política esteve a cargo de António Lopes, membro da Comissão Política do Comité Central do PCP, que referiu, entre outros aspectos, o aumento do desemprego e a crescente precarização das relações de trabalho. Referindo-se ainda à actuação do Governo PS, lamentou as cedências verificadas em matéria de regionalização, esquecendo o que sobre o assunto está estipulado há cerca de 20 anos na Constituição da República Portuguesa. A polémica verificada à volta da instalação de uma fábrica da Siemens em Vila do Conde, em detrimento de Maia, mereceu também algumas palavras do dirigente comunista, que criticou o facto de o investimento anunciado ser, em grande parte, financiado a fundo perdido pelo Estado português, mais de 40 milhões de contos que vão sair do bolso dos contribuintes.

## FAIAL

### JCP reaparece confiante

Após um longo interregno, volta a existir no Faial, como estrutura organizada, a Juventude Comunista Portuguesa. Em nota à comunicação social, os jovens comunistas açorianos informam que «a JCP da Ilha do Faial nasce da vontade de alguns jovens que pensam e agem de forma a tentar melhorar e advertir a sociedade para muitos dos problemas sociais com que, hoje em dia, nos debatemos e que persistem em permanecer inalteráveis».

Referindo alguns desses problemas, os jovens comunistas abordam o desemprego dos jovens, cuja taxa na Região - a mais alta do país - atinge os 44,4%, a formação profissional e a situação da Educação, entre outros.

«Somos iguais a tantos outros jovens na partilha dos sonhos, aspirações e desejos. Somos iguais na imensa alegria de quem confia no futuro, mas também na preocupação dos problemas resultantes da realidade que é o nosso presente», afirma o núcleo da JCP agora reactivado no Faial, considerando que a sua diferença está no facto de pensarem que «não basta confiar no futuro - é necessário construí-lo hoje». Vivemos a transformar a vida, afirma a Juventude Comunista, convidando os jovens faialenses a participarem a seu lado na JCP.

## Vítor Dias comenta críticas do PSD ao PS

# Conflitos verbais escondem acordo nas opções

O discurso de Marcelo Rebelo de Sousa, na Festa do Pontal, no passado sábado, mereceu de Vítor Dias, membro da Comissão Política, o seguinte comentário:

«No essencial, o discurso de Marcelo Rebelo de Sousa constituiu mais um episódio do artifício espectacular que PSD e PS passam a vida a encenar perante a opinião pública.

Em boa vontade, PS e PSD ocupam boa parte do seu tempo e do seu discurso a acentuar conflitos verbais, a empolar divergências acessórias e a criar falsas dramatizações precisamente porque estão inteiramente de acordo nas grandes opções de fundo e nas políticas mais estruturantes - política económica, política de integração europeia

(convergência nominal e marcha para a moeda única), privatizações e restrições aos direitos sociais - isto é, em tudo o que realmente determina o rumo do país e a vida dos portugueses.

Marcelo Rebelo de Sousa bem pode falar indignadamente do desemprego mas a verdade é que o PSD é cúmplice da política que causa o aumento do desemprego, sendo de recordar que foi o próprio PSD que disse que as medidas contra o desemprego adoptadas pelo Governo do PS eram uma cópia das que o Governo de Cavaco Silva tinha adoptado, aliás sem quaisquer resultados positivos.

O líder do PSD bem pode propor agora a proibição do financiamento dos partidos pelas empresas, mas devia pelo menos reconhecer que essa proposta foi repetidamente apresentada pelo PCP e sistematicamente chumbada não apenas pelo PS e pelo PP mas também pelo PSD.

Marcelo Rebelo de Sousa bem pode fazer mais desafios e reptos ao PS em matéria de regionalização, de referendo e revisão constitucional, mas mais valia que tivesse a franqueza de contar ao país que, em sede de revisão constitucional, já chegou a acordos com o PS que representam soluções absurdas e altamente comprometedoras da regionalização e impedem o povo português de se pronunciar em

referendo sobre a revisão do Tratado de Maastricht e a moeda única.

O líder do PSD bem pode colocar condições ou fazer ameaças ao PS a respeito do Orçamento de Estado para 1996, mas tudo isso é muito pouco sério e credível quando há muito que é evidente que o PSD já deu ao PS todos os sinais de que não quer votar contra o OE e quando já está divulgado que, em qualquer caso, os deputados do PSD dos Açores e da Madeira garantiriam a viabilização do Orçamento.

Decididamente não é do confronto entre PS e PSD que poderá emergir a esperança da nova política de que o país precisa para responder aos seus graves problemas.»

## Para alterar situação nos transportes Belas elege Comissão de Utentes

Depois de entregar à VIMECA - empresa concessionária dos transportes rodoviários na freguesia de Belas - um abaixo-assinado que em apenas dois dias recolheu largas centenas de assinaturas, os eleitos da CDU da Freguesia, considerando insuficientes as alterações entretanto realizadas, convocou uma

reunião de todos os interessados na discussão do problema dos transportes.

Na reunião, que se realizou no passado dia 9 de Agosto no salão dos Bombeiros Voluntários, apesar do período de férias, estiveram presentes 60 pessoas, demonstrando uma forte vontade de participar na

discussão do problema e elegendo uma Comissão de Utentes composta por 15 pessoas, utentes e moradoras na freguesia.

A Comissão de Utentes eleita, e futura interlocutora junto da VIMECA, reunir-se-á brevemente para analisar a questão dos horários de Inverno,

que servirão também a população escolar da zona, as reposições de carreiras e percursos, retirados sem consulta à população, os passes sociais e aplicação de módulos, considerados excessivos em algumas circulações na freguesia, assim como propostas a apresentar à referida empresa.

### CAMARADAS FALECIDOS

## Faleceu Alberto Vilaverde Cabral

Faleceu no dia 20 de Agosto, com 54 anos, o jornalista Alberto Vilaverde Cabral.

Militante do PCP desde antes do 25 de Abril, o camarada foi membro da Comissão Executiva Nacional da CDE. Já depois do 25 de Abril fez parte da Direcção do Sector de Informação da Organização Regional de Lisboa do PCP e foi um destacado quadro do Sector Intelectual. Foi colaborador da Secção Internacional.

No plano profissional foi redactor da *Associated Press* e do *Diário de Lisboa*. Depois do 25 de Abril, na RTP, foi responsável pelo Telejornal. Foi o primeiro presidente do Conselho de Administração da ANOP. Foi fundador do *Jornal o diário*,

onde trabalhou até ao seu encerramento, dirigindo a sua secção internacional. Trabalhou na Câmara Municipal de Loures e mais recentemente foi comentador da TSF. Publicou os livros «Comentários ao dia-a-dia internacional» e, em co-autoria com José Garibaldi, «Chile, uma etape necessária». Colaborou também com a Redacção do *Avante!*, tendo publicado vários artigos no nosso jornal.

Alberto Vilaverde Cabral era casado com Marília Vilaverde Cabral, do Comité Central do PCP, e pai de Manuel, Joana e Teresa Vilaverde Cabral.

À sua família e amigos, o colectivo do «Avante!» manifesta sentidas condolências.



### Mário Correia Cabrito

Após prolongada doença, faleceu no dia 8 de Agosto o camarada Mário Correia Cabrito, com 71 anos de idade. Militante do Partido antes do 25 de Abril, cantoneiro na Estrada de Malpica do Tejo/Monforte da Beira, conhecedor da fronteira espanhola, ajudou a «passar» alguns camaradas clandestinos. Reconhecido antifascista e poeta popular, grangeou merecido prestígio junto da juventude e da população de Malpica do Tejo, onde residia, fazendo parte da Comissão de Freguesia do PCP.

### Mário Tiago Fernandes

Na cidade de Rio de Janeiro, faleceu aos 73 anos de idade o camarada Mário Tiago Fernandes. Antifascista de longa data, Mário Tiago participou activamente das lutas democráticas no MUD e na campanha Norton de Matos à presidência da República.

Residia actualmente no Rio de Janeiro, sendo membro da Organização do Partido no Brasil.

### Marcelino Rosa Júnior

Com 76 anos de idade, faleceu no passado dia 11 de Agosto o

camarada Marcelino Rosa Júnior. Organizado na Comissão de Freguesia da Charneca de Caparica, Marcelino Rosa Júnior era dirigente da CURPI - Comissão Unitária de Reformados, Pensionistas e Idosos da Charneca de Caparica.

### Augusto Francisco Oliveira Carvalho

Faleceu recentemente, com 64 anos de idade, o camarada Augusto Francisco Oliveira Carvalho. Militante activo, este camarada estava organizado na freguesia da Ajuda, em Lisboa.

### França Rodrigues de Oliveira

Com 71 anos de idade, faleceu recentemente França Rodrigues de Oliveira, camarada que militava activamente na Freguesia da Ajuda.

★ ★ ★

Aos familiares e amigos dos comunistas falecidos, o colectivo do «Avante!» manifesta sentidas condolências.



## INTERNACIONAL

# A máscara esburacada de Bill Clinton

■ Miguel Urbano Rodrigues

## Ruanda

Segundo a Amnistia Internacional, 650 pessoas morreram no Ruanda no primeiro semestre de 1996, vítimas do Exército Patriótico Ruandês ou da oposição armada. Desse número a esmagadora maioria são civis não armados, entre os quais muitas mulheres, idosos e crianças. Conforme refere o relatório da AI divulgado na semana passada, o aumento dos ataques pelos grupos de oposição armada «conduziu a um aumento equivalente das execuções sumárias de civis não armados pelo exército».

## Escravidão

Um documento das Nações Unidas sobre «as formas contemporâneas de escravatura» revelou, na semana passada, que 50 milhões de crianças indianas são obrigadas a trabalhar, meio milhão de jovens se prostituí na cidade de S. Paulo, no Brasil, e que várias famílias tibetanas são escravizadas há várias gerações. O baixo nível de vida dos trabalhadores migrantes empregados nos países do Golfo Pérsico, Reino Unido, Holanda e Grécia é considerado outra forma de escravatura. Na mesma altura, na Índia, onde mais de 55 milhões de crianças são mantidas na servidão, 250 jovens, com idades compreendidas entre os 6 e os 12 anos, manifestaram-se contra a exploração escravagista de crianças.

## Descobertas em Júpiter

A lua «Europa» do planeta Júpiter poderá ter água e alguma forma primitiva de vida. Perante os dados e as imagens enviadas pela sonda da NASA «Galileu», os cientistas concluem que essa lua pode ter uma massa de água e cavidades formadas entre a capa de gelo que a cobre e a superfície, local onde poderão existir as condições necessárias para o desenvolvimento de algum tipo primitivo de vida.

## Desarmamento nuclear

Em curso há três anos, as últimas conversações sobre um tratado de interdição a ensaios nucleares foram marcadas pelo fracasso, mais uma vez. O malogro será confirmado quando a Índia e o Irão apresentarem o veto ao actual projecto. Perante o impasse no comité de trabalho, ambos os países se opõem à hipótese de o documento ser submetido aos delegados de 61 países membros da conferência em sessão plenária. Numerosos países, entre os quais as cinco potências nucleares, aceitaram já o actual projecto.

## Bósnia

A violência e as restrições à liberdade de movimentos na ex-

A aprovação pelo Congresso dos EUA da lei que reduz drasticamente subsídios e outros benefícios que os pobres norte-americanos obtinham do chamado *Welfare* (bem-estar) veio chamar uma vez mais a atenção para as contradições de um presidente de débil personalidade e sem convicções que na Casa Branca tem desenvolvido uma política não apenas distante mas frontalmente incompatível com o conteúdo básico do programa com que se apresentou ao eleitorado.

No ano de 1992, durante a campanha, Bill Clinton simulou ser um liberal progressista. Comprometeu-se então a tomar as iniciativas necessárias à redução do fosso cada vez maior que nos EUA separa os ricos dos pobres. Uma das bases da sua estratégia seria o reforço dos mecanismos do *Welfare State* rooseveltiano, de modo a ampliar a intervenção do Estado na saúde, no ensino, na assistência aos pobres e desempregados, na Previdência em geral.

Durante os dois primeiros anos do seu mandato, Clinton defendeu sem convicção tímidos projectos na área social relacionados com o *Welfare*. Não se empenhou no diálogo com o Congresso e acabou por ceder a pressões do grande capital e dos grupos mais radicais da direita norte-americana. A troca de pequenos favores do Senado e da Câmara dos Representantes, negociou em cada caso o abandono das suas iniciativas sociais, ou seja, aquelas que, segundo os epígonos da Casa Branca, fariam dele um segundo Roosevelt.

Os adversários não exploraram os seus recuos e desistências. Nada fizeram para lhe desgastar mais a imagem. Já então nos corredores do Congresso se comentava ironicamente que dificilmente um presidente republicano poderia desenvolver uma política que respondesse tão abertamente aos interesses do partido como a executada sob a administração do democrata Bill Clinton.

O corolário dessa política de capitulação ininterrupta chegou na última semana de Julho com a liquidação da maior parte do que restava do insuficiente *Welfare*. Clinton apareceu na TV dizendo estar triste por não haver condições para melhorar a situação dos pobres da nação. Simultaneamente declarou-se identificado com o espírito e a letra da lei que vai agravar muito a pobreza. O Presidente falou da decisão tomada como se ela fosse uma inevitabilidade histórica. Pior ainda: sugeriu que sem a nova lei o país

avançaria para um desastre e que o sistema de assistência pública iria à falência.

Na prática, a União com os cortes impostos vai gastar menos 55 mil milhões de dólares em seis anos e a responsabilidade pela assistência pública é transferida da Administração federal para os Estados. Os subsídios aos desempregados são brutalmente reduzidos assim como os benefícios anteriormente atribuídos às mães menores. Os imigrantes legais perdem o direito a quaisquer subsídios se não adoptarem a nacionalidade norte-americana. Essa disposição é particularmente cruel e também absurda porque a lei geral impede os imigrantes de se nacionalizarem antes de cinco anos de residência no país.

O choque emocional provocado pela nova legislação no mundo dos pobres (oficialmente 40 milhões) foi enorme. A Administração entregava cupões gratuitos de alimentação a 26 milhões de pessoas. Mais de 13 milhões de cidadãos próximos da indigência e com filhos menores eram beneficiados através de um fundo que dispunha anualmente de 22 mil milhões; e 9 milhões de crianças filhas de pais incógnitos ou de mães solteiras eram contempladas com subsídios.

Numa decisão que foi qualificada de hipócrita nos meios progressistas, o Congresso, 48 horas depois de apunhalar o *Welfare*, aprovou uma lei que elevou em 90 centavos de dólar o salário mínimo.

Na opinião dos dirigentes do Partido Republicano (e de numerosos parlamentares do Partido Democrata) o sistema de assistência pública só contribuía para «fabricar vadios que fogem ao trabalho». Essa é a moral do *establishment* norte-americano.

A nova lei é, entretanto, tão ostensivamente reaccionária e desumana que 21 senadores votaram contra ela. Uma personalidade bem conhecida pelas suas posições conservadoras, o senador Patrick Moynham justificou a sua oposição num desabafo: «Isto não é a reforma do *Welfare*

re; é apenas o primeiro passo para dismantelar um contrato social em vigor desde os anos 30.» Moynham – recorde-se – era embaixador dos EUA nas Nações Unidas quando a Indonésia invadiu Timor-Leste e nas suas Memórias teve a franqueza de confessar que cumpriu com zelo e disciplina a tarefa que o Departamento de Estado então lhe atribuiu: impedir que o Conselho de Segurança aprovasse quaisquer medidas que atingissem os interesses da Indonésia...

A transferência para os Estados da responsabilidade pelo sistema de assistência pública promete ser uma fonte de futuros escândalos. Segundo o prof. William Dickens, da Brookings Institution, «a entrega aos Estados do controlo dos recursos económicos do *Welfare* oferece aos governadores a oportunidade de desviar fundos destinados aos grupos politicamente débeis (os pobres) para os entregar a sectores muito mais interessantes do ponto de vista eleitoral».

Existe, por ora, uma certeza: as condições de vida, precaríssimas, de deze-

nas de milhões de pobres vão agravar-se muito. O país que pretende marcar o rumo da Humanidade e que se apresenta como modelo da moderna democracia, e defensor sem desfalecimentos dos direitos humanos, o Estado-pulmão do sistema capitalista e farol da globalização – anuncia ao resto da Humanidade que não se acha em condições de manter uma ajuda aos pobres que já era bem inferior à garantida pelos sistemas de previdência da maioria dos países da União Europeia.

Clinton cumpriu o papel que lhe foi distribuído pelo sistema. O presidente que proclamava a necessidade urgente de aumentar os recursos do *Welfare* porque eram insuficientes para atenuar as consequências da pobreza galopante, deu, em plena campanha eleitoral, o dito por não dito. Agora vem golpear o anémico *Welfare* existente alegando que, bem vistas as coisas, custa muito dinheiro e o Estado deve reduzir o dinheiro gasto com os pobres.

Que notável Presidente!



## Argentina Greve geral contra política de austeridade

A principal central sindical argentina, CGT, anunciou a convocação de uma greve geral de trinta e seis horas para protestar contra as medidas económicas anunciadas pelo governo. Esta greve deverá realizar-se em fins de Agosto, princípios de Setembro.

Há duas semanas, a Argentina foi paralisada com uma greve geral de vinte e quatro horas, que registou uma adesão entre 70% e 100%, conforme as diferentes regiões do país.

Esta greve foi convocada pelas três centrais sindicais - o

Movimento dos Trabalhadores Argentinos (MTA), o Congresso dos Trabalhadores Argentinos (CTA) e a Confederação Geral do Trabalho (CGT), e registou a maior adesão no conjunto das cinco greves gerais realizadas desde o início do primeiro mandato do presidente Carlos Menem, há sete anos.

A greve levou à paralisação dos transportes urbanos e afectou os transportes aéreos internacionais. O pequeno comércio e a pequena indústria encerraram como forma de solidariedade com o movimento grevístico

e em diversas cidades decorreram manifestações dos trabalhadores do sector público e privado.

Horas antes da manifestação, a polícia expulsou as Mães da Praça de Maio que, todas as semanas, há já 19 anos, se concentram nesta praça exigindo a verdade sobre os desaparecidos no tempo da ditadura. A polícia utilizou ainda gases lacrimogéneos e paralisantes para impedir a instalação de *sopas populares* em diversos pontos da capital.

Estas manifestações e protestos põem em causa as reformas

orçamentais entretanto anunciadas, que incluem nomeadamente aumentos de impostos e a política de privatizações promovida pelo governo de Menem.

O parlamento argentino acaba de aprovar a venda das centrais nucleares. Está igualmente prevista a privatização dos aeroportos, dos Correios e da barragem de Yacireta.

A situação socioeconómica do país é particularmente difícil, com níveis de desemprego que ultrapassam 22% da população activa, enquanto o subemprego atinge os 30%.

Os responsáveis sindicais consideraram a greve geral e as manifestações que a acompanharam como «um verdadeiro plebiscito nacional».

Há, entretanto, quem aprove a antipopular política económica do governo argentino - para o FMI, as medidas de austeridade repudiadas pelos grevistas e manifestantes «constituem uma confirmação, bem-vinda, da determinação das autoridades em reforçar o plano de conversão». Uma vez mais os interesses do capital como prioridade.



## INTERNACIONAL

## Chipre

# Dois jovens assassinados pelo exército turco

Mantem-se um clima de grande tensão na sequência dos dramáticos acontecimentos da semana passada em Chipre, em que dois jovens foram assassinados pelas forças ocupantes turcas, na zona tampão que divide artificialmente a ilha (a existência política da parte turca é apenas reconhecida pela própria Turquia).

No passado dia 14, um manifestante cipriota-grego foi morto e 11 pessoas ficaram feridas (entre as quais dois "capacetes azuis"), durante uma manifestação na zona tampão, contra a ocupação turca.

O jovem assassinado, Solomos Solomou, de 26 anos, acabava de assistir ao funeral de outro cipriota grego, Tassos Issac, de 24 anos, seu primo, espancado até à morte, três dias antes, no mesmo local, na mais violenta acção repressiva

dos últimos 22 anos, e de que resultaram cerca de 50 feridos.

Depois do funeral, centenas de cipriotas gregos tentaram colocar uma coroa de flores no local onde fora morto Issac. Solomou tentou então tirar uma bandeira turca e as forças cipriotas-turcas abriram fogo, atingindo-o mortalmente com um tiro na cabeça.

Os graves acontecimentos destes dias vêm uma vez mais chamar a atenção para a realidade que se vive em Chipre, arbitrariamente dividida desde 1974, quando, a pretexto de

defender a minoria muçulmana de cipriotas turcos, a Turquia invade a ilha, ocupa 37% do território do Norte e aí instala uma força militar de 35 mil homens.

As conversações para a paz têm vindo a arrastar-se já há dez anos.

De notar que o actual primeiro-ministro turco, Erbakan, era vice-primeiro ministro quando da invasão de Chipre.

A brutal repressão que agora atingiu os manifestantes cipriotas-gregos insere-se numa escalada de tensão que se tem

vindo a registar desde o início do ano. Exactamente desde o anúncio, por parte da União Europeia, de que iriam iniciarse negociações para a adesão de Chipre. Na verdade teme-se em Ankara pressões no sentido da aplicação das resoluções da ONU. O que na prática representaria o fim da república fantoche turca em Chipre, a retirada das tropas turcas e mesmo o represso dos milhares de "colonos" instalados na zona ocupada para criar uma situação de facto, dificultando um real processo de paz.

-Jugoslávia podem comprometer o carácter livre e democrático das eleições do próximo mês no território, afirmou o presidente da Organização para a Segurança e Cooperação na Europa, citado pela agência Lusa. «A um mês das eleições, o regresso dos refugiados continua a enfrentar obstáculos e as tentativas de criar Estados etnicamente puros continua a prevalecer», acrescentou Flavio Cotti.

### Índia

Os conflitos em Caxemira entre os independentistas e as forças de segurança indianas continuam a fazer vítimas. No dia 14, vinte pessoas morreram em confrontos entre os guerrilheiros muçulmanos e a polícia da União Indiana. Isto, no dia em que o Governo adiou para 7 de Setembro as eleições provinciais, as primeiras desde há nove anos devido aos problemas que se têm registado na região. Sublinhe-se que este é o único estado indiano de maioria muçulmana e que em 1989 se deu uma insurreição separatista.

### Brasil

Escassas semanas após o Encontro Intergalático Contra o Neoliberalismo, promovido em Chiapas pelo Exército Zapatista de Libertação Nacional, os rebeldes mexicanos foram convidados pelo Movimento dos Sem-Terra, do Brasil, para uma visita a este país, de forma a conhecer melhor a luta aí travada pela reforma agrária e a trocar experiências nas áreas das iniciativas populares de reivindicação. Segundo uma revista brasileira, os Sem-Terra brasileiros preparam-se para criar uma «zona livre», à semelhança do que acontece em Chiapas com os zapatistas.

### México

O procurador-geral da República mexicana destituiu 737 elementos da Polícia Judiciária federal, para tornar «eficiente e respeitável» aquela instituição de forma a fazer frente à ameaça do crime organizado. Esta «limpeza» apoia-se nos resultados de teste feitos aos agentes e que revelaram que os homens exonerados «não têm o perfil ético que a sociedade deles exige e que devem exigir a todos os que estão encarregados de procurar a justiça».

### Jordânia

Durante quatro dias, a população de quatro cidades do sul da Jordânia participou em vários motins contra o aumento do preço do pão para mais do dobro, respondendo ao apelo de partidos de esquerda. A reacção da polícia não se fez esperar e o rei Hussein ordenou de imediato a intervenção do exército. Num discurso sobre a situação, Hussein afirmou que aconselhou as forças de segurança «a usar pulso de ferro».

## Indonésia

# Achas para a fogueira

Oito jovens timorenses pediram asilo político, na sexta-feira, na Embaixada francesa em Jacarta, na véspera do aniversário da proclamação da independência da Indonésia. O Ministério dos Negócios Estrangeiros francês disse, na ocasião, que pretendia resolver a questão «tendo em conta os aspectos humanitários». Mais uma vez a questão foi resolvida por Portugal, que recebeu os refugiados na segunda-feira, com a ajuda da Cruz Vermelha Internacional, que organizou a viagem.

Gritando «Viva Timor-Leste, viva Xanana», os timorenses entraram em território português com a garantia

aos jornalistas que não vão desistir da luta pela autonomia do seu território.

Desde Novembro do ano passado, este foi o décimo quinto grupo de timorenses que se refugiou numa embaixada na capital indonésia. No total, desde 1995, 76 timorenses pediram já asilo político.

Entretanto, em Madrid, realizou-se anteontem uma manifestação em frente à Embaixada indonésia organizada pela Resistência Nacional dos Estudantes de Timor-Leste. Esta iniciativa, além de reivindicar a independência de Timor, pretendia assinalar o vigésimo aniversário das Forças Armadas da Libertação Nacional

de Timor-Leste. Na ocasião, foi entregue uma petição dirigida a Suharto, em que se apela à libertação de Xanana Gusmão, um membro do Partido Popular Democrático da Indonésia (PRD) e a dois activistas dos direitos humanos.

Na Indonésia, a perseguição aos movimentos democráticos continua. Megawati Sukarnoputri, dirigente da oposição indonésia, foi interrogada na quinta-feira sobre a sua alegada responsabilidade na «infiltração comunista» no Partido Democrático da Indonésia (PDI). Sukarnoputri, filha de Sukarno, o presidente deposto por Suharto em 1965, desmentiu qualquer relação com o PRD, acusa-

do pelas forças de segurança como responsável pelos motins de Jacarta de Julho passado.

Numa entrevista a um periódico japonês, o presidente indonésio disse que apenas com a prisão de 123 activistas do PRD os «problemas» se resolverão. O PRD é visto pelo regime como herdeiro do Partido Comunista da Indonésia e o seu líder, Budiman Sudjatmiko, permanece há algum tempo na clandestinidade, acusado de subversão, crime que na Indonésia pode corresponder à pena de morte. Segundo a Antara, a agência oficial da Indonésia, 28 pretensos membros do PDR foram já presos, em Bali.



Tanto a população indonésia como a timorense vê o seu dia-a-dia marcado pela permanente presença do olhar repressivo das patrulhas militares e policiais



Texto: Anabela Fino  
Desenho: Jacques Cardon

## Neoliberalismo, crescimento eco

# O conto d

**A**bertura ao mercado internacional e aos capitais estrangeiros; supressão das subvenções e do controlo dos preços; redução das despesas públicas, em particular no que respeita à protecção social e à educação, bem como do número dos funcionários públicos e respectivos salários; desregulamentação das condições de trabalho e salariais, com incremento da «flexibilidade», da «polivalência», do trabalho precário; redução dos encargos fiscais sobre as empresas, o capital e os altos rendimentos: esta é, em síntese, a «fórmula mágica» imposta pelos chamados países desenvolvidos para garantir o crescimento económico.

Transformado num fim em si mesmo, ao serviço do grande capital e de camadas cada vez mais restritas da população mundial, o crescimento económico resultante do neoliberalismo está a cavar um fosso cada vez mais profundo entre ricos e pobres. A constatação desta realidade foi feita recentemente no Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), em cujo relatório anual se pode ler:

«O desenvolvimento humano é um fim de que o crescimento económico é um meio. O crescimento económico deve ter por finalidade enriquecer a vida das pessoas, o que raramente acontece. As últimas décadas mostram, de forma inequívoca, que não existe uma relação automática entre crescimento económico e desenvolvimento humano».

Os dados são elucidativos. Entre 1970 e 1985, o Produto Nacional Bruto (PNB) mundial aumentou de 40 por cento, mas em contrapartida, nos últimos trinta anos, o fosso entre ricos e pobres duplicou.

Segundo o relatório do PNUD, as formas actuais de crescimento económico não favorecem os países em vias de desenvolvimento, onde 1.3 mil milhões de pessoas, ou seja 33 por cento da respectiva população, vive ainda abaixo do limiar da pobreza (com menos de um dólar por dia).

Na União Europeia, o panorama, não sendo tão negro, está longe de ser animador: cerca de 20 milhões de desempregados e mais de 55 milhões de pobres.

Os «peritos» em crescimento económico, sejam eles do Banco Mundial, do Fundo Monetário Internacional, do G7 ou da União Europeia, não duvidam que tais resultados são um «mal necessário» e insistem em prescrever as mesmas receitas que, em particular desde os anos 80, aplicam generosamente em África, no Médio Oriente, na Ásia, na América Latina, com resultados transcritos em relatórios que as populações empobrecidas não lêem, mas que enchem de satisfação as elites dominantes, apreciadoras de índices estatísticos onde são classificadas como alunos bem comportados.

Os países da Europa Ocidental estão ainda longe dos resultados pretendidos. Por isso se assiste hoje ao que o circunspecto «Le Monde Diplomatique» de Julho último classificava de passagem a «uma fase mais brutal do tratamento». Trata-se, como denuncia aquele semanário, de «uma ofensiva sem precedentes e, pela primeira vez, coordenada: todos os poderes, político, administrativo, patronal, os intelectuais e os *media* estão mobilizados para tentar impor sem revolta social uma nova dose massiva de «rigor» e de «sacrifícios».

A experiência portuguesa confirma. Não há um dia em que se abra um jornal, se veja um noticiário televisivo, se ouça uma estação de rádio, sem que um membro do Governo, um analista, um comentador, um especialista, um dirigente de qualquer coisa, nos venha falar da necessidade de redução das despesas públicas, de contenção salarial, da política desinflationista, das exigências dos critérios de Maastricht para a moeda única.

O Governo, por seu lado, passada a demagogia das promessas eleitorais e dos discursos de mudança, insiste e acelera as políticas encetadas pelo executivo do PSD, chegando ao ponto de se vangloriar de fazer mais e mais depressa.

Não há nenhuma originalidade nas opções do Governo, posto que todas foram em devido tempo decididas por quem de facto decide, e todas estão a ser implementadas pelos Quinze com a determinação de uma fuga em frente.

A desregulamentação do trabalho, que representa de facto o mais grave atentado aos direitos dos trabalhadores duramente conquistados em décadas de luta e que seria suposto serem aquisições civilizacionais, avança em ritmo acelerado, acompanhada da entrega ao

capital privado de serviços públicos fundamentais (telecomunicações, electricidade, transportes ferroviários e aéreos...). Teoricamente, tais medidas, destinadas a reduzir os défices públicos de acordo com os níveis fixados em Maastricht (3 por cento do PIB), deveriam provocar um crescimento económico capaz de amortecer os impactos sociais fruto das «medidas de austeridade». Não é o que se verifica, e as próprias previsões da Comissão Europeia apontam para um agravar da situação. O desemprego, segundo os cálculos de Bruxelas para 1996 e 1997, «deverá aumentar sensivelmente na Alemanha e na Áustria», e a situação do mercado de trabalho deverá continuar a deteriorar-se «em França, na Bélgica e em Portugal».

### Os pactos

Os chamados «pactos para o emprego» tornaram-se tema obrigatório de todas as cimeiras europeias, mas nada de novo apareceu até à data nas aturadas reflexões de Bruxelas. As resmas de papel gastas com o assunto têm a particularidade de partilhar as ideias-chave defendidas pelo grupo de peritos sobre a competitividade (*competitiveness advisory group*), cuja composição é por si só elucidativa. Presidido até há pouco tempo por Carlo Ciampi, antigo primeiro-ministro e presidente do Banco de Itália, o grupo acolhe patrões de multinacionais, antigos ministros e altos funcionários, bem como sindicalistas escolhidos a dedo. As «soluções» defendidas pelo grupo passam todas pela redução significativa dos custos do emprego, em particular no que toca aos encargos sociais, aos aumentos salariais e ao salário mínimo (cada vez mais posto em causa), sem esquecer a flexibilidade e a polivalência, a precarização do trabalho e as facilidades de despedimento.

A receita da Organização de cooperação e desenvolvimento económicos (OCDE) é idêntica, como se pode constatar num estudo recentemente divulgado (*Accélérer la mise en oeuvre: le chômage dans la zone de l'OCDE, 1950-1997*):

«Aumentar a flexibilidade do tempo de trabalho; criar um clima favorável à empresa; aumentar a flexibilidade dos custos salariais suprimindo as obrigações que impedem os salários de reflectir as condições locais e o nível de qualificação de cada um; rever as disposições relativas à segurança do emprego que limitam a sua expansão no sector privado.»

O caminho para o emprego, dizem já sem subterfúgios, é o caminho das desigualdades, do salve-se quem puder, da lei do mais forte: «Na maioria dos países onde o desemprego se aproxima actualmente do seu nível de há dez anos ou onde é bastante menor, a desigualdade dos rendimentos acentuou-se nitidamente. Nos países em que os sistemas de protecção social e de transferências visam evitar um aumento das desigualdades, o desemprego não diminuiu sensivelmente.»

A OCDE não deixa qualquer margem para dúvidas. O crescimento das desigualdades é comandado pela «lógica económica», pelo que a manutenção de uma protecção social apropriada deve ser deixada ao cuidado de «grupos de pressão».

Também no que respeita à existência de desemprego de longa duração a culpa é, para a OCDE, dos sistemas de protecção social demasiado rígidos: «Esse fenómeno é devido ao rigor excessivo das leis que protegem o emprego, à excessiva generosidade dos sistemas de prestação social, ao nível demasiado elevado do salário mínimo e ao mecanismo de extensão administrativa dos acordos salariais».

Desregulamentar, flexibilizar, são pois as palavras de ordem.

A OCDE considera ainda necessário «diminuir a generosidade dos sistemas de subsídio de desemprego e de prestações similares», tanto mais que, na sua opinião, um nível demasiado elevado de protecção social «arrisca a aumentar as exigências salariais e, por consequência, o desemprego, reduzindo o custo que representa para os trabalhadores a perda do seu emprego».

Ou seja, o trabalhador tem de ser levado a vender a sua força de trabalho por qualquer preço, em quaisquer condições, sem o que nem lhe será reconhecido o direito de existir.

A dramática situação que vivem hoje milhões de pessoas, fruto dos passos dados na implementação desta estratégia, não significa nada para os especialistas da Organização. Pelo contrário, o seu relatório afirma «que os progressos na aplicação da estratégia (definida em 1994) foram lentos e insuficientes». Um óbice a justificar uma mal velada ameaça: «O processo ultrapassou o estágio das recomendações gerais para tomar a forma de vigilância multilateral das políticas seguidas por cada país.»

A única excepção, apontada pela OCDE como um «bom exemplo», é a Grã-Bretanha. Um estudo sobre o Reino Unido é claro sobre o que se entende sobre o caminho a seguir:

## DESEMPREGA







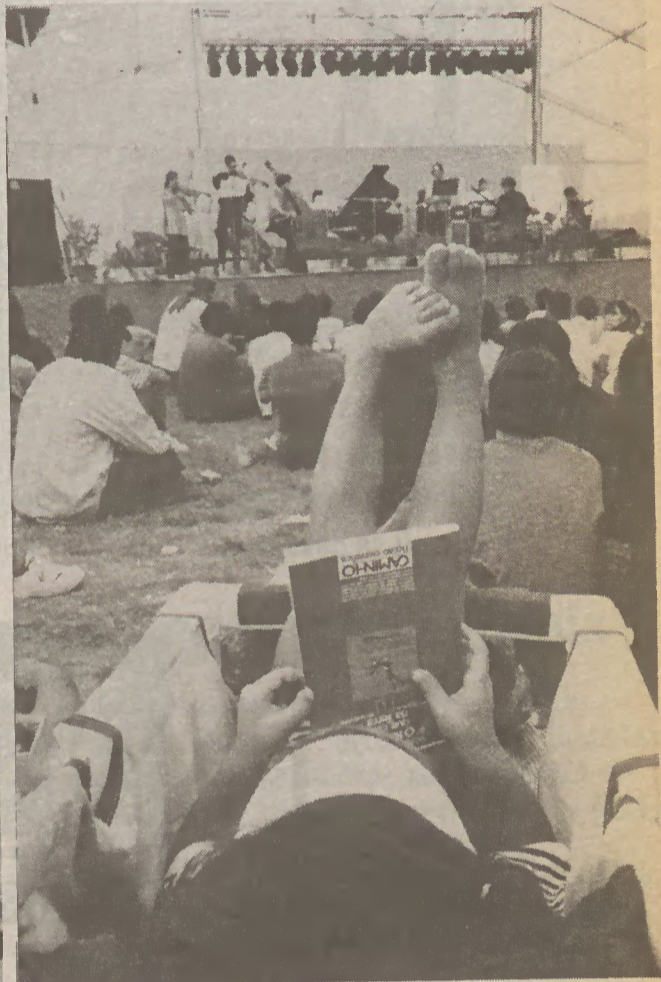
# a festa!

Avante!

**Director**  
Carlos Brito  
SUPLEMENTO Nº 7  
22 de Agosto de 1996  
Não pode ser vendido  
separadamente

**AMORA-SEIXAL**

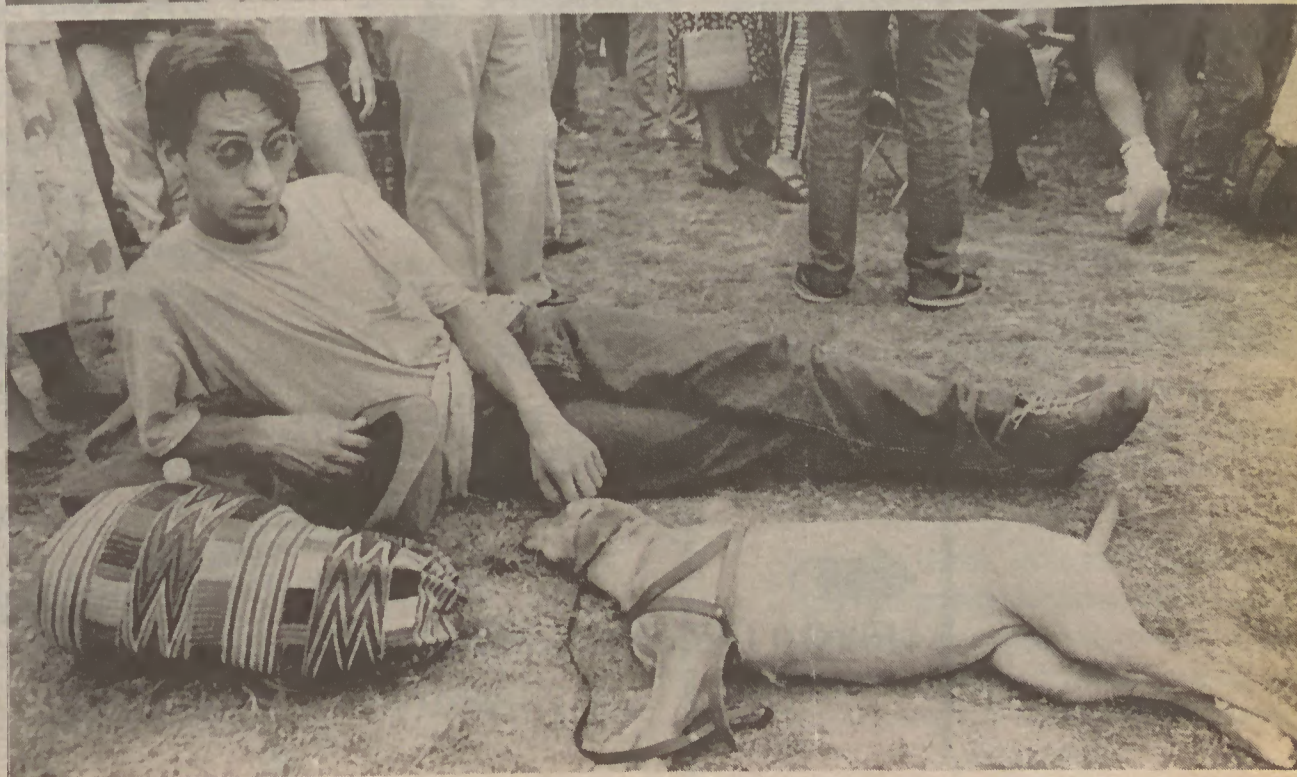
6, 7 e 8 SETEMBRO



# Isto é mesmo uma Festa!

**Neste suplemento:**

- Transportes e Acessos para a Quinta da Atalaia
- Jornadas de Trabalho
- As Organizações
- Futebol de Salão
- Cicloturismo
- Corrida
- Chinquillo
- A Festa há 20 anos





# Como ir para a Fe

**B**em servida de transportes públicos, que efectuam carreiras especiais (fluviais e rodoviárias) coordenadas com o horário da Festa, a Quinta da Atalaia é, nos dias da Festa, um local de fácil acesso aos milhares de visitantes que ali se deslocam.

## Transportes rodoviários

Em articulação com a Transtejo, estão asseguradas diversas carreiras rodoviárias:

Entre **Cacilhas e Festa (Quinta da Princesa)** - o bilhete inteiro custa 260\$00, e os pré-comprados M4, 160\$00; M2, 80\$00. Pode-se usar o passe social. Na sexta-feira, os autocarros circulam até às 02,15 horas, no domingo até às 24 horas.

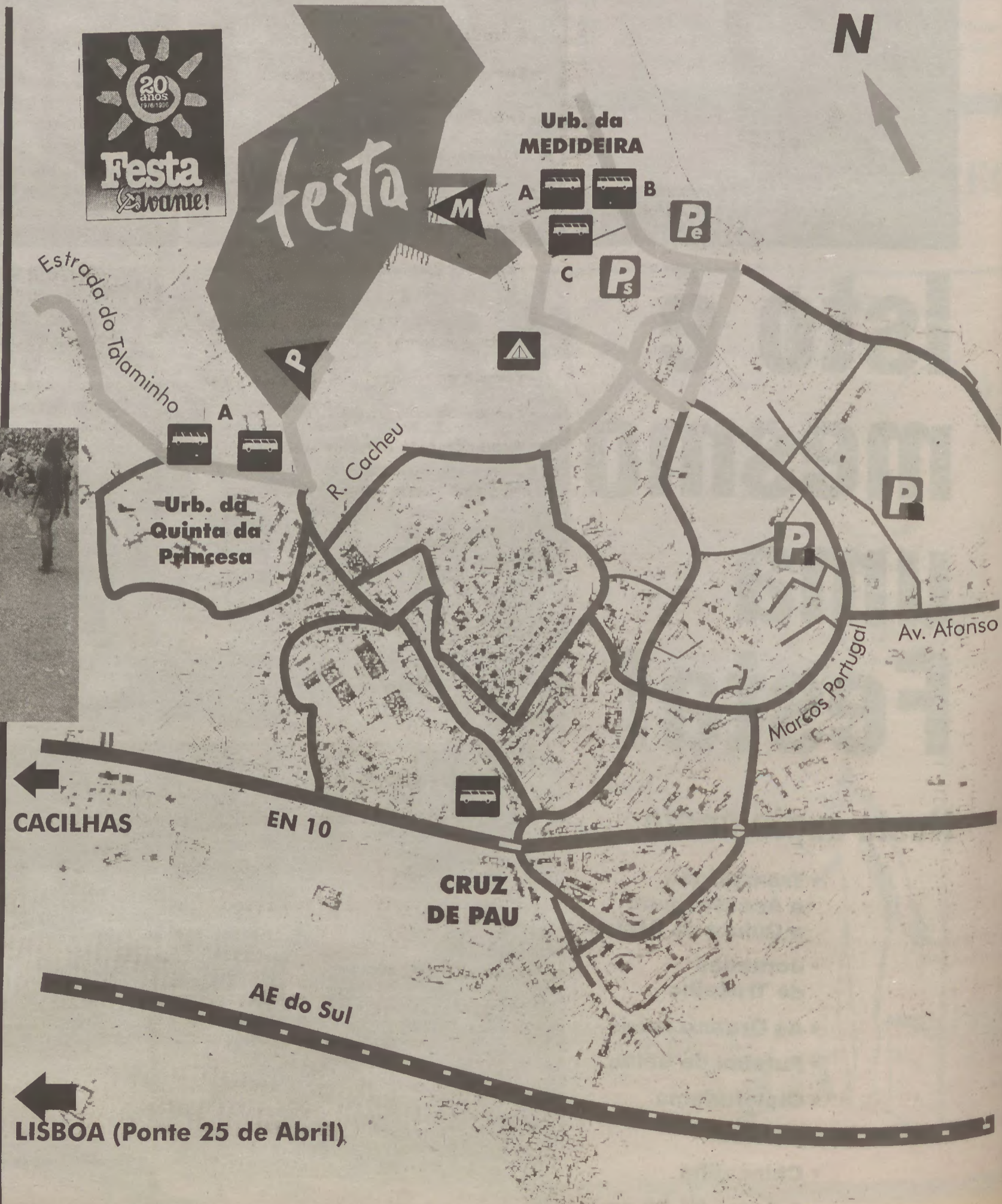
Entre **Cacilhas e Festa (Medideira)** - o bilhete inteiro custa 260\$00, e os pré-



-comprados M4, 160\$00; M2, 80\$00. É aceite o passe social.

Entre o **Seixal e Festa (Medideira)** - o bilhete inteiro custa 160\$00, e os pré-comprados M3, 120\$00; M2, 80\$00. É aceite o passe social SX.

Entre a **Baixa da Banheira e Festa (Medideira)** - o bilhete inteiro custa 450\$00, e os pré-comprados M9, 360\$00; M4, 160\$00. As partidas efectuam-se na sexta entre as 18 horas e as 21.30 horas, e o regresso entre as 23 horas e as 02.00 horas. Sábado e domingo, as partidas começam pelas 10.30 da manhã



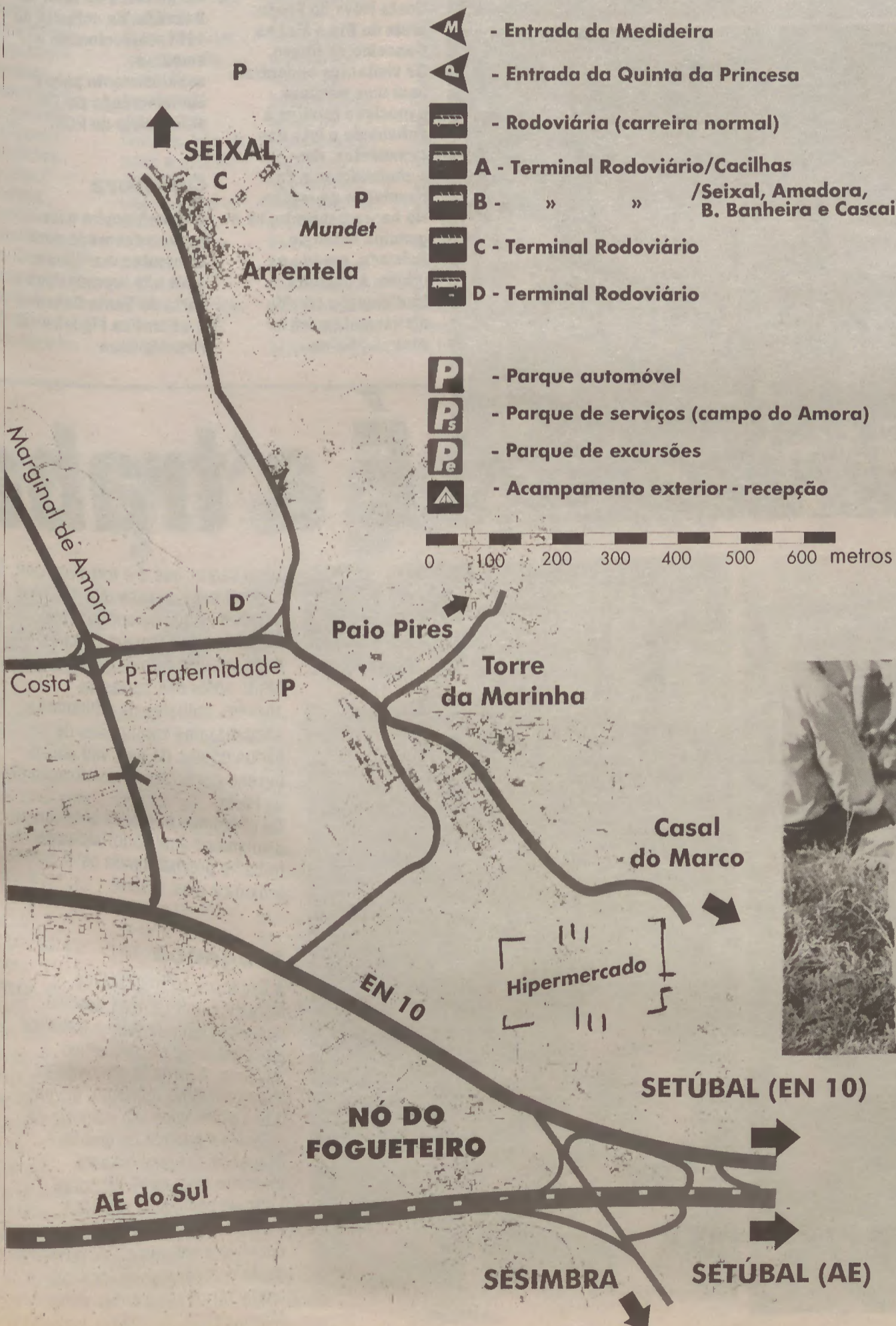


# sta

até às 21 horas e o regresso das 18.00 até às 02.00.

Entre a **Amadora** e a **Festa (Medideira)** está assegurado um vai-vem, com partidas na Avenida Cardoso Lopes junto à CMA. Sexta-feira, entre as 17 horas e as 22 horas, com regresso à 01.00 hora. Sábado e domingo, as partidas efectuam-se entre as 8.00 horas e as 22.00 horas. O regresso é à 01.00 hora.

**Cascais e Festa (Medideira)**  
Os autocarros partem no sábado e domingo pelas 8.30 horas e regressam à 01.30 hora no sábado e 22.30 horas no domingo.



## Transportes fluviais

Na sexta-feira, a Transtejo tem carreiras reforçadas para o Seixal e Cacilhas. Sexta-feira há partidas de Cacilhas até 04.00 horas, no sábado até às 03.30 horas e no domingo até às 02.00 horas.

Do Seixal, os barcos partem, na sexta-feira e no sábado até às 02.20 horas, e no domingo até às 24 horas.

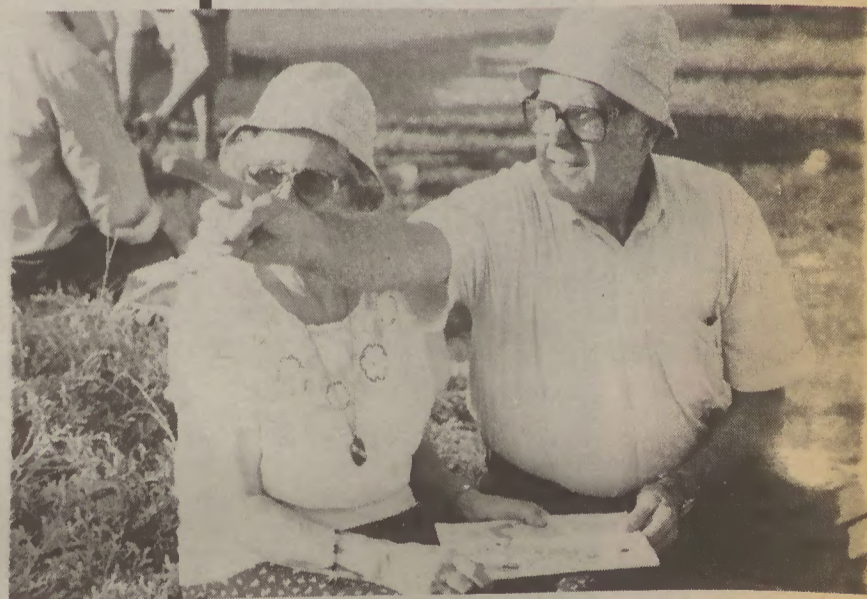
## Vai-vem

Nos dias da Festa funcionará ainda um vai-vem especial coordenado com os horários dos barcos da Transtejo no Seixal, com paragens na ponte da Fraternidade, Mundet e Parque do Seixal.

## Se vem de automóvel

Para os que preferem o transporte individual aconselhamos os seguintes percursos:

- Se vem do Sul ou saiu no nó do Fogueteiro,



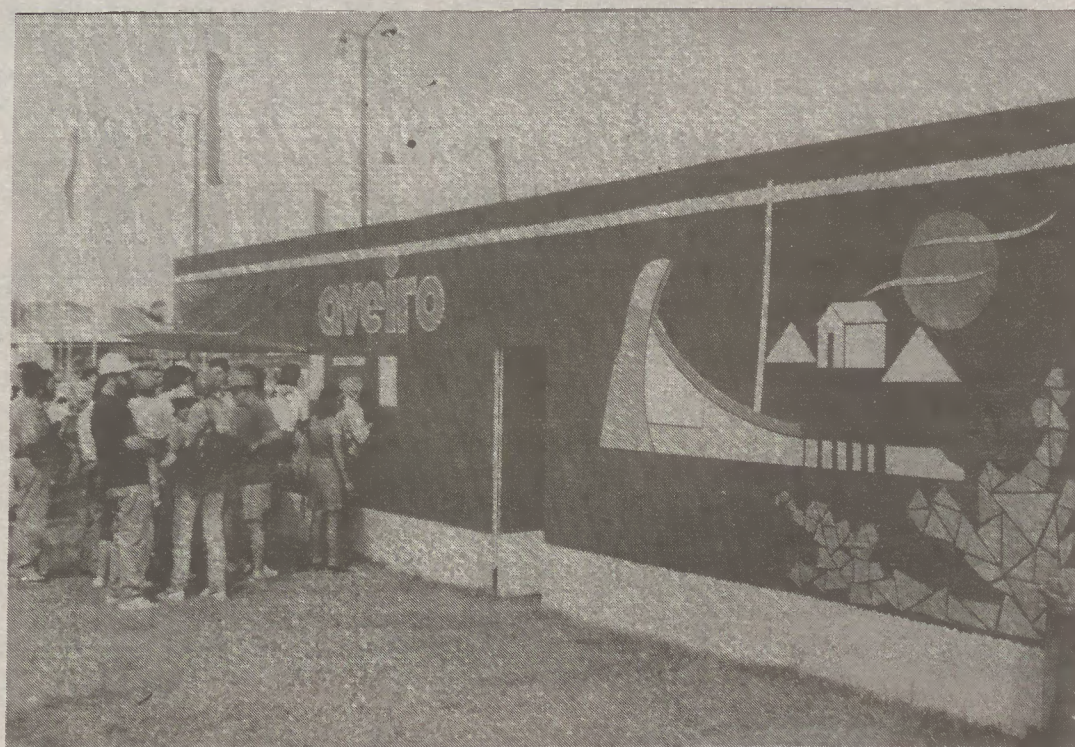
deixe o carro nos parques da **Torre da Marinha**, da **Mundet**, ou no **Seixal**, antes da Ponte da Fraternidade e use o vai-vem rodoviário.

- Se vem de Lisboa, como alternativa à AE/ Sul e à EN 10, sugerimos a variante à EN 10, em frente ao Pão de Açúcar de Almada.

Ao sair da Festa siga por Santa Marta de Corroios, estrada da Sobreda/Feijó, variante à EN 10 ou via-rápida da Costa.



# A presença das organizações



São duas dezenas de organizações regionais do PCP que vão estar presentes na Festa do «Avante!», trazendo consigo as realidades, os problemas, a actividade local e as propostas dos comunistas, o artesanato, a gastronomia. É uma participação diversificada de que o roteiro, que continuamos neste número, apenas refere alguns traços essenciais. O resto fica para o visitante descobrir...

## Aveiro

Situado mesmo junto ao largo do palco principal da Festa, o pavilhão de Aveiro projecta a imagem luminosa da Ria, reproduzindo um dos seus ex-libris - as fachadas das casas da Costa Nova do Prado, praia de Ria e Mar no Concelho de Ílhavo. Os visitantes encontram aqui uma pequena exposição relativa à actividade e luta dos comunistas, dos trabalhadores e da população da região. No bar-restaurant, há o genuíno leitão da Bairrada, assado na origem à maneira tradicional e trazido diariamente para a Atalaia. Vinhos

espumosos, brancos e tintos da Bairrada. Os melhores doces regionais. Destaque para os ovos moles, enformados em hóstia, em barricas de madeira ou em copos. Também podem adquirir-se garrafas de tinto da Bairrada, da colheita de 1991, seleccionado e embalado especialmente para a comemoração do 75º aniversário do PCP.

## Coimbra

O litoral inspira este espaço decorado com elementos marítimos, onde são reproduzidos o Forte de Santa Catarina e o Farol da Figueira da Foz. Algumas

actividades tradicionais do distrito estão representadas nas reproduções de figuras em tamanho natural de serigrafias de António Penicheiro, enquanto ali ao

lado uma exposição política fala das realidades económicas, sociais e culturais, da intervenção dos comunistas e das suas propostas. O pavilhão é completado com um restaurante que serve refeições completas. O menu é atraente: chanfana; feijão branco com línguas; entranças de bacalhau. Na petisqueira, há sopa, rancho,

orelheira, bifanas, chouriço caseiro para assar e queijo rabaçal. Bons vinhos tintos e brancos da Bairrada.

## Leiria

O Partido, a sua organização e ligação às massas é o tema central da exposição política da Organização Regional de Leiria, em cujo pavilhão o forno de vidro e um engenho lapidador, mostrando artesanato vidreiro, são de novo a grande atracção regional, para além da cerâmica das Caldas da Rainha. O forno fabrica ali mesmo o pão quente

com chouriço. E serve-se ainda sopa de legumes, pastéis de bacalhau e outros salgados, a sopa de peixe e bebidas variadas.

## Santarém

O espaço da organização de Santarém está decorado de forma a lembrar uma adegas típica da região, onde para além dos bons pratos, vinhos e artesanato, o visitante encontra informações sobre os problemas do distrito, à actividade e propostas dos comunistas. Se no artesanato o destaque vai para a manta de Minde, com demonstração



ao vivo da sua fabricação - nos produtos da terra a atenção concentra-se na feira de

vinhos do Ribatejo, com maduros, licorosos e aguardente velha.

A tasquinha serve sopa da pedra, carne à ribatejana, caldo verde e vinho

regional. Quanto aos doces, lá temos as tigelas de Abrantes, o

pão-de-ló de Rio Maior e os bolos regionais de Torres Novas.

# É a trabalhar qu'a gente... faz a Festa



Diz o cantor que *É a trabalhar que a gente paga o jantar*. Na Atalaia é a trabalhar que os comunistas todos os anos erguem a maior festa popular do país. Muito antes das portas se abrirem, milhares de militantes e simpatizantes comunistas de vários pontos do país vão até ao terreno participar na construção da Festa. Tal como nos números anteriores, divulgamos aqui as jornadas de trabalho previstas para os próximos dias.

## Bragança

A Organização Regional de Bragança do PCP está desde a passada segunda-feira a trabalhar na construção do respectivo pavilhão. A jornada prolonga-se até ao próximo domingo, dia em que é promovido um convívio de naturais e amigos do distrito Bragança. O encontro está marcado para as 13.30 horas junto ao pavilhão da DORBA. Para participar na jornada, no convívio e nos turnos do pavilhão basta comparecer no local ou contactar os camaradas Vítor Martins (078) 22391 ou José

Brinquete (078) 23365.

## Oeiras

Organizada pela Comissão Concelhia, os comunistas de Oeiras têm uma jornada de trabalho marcada para o próximo domingo, dia 25. Para facilitar as deslocações, a Concelhia tem à disposição um autocarro que parte da Estação de Oeiras às 7.30 da manhã e efectua paragens em Paço de Arcos (7.40); Porto Salvo (7.45);

Leceia, no Largo (7.50); Tercena, junto ao GRT (7.55); Queijas, no Largo da Igreja (8.00); Carnaxide, junto à ex-Vimeca (8.05); Linda-a-Velha, junto à Caixa Geral de Depósitos (8.10) e em Algés, na Praça D. Manuel (8.20 horas). As inscrições podem ser feitas através dos telefones 9131355 e 9142336.

## Cascais

Ainda no domingo, decorre a

jornada da Concelhia de Cascais, que fretou um autocarro para a Festa. Com partida de Cascais pelas 7.45 horas, a viatura tem paragens em Alcáideche (7.55); em Manique (8.00); em Alto de Tires (8.10) em Rana (8.15); Parede (8.20); Sassoeiros (8.30). O regresso da Quinta da Atalaia está marcado para as 17 horas.

## Vila Franca de Xira

O domingo é

também aproveitado pela Concelhia de Vila Franca de Xira para trabalhar na Festa. O autocarro parte pelas 7.30 horas e as inscrições são feitas no centro de trabalho local.

## Sintra

A Comissão Concelhia de Sintra do PCP realiza a sua 3ª jornada de trabalho no domingo. O transporte está garantido através de um autocarro que fará a viagem de ida e volta

com o seguinte percurso e horário: Partida às 7.30 horas do Algueirão (Centro de Trabalho) e paragens em Mercês, 7.40 horas (bombas da BP); Rio de Mouro, 7.50 horas (Centro de Trabalho); Cacém, 8.00 horas (Centro de Trabalho); Idanha, 8.10 horas (Cafés); Quleuz 8.20 horas (4 Caminhos/paragens das camionetas). O regresso está marcado para

as 17 horas e cumpre o mesmo percurso. No sábado, dia 24, a Comissão de Freguesia de S. João das Lampas (concelho de Sintra) promove a sua jornada de trabalho na Quinta da Atalaia.

## Serviços de Lisboa

Também no sábado, vão estar no terreno militantes do Sector de Serviços de Lisboa. A jornada tem início pelas 9.30 horas,



havendo uma pausa para o almoço pelas 12.30. De tarde o trabalho continua até às 17.30, hora do regresso a casa. As inscrições podem ser feitas no Centro de Trabalho Duque de Loulé, até ao final do dia de hoje, quinta-feira. O telefone é

314 80 23 (a partir das 15 horas).

## Função Pública

A 3ª jornada de trabalho da Função Pública tem lugar no próximo sábado, estando o transporte assegurado a partir das 8.30 no Centro de Trabalho Vitoria, em Lisboa.



# Raid Cicloturista

## Partida junto à FIL e chegada à Atalaia

No dia 1 de Setembro, os cicloturistas participam no raid da Festa do «Avante!». São 126 quilómetros de prova com concentração pelas 8.00 horas, na Avenida Brasília, junto à FIL, e partida às 9.00 horas. O percurso passa pela Av. 24 de Julho, P. Comércio, R. da Prata, Av. da Liberdade,

M. Pombal, Saldanha, C. Pequeno, C. Grande, 2ª Circular, Sacavém, Alverca, Alhandra, VF de Xira, Porto Alto, Infantado,

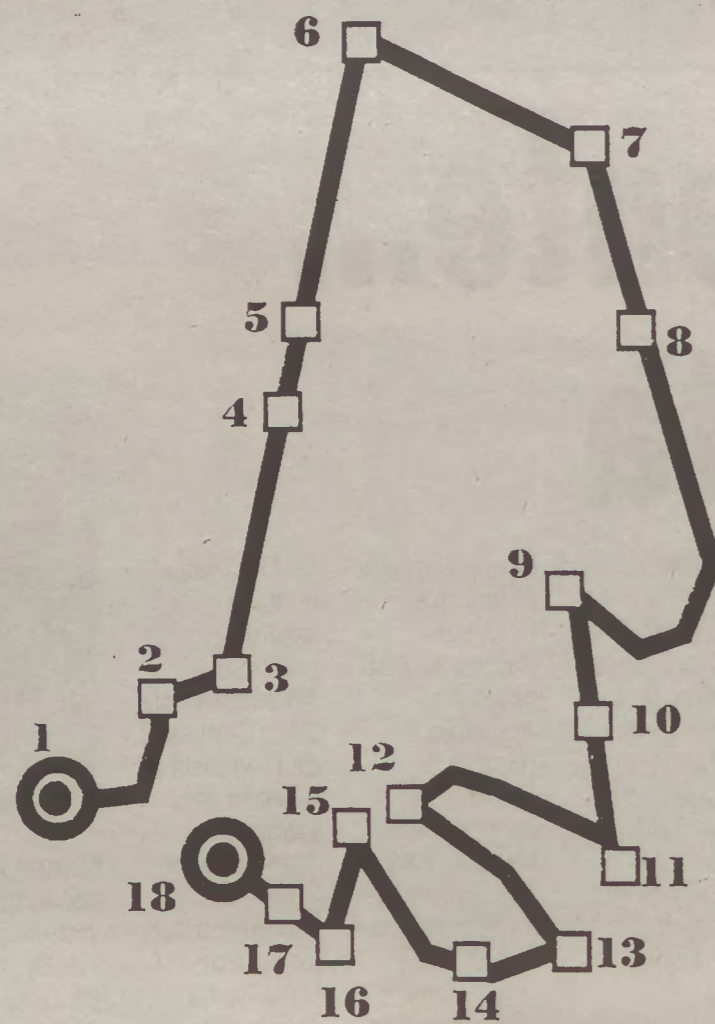
Alcochete e Montijo. Após paragem para almoço, a prova segue pela Moita, Barreiro, Coia, Paio Pires, Seixal,

Arrentela, Paivas, e chegada à Atalaia, cerca das 17.30 horas. As inscrições podem ser feitas até ao próximo dia

29 de Agosto pelo telefones 275 27 77 e 275 39 39. A prova conta com o apoio da Federação Portuguesa de Ciclismo.

1- FIL (Av. de Brasília)  
2- Lisboa- Av. 24 Julho- Pç. Comércio - R.Prata - Rossio - Av.Liberdade - Marquês do Pombal - Saldanha - C.Pequeno - C.Grande -  
-2ª Circular  
3- Sacavém  
4- Alverca  
5- Alhandra  
6- VF Xira  
7- Porto Alto  
8- Infantado

9- Alcochete (Centro)  
10- Montijo - Centro (Paragem Para Almoço)  
11- Moita -Centro  
12- Barreiro - Marginal  
13- Coia  
14- Paio Pires  
15- Seixal  
16- Arrentela  
17- Paivas - Amora  
18- Chegada - Junto à Qta. da Atalaia (Festa do Avante)



## Estúdios móveis promovem a Festa

Durante o mês de Agosto, estúdios móveis estão a percorrer os distritos de Lisboa e Setúbal promovendo e divulgando a realização da 20ª edição da Festa do «Avante!». Ainda com este objectivo, a DORL tem vindo a realizar espectáculos com o grupo «3 de Abril», que actua no próximo dia 30 de Agosto, pelas 16 horas, entre a Rua Augusta e Rua da Assunção, na Baixa lisboeta e, no mesmo dia, pelas 22 horas, no centro de Trabalho do PCP em Loures.



## Futebol de Salão

### Final de Setúbal apura Lusitanos e AC da Amora

No passado domingo, dia 18 de Agosto, realizou-se a final distrital do Torneio de Futebol de Salão da Festa do «Avante!». Perante várias dezenas de espectadores, os jogos decorreram

no recinto desportivo dos ídolos da Praça, da cidade sadina, tendo sido apuradas as equipas do Futebol Clube «Os Lusitanos», da Baixa Banheira, e o Atlético Clube da Amora.

«Os Lusitanos» defrontaram o Grupo Desportivo de Casebres, conseguindo um resultado de 18 golos contra 4 desta última formação. Por seu lado, o AC da Amora

contabilizou 3 golos devido à falta de comparência do Grupo da Farmácia Cardoso, da Moita. No final, Zózimo Amado, membro da DORS do PCP, fez uma breve intervenção.

## Veteranos da Póvoa e S.ª Iria

Nem a idade, nem tão-pouco o calor quebraram o entusiasmo dos veteranos do União Atlético Povoense e do Clube de Futebol de Santa Iria que recentemente se defrontaram num encontro amigável de futebol. O resultado não fica para a história pois o mais importante foi o convívio entre gentes das suas

freguesias vizinhas, que sem rivalidades ajudaram a divulgar a Festa do «Avante!». Terminado o jogo, e após o refrescante banho, os convivas atacaram o saboroso almoço, onde pontou o bom bacalhau. A culminar a alegre confraternização cantou-se um fado do Zé Madruga e versos ditos pelo poeta popular Alberto Moreira

Esteves. Seguiram-se alguns discursos, nomeadamente do presidente da Junta de Santa Iria, Ernesto Costa, e houve logo quem desse a ideia de realizar, durante as festas da Póvoa de Santa Iria, em Setembro próximo, um quadrangular de futebol, quem sabe se também com gentes de Alhandra e Vila Franca de Xira.

# 600 atletas e 50 equipas inscritos para a Corrida

A oito dias do prazo das inscrições terminar, a organização da Corrida da Festa contabiliza já 50 equipas e 600 atletas inscritos. É um número expressivo que não pára de aumentar e que demonstra o grande prestígio que esta prova disfruta nos meios do atletismo português. Destinada aos escalões juniores, seniores e veteranos masculinos e femininos, a Corrida tem inscrições gratuitas, as quais podem ser feitas até 30 de Agosto para o endereço: Corrida da Festa do «Avante!» Av. António Serpa nº 26 - 2ª Esq. 1050 Lisboa. Tel. 793 09 73 ou fax 796 88 97. Os atletas receberão os dorsais a partir da 8.00 horas junto do Campo do Amora, não sendo aceites em caso algum inscrições no dia da prova. Haverá abastecimentos aos 5 e 10 quilómetros e no final da prova. Os vencedores absolutos femininos e masculinos terão direito a participar na Corrida do L'Humanité, que se realiza em Paris, no próximo dia 15 de Setembro, e terá um percurso de 15 quilómetros. As 15 primeiras equipas, bem como os primeiros quatro atletas de cada escalão, recebem troféus ou taças. A organização da prova distribuirá ainda camisolas até ao 1000º atleta a cortar a meta.



## Eles apoiam a Corrida...

«Uma prova motivadora»

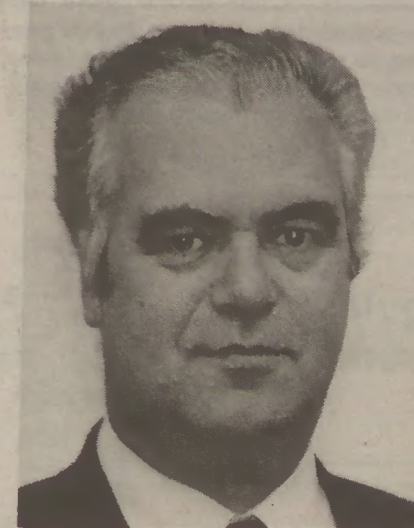
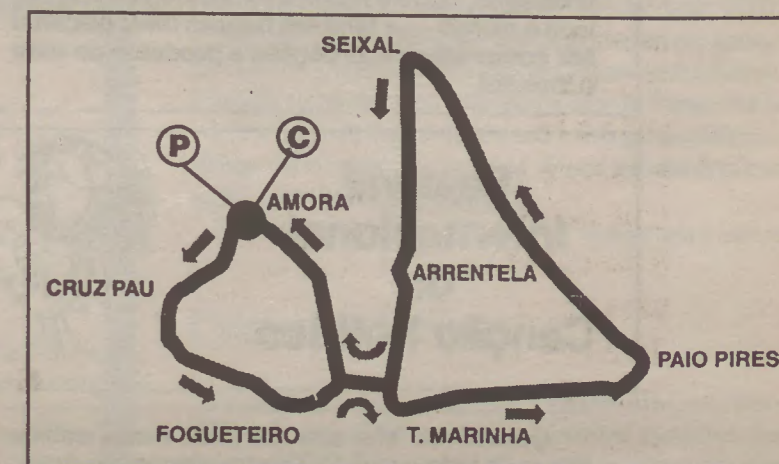
«O Desporto para Todos como prática são de convívio aberta a todos os escalões etários, sexos ou raças é uma postura que perfilhamos. Desta forma, congratulo-me

com a realização pela nona vez consecutiva da Corrida da Festa do «Avante!» - uma prova motivadora da prática desportiva para todos. Pólo de atracção de milhares de atletas em cada edição, esta corrida é sem dúvida a maior iniciativa desportiva da Festa do «Avante!» e traduz bem os valores e princípios defendidos e preservados nesta área desde o 25 de Abril de 1974: o desporto alargado a todos e com a participação de todos.»

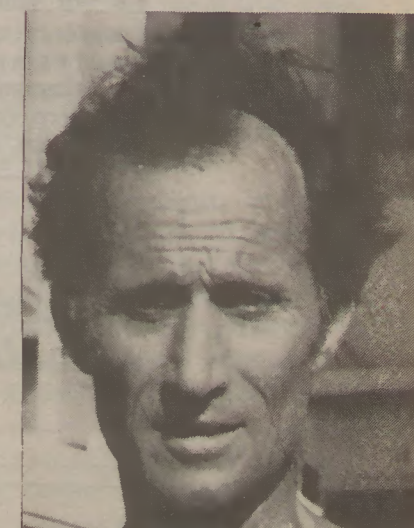
Caleia Rodrigues  
Vereador do Pelouro do Desporto da Câmara Municipal de Lisboa

«Muitos a competir todos a aplaudir»

«Uma grande festa só pode ter uma grande corrida. Com mais de mil participantes, a edição deste ano da Corrida da Festa do Avante! vai registar o habitual êxito organizativo e o merecido sucesso desportivo. Atletas de todo o território nacional, em representação de todas as cores de Portugal - dos pequenos clubes de bairro às grandes agremiações desportivas - farão passar pelas ruas do concelho do Seixal uma mensagem de alegria, movimento e juventude. Ao lado do participante



Caleia Rodrigues



Armando Aldegalaga

anónimo, a Festa vai contar com a presença de grandes nomes do atletismo nacional e internacional, circunstância que confirma o prestígio já alcançado pela prova. Com muitos a competir e muitos a aplaudir, viva a festa do Desporto e da Paz».

António Matos  
Vereador da Câmara Municipal de Almada

«Apoio com muito orgulho»

«É com muito orgulho que vou participar e apoiar mais uma vez a Corrida da Festa do

Avante!. Esta corrida é já um acontecimento muito importante no panorama do Atletismo Nacional. Nela participam centenas de atletas de todos os escalões, correndo com uma alegria ímpar. Quero desde já enviar os meus sinceros parabéns a todos os concorrentes e organizadores. Uma abraço a todos e lá estaremos no dia 8 de Setembro. Saudações desportivas».

Armando Aldegalaga  
Atleta do SCP desde 1956, obteve em Julho passado uma medalha de ouro nos 10 mil metros e uma medalha de bronze nos 5 mil metros nos campeonatos da Europa de Veteranos, em Malmö, na Suécia.

## Chinquilho

Decorreu recentemente a 2ª Jornada - final - do Torneio Distrital de Setúbal de Chinquilho da Festa do «Avante!», esta ano organizado pelo Grupo Desportivo, Cultural e Recreativo da Gâmbia (Setúbal), c. Das oito equipas que foram apuradas, de um conjunto inicial de 16, passaram à final nacional quatro pela seguinte ordem:

1ª Lagameças (Palmela)  
2ª Brejos da Moita  
3ª Jardim (Montijo)  
4ª Lagoinha (Palmela)  
Estas equipas irão agora participar na final que será disputada nos dias da Festa, na Quinta da Atalaia. O troféu individual da malha corrida foi entregue a Joaquim Elísio da Anunciada (Setúbal).



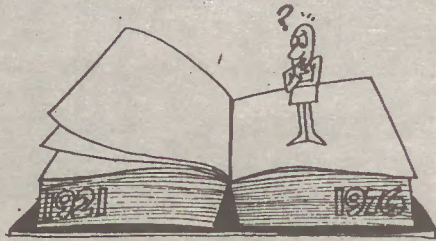




# Foi há 20 anos

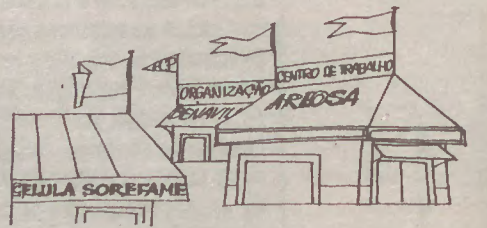
*foi*  
A FESTA DO «AVANTE!» ~~VAI~~ SER ASSIM!

## História do PCP e do «Avante!»



A história de mais de meio século de luta dos comunistas portugueses, o combate clandestino contra o fascismo, o nosso Partido depois do 25 de Abril — tudo isso será contado numa grande exposição. Também o «Avante!», voz da classe operária e dos trabalhadores terá uma exposição onde a vida heróica dos seus obreiros clandestinos será narrada, onde se revelarão as grandes vitórias do nosso jornal depois do 25 de Abril — e ainda debates sobre o papel do «Avante!», a troca de impressões com os leitores, as críticas, as sugestões com a Redacção do «Avante!»

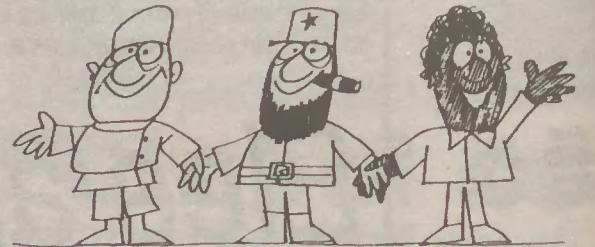
## A organização do Partido



Toda a organização do Partido participará na Festa! Stands de células de empresas, de núcleos profissionais, de organizações regionais. Em cada um deles, a imaginação dos militantes, a exposição da actividade dos comunistas em todo o país, os balcões de especialidades regionais, os divertimentos, as bancas de venda, o convívio e a confraternização dos milhares e milhares de homens, mulheres e jovens que se batem por um Portugal livre, democrático, no caminho do socialismo!

Pavilhões dos países socialistas, de jornais de Partidos irmãos, pavilhões dos novos países africanos com exposições sobre as conquistas dos povos que avançam decididamente na construção do socialismo, sobre a luta das forças progressistas de todo o mundo — e também bancas onde poderão ser compradas recordações e produtos de todo o mundo!

## Cidade Internacional



## Festival Internacional da Canção Política



Cantores, conjuntos e grupos corais de todo o mundo participarão no maior espectáculo realizado em Portugal dedicado à canção de combate, à canção ao serviço da liberdade dos povos.

Durante os três dias da festa serão exibidos filmes de todo o mundo. Quatro palcos irão funcionar em simultâneo, um deles aberto sobre uma assistência que poderá ser superior a 40 000 pessoas! Para além de vários espectáculos de teatro, os visitantes poderão ainda assistir a outras exposições com conjuntos musicais, bandas, declamação, variedades, etc., etc.

## Festival de Teatro e Festival de Cinema



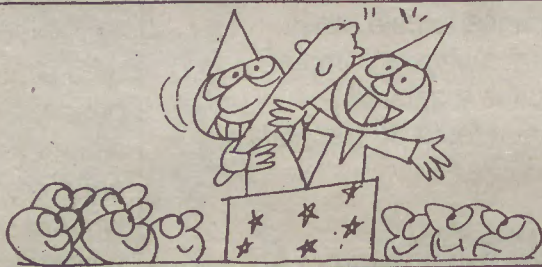
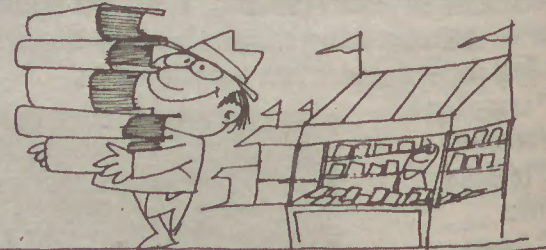
## Colóquios e conferências



Escritores, artistas, jornalistas, etc. participarão em debates e colóquios com o público, destacando-se os que se realizarão no Pavilhão do Comité Central, onde dirigentes do PCP se encontrarão com todos os que com eles queiram debater os problemas do país e do mundo. Uma exposição de pintura e escultura será ainda outra contribuição dos intelectuais comunistas e progressistas à Festa do «Avante!»

## Cidade do Livro e do Disco

Uma grandiosa venda de livros e discos de todo o mundo a preços únicos! Todos os temas da história, da política, da sociologia, da arte, a música de combate, a música clássica! Não foram esquecidos os autocolantes: teremos uma Grande Feira do Autocolante para trocas, vendas, compras, consultas! E ainda cartazes, reproduções, fotografias, etc. etc.

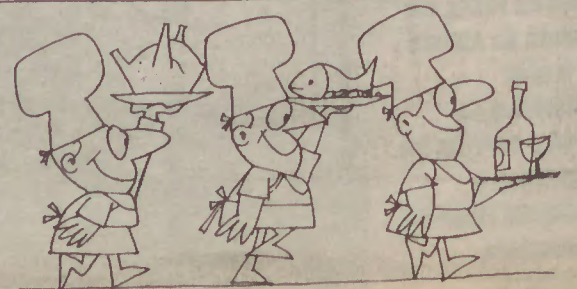


## Para as crianças

As crianças não foram esquecidas (e os pais também não... Durante todo o dia funcionará um infantário no recinto da festa!). Para os mais pequenos haverá o Centro dos Pioneiros — onde estão previstas várias actividades — e ainda espectáculos de circo, de cinema, «robertos» e variedades que lhes são especialmente dedicados!

## «Comes e bebes»

Um pouco por toda a feira haverá «barraquinhas» com especialidades regionais e os petiscos mais variados! Nos «stands» das organizações do Partido de Norte a Sul haverá o balcão especial, do presunto de Chaves aos doces de amêndoa do Algarve (passando pelos vários «verdes» e «maduros»!). Mas, para além disso, haverá ainda um restaurante propriamente dito com capacidade para atender simultaneamente um milhar de pessoas!





co

ômico e emprego

# O vigário

«Graças às grandes reformas implementadas desde o princípio dos anos 80, o Reino Unido satisfaz já grande parte das recomendações do Estudo sobre o emprego. Essas reformas modernizaram os mecanismos de fixação de salários e de preços, até então demasiado isolados das forças do mercado, bem como as relações profissionais e o sistema de formação profissional, largamente ultrapassados. O Reino Unido tem hoje um dos mercados de trabalho menos regulamentados dos países da OCDE, e as taxas de compensação de perda de rendimentos, bem como os níveis de prestação social, são aí em geral baixos.»

A coroa de glória de John Major pode ser simbolizada pelo regresso da empresa Ronson ao sul da Escócia, após a sua deslocalização para a Coreia. O patrão da Ronson, Howard Hodgeson, explicou as razões do regresso ao país: «O trabalhador britânico já não é o que eu conheci nos anos 60, com as suas greves e as suas pausas regulares para beber chá. Hoje, é um empregado de qualidade.»

A «qualidade» apreciada por Hodgeson exprime-se em números. Na Coreia, os custos salariais atingiam em média os 86 000 francos por ano; na Escócia, não vão além dos 70 000 francos.

Um sucesso!

## A leste do paraíso

Os resultados do «modelo neoliberal» fazem-se sentir por toda a União Europeia e contrariam de forma flagrante os que procuram fazer crer que o crescimento económico conseguido por esta via é gerador de mais emprego.

Nem o Reino Unido, apresentado como paradigma, desmente esta realidade. Mesmo numa situação que se caracteriza por ausência de salário mínimo, sem obstáculos aos despedimentos, por períodos experimentais que podem durar dois anos, por contratos a prazo renováveis indefinidamente, por horários de trabalho sem limite de duração máxima, sem mínimos estabelecidos para licenças pagas, com a livre concorrência e com o desmantelamento dos sindicatos, o máximo que os britânicos conseguiram foi um magro resultado na redução da taxa de desemprego.

Num relatório do banco Paribas sobre a conjuntura de Julho pode ler-se: «o espírito geral da legislação do trabalho oferece às empresas uma flexibilidade quase perfeita». Fazendo notar que os salários

são particularmente baixos, o relatório afirma que cinco por cento da população activa recebe menos de 2,5 libras por hora e que alguns trabalhadores recebem mesmo menos de 1,5 libras.

Dir-se-ia um cenário perfeito, na óptica da OCDE e dos defensores do neoliberalismo, para a criação de emprego, mas não é verdade.

A taxa de desemprego baixou de facto para 7,7 por cento (contra mais de 12 por cento em França e mais de 10 por cento na Alemanha), mas segundo o relatório do Paribas isso ficou a dever-se sobretudo a uma quebra da população activa.

«A redução do desemprego no Reino Unido – refere o documento –, de 700 000 pessoas entre 1993 e 1995, coincidiu com uma diminuição da população activa de 287 000 pessoas (...). A baixa do desemprego foi facilitada pela inflexão, que data de 1990, da evolução da população activa que diminuiu de 0,5 por cento a 0,6 por cento por ano.» Ou seja, mesmo com o seu capitalismo selvagem (ou justamente por isso?), o Reino Unido criou menos emprego do que a França, por exemplo, no mesmo período (414 000 contra 440 000).

Enquanto isso, as estatísticas britânicas revelam que apenas um em cada dois jovens de dezoito anos está a fazer escolaridade ou em formação, contra quatro em cada cinco no resto da Europa. Por outro lado, um estudo da Câmara dos Comuns revela que um milhão e quinhentas mil crianças com menos de 16 anos trabalha ilegalmente, muitas vezes em condições perigosas.

E é para este «paraíso» que se pretende arrastar toda a Europa.

## OS, NÃO SE PREOCUPEM...



## Catálogo de horrores

No coração da economia europeia a situação não é mais famosa.

Segundo as estatísticas publicadas no início de Agosto pelo departamento oficial de Nuremberga, o número de desempregados registados na Alemanha aumentou de 127 000 no mês de Julho; oficialmente, o país conta com 3 911 000 desempregados, ou seja, mais 321 000 do que o ano passado, e 10,2 por cento da população activa.

Só na ex-Alemanha de Leste, os desempregados registados ascenderam a 1 146 000, o que corresponde a uma taxa de desemprego de 15,4 por cento (contra 13,9 no ano passado).

Estes números, oficiais, são no entanto muito inferiores à realidade. Neles não são contabilizados os desempregados que chegaram ao fim dos subsídios de desemprego e que já não têm direito a novas subvenções, devendo sobreviver com a ajuda social, bastante mais reduzida; as estatísticas ignoram igualmente os trabalhadores em situação de pré-reforma ou em estágios ditos de formação ou de reconversão, bem como os desempregados a tempo parcial e os assalariados afectos a trabalhos precários.

O plano de austeridade apresentado por Helmut Kohl em 26 de Abril último, cujo objectivo é economizar 50 mil milhões de marcos em 1997, custe o que custar - e vai custar bastante aos velhos, aos doentes, aos desempregados e às famílias mais carenciadas -, é o corolário lógico das receitas neoliberais. Três meses antes, em 23 de Janeiro, Kohl havia estabelecido com os sindicatos e o patronato um «pacto para o emprego e a competitividade». Em troca da criação de 300 000 novos empregos, os trabalhadores aceitavam maior flexibilidade do trabalho e dos salários, aumento da idade de reforma, reavaliação em baixa das pensões, diminuição dos subsídios de desemprego e das prestações sociais, redução da carga fiscal para as empresas.

O patronato rompeu o acordo. Dos novos postos de trabalho não há nem rasto, mas todas as restantes medidas estão a ser implementadas.

A 15 de Junho, centenas de milhar de pessoas saíram à rua em Bona, na maior manifestação social do pós-guerra na Alemanha, protestando contra o plano de austeridade de Kohl, classificado como «um catálogo de horrores».

De horror e de vergonha clamaram também, do outro lado do Atlântico, 300 000 norte-americanos, contra a liquidação do sistema de assistência social. Não foram ouvidos. Na pátria do neoliberalismo, onde, segundo escrevia o New York Times em 1 de Junho, 20 por cento das crianças vivem abaixo do limiar da pobreza e 10 por cento em extrema penúria, mais uma machadada acaba de ser dada nos direitos humanos.

O capital tem motivos para estar satisfeito. Nas catedrais da especulação, as bolsas vão continuar a fechar em alta.



■ Paulo  
Trindade

# A defesa da Função Pública do Estado e a dignificação dos trabalhadores da Função Pública

**A** transformação de um aparelho de Estado anquilosado e sem capacidade de resposta às necessidades mais essenciais dos cidadãos, num aparelho de Estado operativo, descentralizado e desburocratizado, constitui para o Partido Comunista Português um objectivo indissociável da construção de uma sociedade democrática, integrando as indispensáveis vertentes política, social, económica e cultural.

Os princípios constitucionais que enformam a Administração Pública – artigos 6º, 48º, 168º e 266º a 272º – têm sido desvirtuados pela política de direita prosseguida pelos sucessivos governos, em que a fobia privatizadora e os critérios orçamentistas decorrentes da aceitação submissa dos princípios de convergência nominal do tratado de Maastricht se sobrepõem ao primado da função social do Estado.

A política de direita traduz-se numa desresponsabilização face às funções sociais do Estado, afecta a qualidade do serviço público, implica falta de transparência no destino e utilização de avultados meios financeiros e degrada o estatuto socioprofissional dos trabalhadores da Função Pública.

Quando se aborda a problemática da função social do Estado são naturalmente realçados, pela sua importância social, o ensino, a saúde e a segurança social.

Porém, a importância e os respectivos reflexos no quotidiano da generalidade dos cidadãos não podem nem devem conduzir ao esquecimento – é essa uma das vertentes em que no aspecto ideológico a direita mais tem investido – das mais variadas atribuições cometidas à Administração Pública.

O ordenamento do território, a defesa do ambiente, o sistema fiscal, a promoção da cultura, a administração da justiça, a segurança, o controlo sanitário, a intervenção e dinamização da agricultura, da indústria e das pescas são, entre outras, atribuições da Administração Pública com importantes consequências – consoante a natureza de classe da política prosseguida – para o desenvolvimento ou o retrocesso da sociedade.

É interessante verificar que os escribas dos «mass media» dominantes assumem uma postura reveladora de um princípio ideológico comum: o designado Estado Provisório (reduzido a priori ao Ensino, Saúde e Segurança Social) estaria em crise e, conseqüentemente, a construção de uma sociedade «moderna» não seria compatível com um nível pleno de satisfação qualitativo das necessidades de todos os cidadãos pelo que a sua capacidade de resposta deve reduzir-se aos insolventes.

Tudo o resto poderia e deveria ser da responsabilidade da iniciativa privada, que responderia melhor que qualquer serviço público, mediante pagamento do chamado cidadão utente (que já tem uma das mais elevadas cargas fiscais da Europa).

## O que está em crise

Por um lado, ocultam que um qualquer balanço, minimamente isento, das

A criação generalizada na opinião pública da ideia de que tudo o que é público não presta, ocultando as verdadeiras razões e a natureza da política que está na sua génese, tem servido para, em termos de poder político, fazer perpetuar a política de direita seja ela maioritariamente prosseguida pelo PSD ou pelo PS e sempre com o



privatizações na área dos Serviços Públicos (recorde-se o recente abandono de resíduos hospitalares um pouco por todo o distrito de Setúbal, os custos acrescidos para o erário público da exploração privada do Hospital Amadora/Sintra ou as escandalosas falências resultantes da negociata dos matadouros privados) conduz a resultados mais do que negativos, traduzidos por piores serviços e por custos acrescidos suportados pelo Orçamento do Estado, ou seja, pelos impostos pagos essencialmente pelos trabalhadores por conta de outrem.

Por outro lado, ocultam que o que está em crise – e esta é a questão central – é o modelo de acumulação e de desenvolvimento capitalista, que se revela incapaz de dar resposta às necessidades mais elementares de um número cada vez maior de seres humanos.

Mas são esses mesmos escribas que também denunciam os atentados à qualidade de vida dos cidadãos, imputando-os à ineficácia – muitas vezes verdadeira – dos serviços públicos e, em primeiro lugar, à alegada incompetência dos trabalhadores da Função Pública, bodes expiatórios da política de direita, sempre que surge matéria que, muito justamente, indigna e revolta qualquer cidadão.

Tais escribas não assumem uma atitude reveladora da sua hipocrisia intelectual, que confessada ou inconfessadamente defendem, que determina como resultado inevitável tais situações.

prestimoso apoio do CDS-PP (por exemplo, qualquer destes Partidos ou vota contra ou se abstém face às propostas do Grupo Parlamentar do PCP para construir escolas ou hospitais, mas todos dão cobertura e aprovam em sucessivos orçamentos milhões de contos de isenções fiscais para o grande capital).

## A responsabilidade da política de direita

A política de direita, sendo responsável pela degradação do Serviço Público, é também responsável pela criação de sérias limitações ao bom desempenho profissional dos trabalhadores da Função Pública, sendo estes duplamente lesados: são-no enquanto cidadãos que sofrem, como qualquer outros, os efeitos da redução da função social do Estado, e são-no enquanto «empregados» do Estado, utilizados pelos Governos, que desenvolvem uma política de direita, como cobaias para a redução dos respectivos direitos laborais, servindo de exemplo e de padrão para criar referências para a contratação colectiva de sector privado e para a alteração da legislação laboral.

A degradação do poder de compra, a instabilidade e



a precarização do emprego, a estagnação nas carreiras, os ataques ao estatuto de aposentação, a retirada de direitos individuais e colectivos, o não cumprimento de normas relativas a higiene, saúde e segurança, a desmotivação profissional, o «emprateamento» de profissionais competentes, o detrimento de critérios de competência para cargos dirigentes, em função de critérios de clientelismo partidário são os traços dominantes dos efeitos da política de direita no estatuto socioprofissional dos Trabalhadores da Função Pública.

Não é por acaso que, quer em Portugal quer um pouco por toda a Europa, os últimos anos têm sido marcados por um ascenso da conflitualidade social no sector da Administração Pública.

Os Trabalhadores da Função Pública têm dado provas de estarem empenhados numa efectiva reforma da Administração, na defesa do serviço público em todas as suas vertentes e de disposição para lutar em defesa dos seus direitos.

Sendo o factor humano e a sua motivação determinantes no sucesso de qualquer reforma, a dignificação do estatuto socioprofissional dos trabalhadores da Administração Pública constitui uma linha de força indissociável da própria dignificação do serviço público, tornando-se inadiáveis as respostas aos seus principais problemas e reivindicações.

### Lutar para mudar

Há que reconhecer que, cerca de dez meses após a mudança governativa decorrente das eleições de 1 de Outubro, não se verificam alterações estruturais que permitam vislumbrar uma efectiva mudança de política para a Administração Pública, para a sociedade portuguesa e para os trabalhadores.

As intenções privatizadoras mantêm-se.

As recentes declarações do Ministro das Finanças do Governo do Partido Socialista e a táctica já conhecida, de criar tectos salariais psicológicos, usando a comunicação social para divulgar propostas de actualização salarial reveladora de continuidade relativamente à política macro-económicas do Governo PSD/Cavaco Silva, antes de formalmente iniciar o processo negocial com as organizações sindicais representativas dos trabalhadores do sector, são exemplos significativos de que as promessas de mudança do Partido Socialista para a Administração Pública se ficaram por isso mesmo: pelas promessas...

A alternativa à política de direita, tal como o PCP tem sustentado de forma coerente, nos diferentes planos de actuação dos seus militantes, passa pela defesa do aparelho produtivo, pelo aprofundamento qualitativo e quantitativo da função social do Estado, passa pelo respeito e dignificação de quem trabalha.

O Governo do Partido Socialista prometeu a mudança aos portugueses, mas ao assumir uma política de continuidade nas questões económicas centrais face à política desenvolvida pelo PSD, seja quanto às privatizações, seja quanto à subserviência cega em termos económicos e orçamentais aos critérios de convergência nominal do Tratado de Maastricht, depressa se aproxima do esgotamento dos limites do estado de graça que, com muito de demagogia, soube escolher junto de importantes sectores do eleitorado.

Tal opção terá custos políticos e sociais que não são difíceis adivinhar.

Por essa razão, ganha importância política acrescida o projecto político do PCP, apostado numa efectiva alternativa de esquerda, na dignificação e defesa das classes trabalhadoras, numa sociedade em que a função social do Estado e a dignificação do estatuto socioprofissional dos seus trabalhadores não constitua letra morta em preceitos constitucionais.

É essa a motivação do PCP, será essa a acção que os trabalhadores, recorrendo às adequadas lutas de massa, saberão levar a cabo, potenciando no plano social as condições para a alteração política que se impõe!

## Vida em Marte? Os monstros do espaço exterior ou os pretextos da grande indústria

■ RNR

**A** NASA anunciou com grande pompa e circunstância a detecção de vestígios de matéria viva fossilizada num meteorito encontrado à superfície da Terra e que seria oriundo de Marte. O que sugeriria a presunção de que existiria ou pelo menos teria existido vida em Marte sob forma muito primitiva a alguns milhares de milhões de anos (idade com que foi datada a formação da rocha marciana que mais tarde se teria convertido em meteorito).

A prudência das afirmações anteriores não é só nossa, é também dos cientistas e administradores da NASA que deram a notícia, o que contrasta com a encenação feita. Pelo que transparece, o que está em causa não é só a pesquisa científica, e certamente existem outros interesses em jogo. Como noticiava o "Avante!" da semana passada, a NASA movimentou-se para obter financiamentos para novos projectos aero-espaciais, depois que a competição EUA/URSS é dada por terminada, e Bill Clinton, em período eleitoral, desejará associar-se a um "desígnio nacional" capaz de entusiasmar os eleitores.

A existência de vida no Universo tem sido preocupação de numerosos cientistas ao longo de largas décadas. Essa pesquisa desenvolveu-se segundo diversas direcções: a identificação de sinais portadores de códigos inteligentes de entre o manancial de sinais recebidos nos radio-telescópios; a análise espectral da luz emitida por astros, nebulosas e gás sideral (tendo sido detectadas diversas moléculas orgânicas simples); o estudo de meteoritos tombados na Terra (cuja origem é maioritariamente da cintura de asteróides existente entre Marte e Júpiter ou fragmentos de cometas), tendo em alguns deles sido identificados vestígios de matéria orgânica complexa; e o estudo detalhado do nosso sistema solar, particularmente na vertente da Planetologia (a ciência da formação, estrutura, composição e evolução dos planetas e seus satélites).

O início da exploração do espaço exterior pelo Homem trouxe novos instrumentos de trabalho e resultados úteis para o progresso da Cosmiologia, Astrofísica e Planetologia e, naturalmente, para o estudo da existência de vida noutros pontos do Uni-

verso. Mas já logo após o início da exploração aero-espacial, A. Oparin e V. Fessenkov ("A Vida no Universo", editora Fulgor, São Paulo, 1962), analisando os conhecimentos científicos então disponíveis, afirmavam: «... se em Marte não existe biosfera, se a vida nesse planeta não se manifesta em escala cósmica e não foi revelada a partir da Terra, não está excluída entretanto a possibilidade de certos organismos vivos, mesmo os mais primitivos, possam ter-se mantido, desde épocas mais recuadas, quando as condições em Marte eram mais favoráveis à actividade vital do que hoje...». Ou ainda: «... a presença do azoto na atmosfera (de Marte) poderá servir de índice revelando a existência, em um passado remoto, de uma vida orgânica, sob a forma de bactérias capazes de fixar o azoto atmosférico, ou de bactérias desnitrificadoras, contribuindo para a libertação desse gás a partir de compostos inorgânicos...».

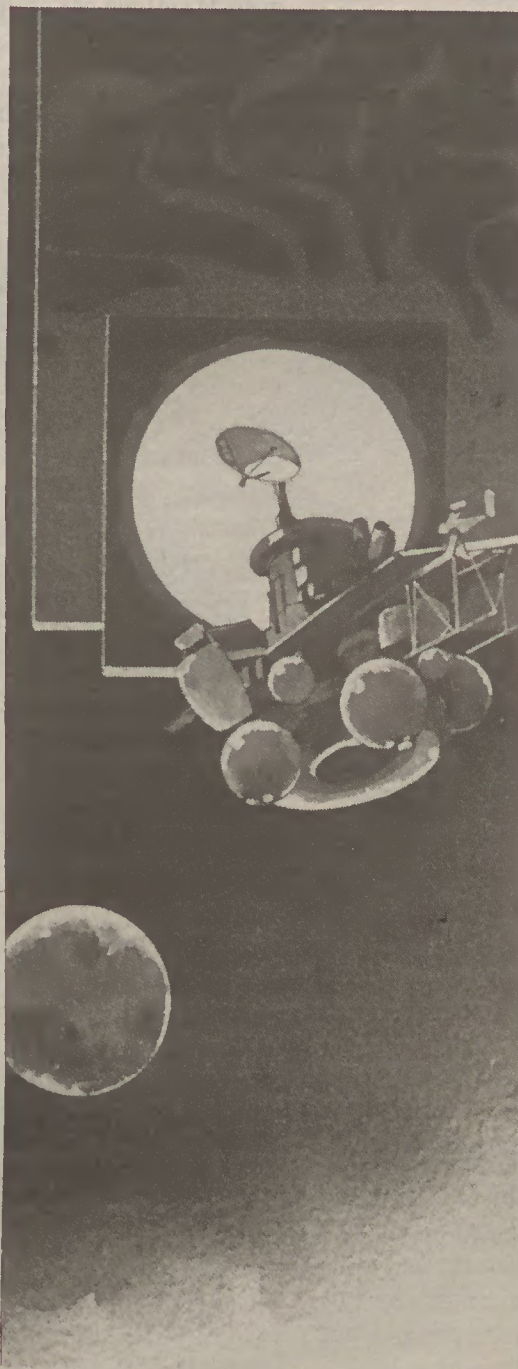
Não se justifica pois a pompa e a circunstância com que, quase 40 anos depois, se anuncia como

revolucionária hipótese análoga. Sendo certo que, entretanto, se registaram progressos científicos notáveis, os dados adicionais que são agora aduzidos neste caso concreto são, essencialmente, a descoberta de um meteorito com matéria orgânica possivelmente fóssil e que eventualmente é oriunda de Marte. Ora essa presumida origem marciana é improvável e não está demonstrada ainda.

A intervenção rápida e pomposa de Bill Clinton, logo poucos dias após o anúncio da descoberta científica (seria?) pela NASA, vêm esclarecer o que de facto estava em jogo. O "lobby" da grande indústria aeronáutica e aeroespacial (Boeing, Lockheed, Gas-Dynamics...) fez valer os seus interesses em tempo oportuno e do presidente dos EUA encontrou na suposta descoberta um argumento para mobilizar o nacionalismo norte-americano e dele se arvorar porta-voz e líder iluminado.

O complexo militar-industrial e a NASA receberão os seus grossos financiamentos públicos.

Bill Clinton poderá mais facilmente ser reeleito. Mas as dezenas de milhões de norte-americanos que vivem abaixo do limiar da pobreza irão sofrer ainda mais pela carência de financiamento para a assistência social e outras funções sociais do Estado.





■ Zillah  
Branco

# Brasil — sistema impróprio para se viver

**O** Brasil é um país de grande belezas e maiores injustiças. Isto todo o mundo sabe, até o Presidente Fernando Henrique Cardoso. Mas, o importante não é reconhecer o óbvio, é construir o caminho da justiça para salvar a população brasileira com toda a sua beleza. E isto os governantes não têm feito.

Apesar do governo actual ter dado prioridade, no programa eleitoral, ao tratamento das questões sociais, reduziu drasticamente os orçamentos da educação, saúde, segurança social (o Tribunal de Contas da União no exame das contas públicas alertou recentemente para o facto de que os gastos do Governo na área social caíram em relação a 1994: 82% no atendimento a crianças e adolescentes, 67% no apoio ao desenvolvimento rural, 40% nos investimentos em projectos orientado para a criação de empregos, entre 6% e 46% na alimentação e ensino básico). Por mais belas análises sociológicas que façam, por mais destacados intelectuais na assessoria ao Governo, a realidade só se altera com acções concretas e estas custam dinheiro.

## Procura-se pelo menos a salvação da alma

O mais doloroso é que não só os discursos são reconhecidos pela população como um blá-blá inútil, mas também para ela o são todas as instituições que estruturam o Estado. Passivamente o povo se desliga da vida política e volta a sua confiança para o misticismo, o que as várias igrejas aproveitam para aumentar a sua base de apoio no jogo político. O cidadão sente-se totalmente desamparado enquanto assiste ao regabofe da elite capaz de consumir em um jantar individual três salários mínimos (como ocorreu em Paris recentemente com a delegação presidencial) e os desmandos criminosos e corruptos da velha oligarquia aliada à burguesia (ou mafia) internacional que circula no país como donos absolutos.

## Só o poder local realiza a democracia

A população é generosa e participante quando encontra algum canal institucional que a acolha, mas isto (quando existe) esgota-se ao nível do poder local. Sob a liderança de prefeituras progressistas criam soluções e riquezas que o poder central lhes nega. O movimento sindical, formado sob influência do paternalismo de Getúlio Vargas, sucumbe hoje diante do quadro de desemprego e contratos precários que predominam.

As grandes massas dos *sem terra*, e dos *sem tecto*, movem-se desesperadas em busca da sobrevivência e defrontam os proprietários que, além de armados, manipulam as polícias estaduais (como ocorreu em Eldorado dos Carajás em Abril passado). O resultado são chacinas, tanto no campo como nas cidades, e os crimi-

nosos ficam impunes. Para completar o quadro de miséria levada às últimas consequências, vêm as chuvas que arrastam os barracos levantados em terrenos impróprios, as doenças que se alastram pela falta de higiene e proliferação de ratos e insectos, a fome, o desequilíbrio psicológico, o desespero absoluto. Depois de conhecer o grau de abandono em que vive a maioria dos brasileiros fica-se sem saber de onde tiram a alegria e a cordialidade que alimenta o ambiente social.

O noticiário nos meios de comunicação social todos os dias destaca assaltos a bancos, assassinatos por ajuste de contas, violação de menores, trabalho escravo infantil, fugas de penitenciárias que albergam três ou quatro vezes o número máximo de presos. Com outra linguagem também referem a ameaça de falência de bancos logo socorridos pelo Governo. Somando o esbanjamento nacional para tapar os buracos criados por banqueiros que só sabem gerir o seu próprio capital mas não o da instituição bancária e o luxo com que são tratados os governantes e parlamentares, dava para equiparar melhor o sistema presidário e evitar o desespero de tantos que recorrem ao crime como meio de vida por não contarem com os recursos básicos devidos pelo Estado a qualquer cidadão.

Diante desse quadro social ameaçador, fala-se na *justiça* como remédio. E aí aparece um juiz do Supremo Tribunal a perdoar um violador de uma rapariga de 12 anos porque «ela já é uma moça», segundo ele. De facto, com a educação transmitida pelos meios de comunicação social onde o modelo feminino é a «*Barbie*», numa família desagregada em que as jovens vêem ao seu alcance a profissão de prostituta para sair da fome, aos 12 anos uma rapariga já parece uma mulher assim como aos 35 anos já é uma velha. Mas quando um juiz, e do Supremo Tribunal, não é capaz de ultrapassar a sua curta visão imediatista para ditar uma sentença, como se poderá confiar na Justiça? Com a mesma descrença decorrente de actos como este de autoridades nacionais desenvolve-se a criminalidade: as cadeias estão lotadas, o Presidente da República concede indultos para esvaziá-las, não há empregos, os juizes são vesgos, fora ou dentro das prisões leva-se uma vida miserável, por que não tentar a sorte? Ou será que só o banqueiro ou mafioso consegue escapar?

## A falência das instituições imposta pelos seus mandantes

O Brasil apresenta com clareza a falência da *democracia formal* e do *sistema* que aí se desenvolveu desde o colonialismo e o escravismo pré-capitalista até atingir a imagem do desenvolvimento como uma capa transparente sobre uma miséria espantosa. A cada passo vemos os *dois brasis* convivendo em ameaçador equilíbrio: alta tecnologia e analfabetismo, luxo imperial e fome, riso infantil e arma na mão, uma multiplicidade de leis que só são aplicadas contra os que estão abaixo da elite, liberdade de expressão e ouvidos moucos dos governantes. Tudo acontece sob o olhar cínico e complacente dos que têm a chave do poder na mão e tudo fazem por reduzir o Estado ao mínimo para que reinem as empresas multinacionais.



**O** Simpósio internacional *Struggle for Synthesis – A* *Obra de Arte Total nos séculos XVII e XVIII*, que reuniu recentemente em Braga cinco dezenas de especialistas oriundos de dezassete países, teve o raro interesse de possibilitar uma discussão alargada sobre o conceito de *Gesamtkunstwerk*, isto é, a «obra de arte vista pela sua dimensão de totalidade», nas suas diversas dimensões operativas.

## 1

Nas palavras do historiador de arte Luís de Moura Sobral (Universidade de Montréal), que comissariou este importante simpósio científico, o encontro permitiu não só debater a operacionalidade desse conceito oitocentista na prática da disciplina da História da Arte», como (também) «a consciência adquirida do valor do património histórico-artístico nacional, que nos define como entidade autónoma e como grupo cultural». Tratou-se, assim, de olhar para a produção artística portuguesa do *tempo barroco* (com realce para a dos reinados de D. Pedro II e de D. João V), em cotejo com a arte internacional sua contemporânea, e de discernir modos de fazer e estradas de identidade no quadro das manifestações culturais de então. Assim desbravado o terreno que o conceito de «obra de arte total» configura, impunha-se reflectir nas experiências artísticas de diversas latitudes – de Portugal à Europa Central, ao Brasil e à Índia, à Bolívia e ao México, à Áustria, à Alemanha, à Itália e a Espanha... – observando diversos tipos de comportamento na concepção de espaços sacralizados (igrejas e conventos), profanos (palácios e jardins), festivos (entradas régias e comemorações religiosas), etc., em que o tempo barroco foi pródigo através da arquitectura, da escultura, da pintura, da música, e de outros géneros da produção artística.

Como se sabe, esse Portugal de dominação absolutista, sociedade escravagista de fiel opção tridentina oferece-nos, neste quadro, características de produção *sui-generis* na sua afeição a materiais pobres e a linhas construtivas vernaculares, a par de uma formidável «acentuação do decorativo»,

através de géneros praticamente específicos do seu léxico ornamental, como o Azulejo, a Talha dourada dos altares, os mármore fingidos e a pintura de tectos.

O modo como tais géneros ornamentais se cruzaram e fundiram em espaços barrocos tocados por um excepcional fascínio – como sucede, no caso de Braga, com a igreja de São Vítor e a igreja beneditina de São Martinho de Tibães –, confere à arte barroca portuguesa, no seu exacto âmbito europeu, e no *quadro de regionalidade* em que naturalmente se insere (e se expandiu pelas colónias), um papel particularmente interessante e que pode abrir um debate por de mais frutuoso sobre a operacionalidade daquele conceito.

## 2

Bem entendido, o termo respigado das concepções romântico-wagnerianas do século XIX sobre a teoria musical, não é líquido na sua apropriação pela História de Arte científica – e os debates que provocou, resvalando entre o formalismo mais académico e a sua possível globalização, revelaram a diferença profunda que subsiste entre corrente de pensamento e métodos de trabalho dispare.

Como sucede em tantas outras áreas de investigação científica, são notórias as clivagens entre uma visão progressista do objecto de análise e uma cristalização formalista, absolutamente redutora, leia-se reaccionária, da sua *função*. Isto porque aquilo que designamos por obra de arte (ou, melhor entendido, a *produção artística*) se constitui sempre como testemunho ideologicamente comprometido de situações históricas que nos permi-



# A Obra de Arte Total

## – um conceito com operacionalidade para uma história de arte comprometida

tem visioná-la enquanto processo de transformação e interrogação de condicionantes sociais. Na realidade, essa dimensão dialéctica escapa, com frequência, do discurso oficial de uma História da Arte que se académiza em excesso e que perde a sua linha vocacional de intervenção. É tempo de se alargarem os debates no campo da disciplina e de se afirmar um terreno de operacionalidade que, na maioria dos casos, nos escapa.

A *noção marxista de totalidade* denuncia-se de inesgotável utilidade para o nosso trabalho. Lembrando Frederick Antal (1948), «a História da Arte deve ser concebida como um conjunto de particularidades, do mesmo modo que a obra de arte particular é, sempre, um testemunho de totalidades». De resto, é natural que se coloque, cada vez com maior pertinência, este lento questionar do *objecto* da pesquisa na História da Arte, e das suas linhas de orientação enquanto reflexo da dinâmica transformadora: como afirma Karl Marx, «se a realidade fosse algo de transparente, de imediatamente perceptível, a análise crítica seria sempre supérflua». Convém recordar, assim, o papel que cabe à ciência da História, dentro de uma alargada perspectiva *micro-história* (ainda pouco explorada entre nós), para suprir as lacunas de conhecimento que impedem a iluminação possível de uma qualquer situação passada: valerá, por actual, o postulado marxista de que «não há estrada real para a ciência e só têm possibilidade de chegar aos seus cumes luminosos os que não temam fatigar-se a escalar as suas veredas escarpadas»...

Também no terreno da História da Arte portuguesa a superação das lacunas de conhecimento se questiona com a falta de um *rastreo em globalidade* e de uma *visão em totalidade* – ambos avessos à pré-determinação de «génios» ou de «obras-primas», pois não será essa a vocação primeira da disciplina, antes a percepção de modos de sentir social e de «processos ideológicos de fazer» que se complementam ou confrontam.

### 3

A chamada de atenção para um outro termo com paralela função abrangente à de *Gesamtkunstwerk*, o *bel composto* – conceito com que o tratadista italiano Baldinucci referenciava, em 1682, a produção de Bernini, para ele uma síntese perfeita de uma verdadeira obra de Arquitectura/Escultura –, foi lembrada e discutida neste simpósio, e é de óbvia utilidade, pois se reporta à noção tridentina (e não só) de que os empreendimentos artísticos constituíram o meio estratégico mais profundo de exprimir um sentido de dominação, alargado a todas as esferas da vida colectiva. Substituíam-se assim, no século XVII, o postulado renascentista da primazia das artes, que as célebres *paragonas* sobre a superioridade da Pintura em relação à Escultura, compiladas por Benedetto Varchi, tinham constituído um exemplar testemunho.

A viragem de 1600 e a nova estabilidade de uma Europa de Capitais afirmada em grandiloquência contra-reformista e consciente do seu papel de reguladora/dominadora à escala planetária, faz crescer esse sentido sacralizado da gratidão, e também o secular medo da morte – que podiam, entretanto, ser exaltados (um e outro) no âmbito de uma

vastíssima operação legitimadora dos poderes absolutistas. As obras de arte, pelo que nos ensinam sobre as estratégias inerentes a esse processo, e pela carga de fascinação estética que supõem em dimensão de trans-temporalidade, são portanto um dos mais deslumbrantes testemunhos da vivência histórica, e um terreno inesgotável de re-conhecimento identitário.

Numa perspectiva exacta da sua carga de *totalidade*, importará terem-se em conta divesas circunstâncias que determinam o interesse do património artístico como factor perene de exaltação da sensibilidade e da memória: só por isso (mas não só por isso...) a salvaguarda dos valores patrimoniais de um país deveria ser encarado como uma *prioridade social* – consciência essa que, convém sublinhá-lo, os comunistas portugueses sempre tiveram na devida conta, atentos à inexorável dinâmica transformadora da História, sendo por isso tão exigentes e críticos quanto às actuações de sucessivos governos que usam o património cultural, o mais das vezes, como uma mera questão de demagogia eleitoralista...

No quadro das comunicações apresentadas e discutidas neste Simpósio, transpareceu com clareza quão profunda foi a necessidade sentida pelas sociedades contra-reformistas dos séculos XVII-

-XVIII (e pelo «espírito de missão» do colonialismo ibérico) de projectar *valores de legitimidade* dos seus códigos de poder, que fossem os religioso-anamnésicos (mais transparentes e perenes), quer os de domínio político no terreno imperial em que se moviam (sempre mais contraditórios e obscuros). A *obra de arte total* faz parte dessa estratégia de afirmação (e dominação) das consciências, e desse intenso diálogo com a instância espiritual, base dos comportamentos e dos hábitos mais arraigados nas sociedades dessa Idade Moderna tão apeçada ainda, em tantos casos, a estruturas medievals. Vejam-se as igrejas-colégios construídos pela Companhia de Jesus no Brasil (o Colégio de Salvador, por exemplo), e como o seu figurino artístico funciona em termos de contra poder face a uma administração corrupta e escravagista, sublinhando no seu discurso de significados totalizantes um espírito de missão cristã que apontava, nesse caso, para a libertação da mão-de-obra índia, indefesa face à opressão dos colonos.

Assim, e para nós, o conceito não se esgotará numa multiplicação de exercícios formalistas e descritivos; é mais subterrâneo e, por isso, muito mais importante, por meia-dúzia de razões que decorrem de um estudo atento da nossa

produção artística seis-setecentista, portuguesa e não só.

### 4

A terminar, registaram-se algumas proposições úteis para um debate sobre o conceito de que falamos, e ao qual a Esquerda consequente que somos – e que tem acrescidas responsabilidades na revitalização do pensamento crítico – não poderá quedar-se indiferente:

1 – a noção de *obra de arte total* apenas assume utilidade operativa na medida em que abarque uma realidade artística unívoca, ou seja, a caracterização de uma *clientela* que define os seus programas estéticos e que congrega uma teia de artistas (arquitectos, pintores, entalhadores, azulejadores, músicos, etc.) no âmbito de uma *estratégia de fazer* adequada às condicionantes sociais e ideologicamente comprometida até ao mais ínfimo pormenor;

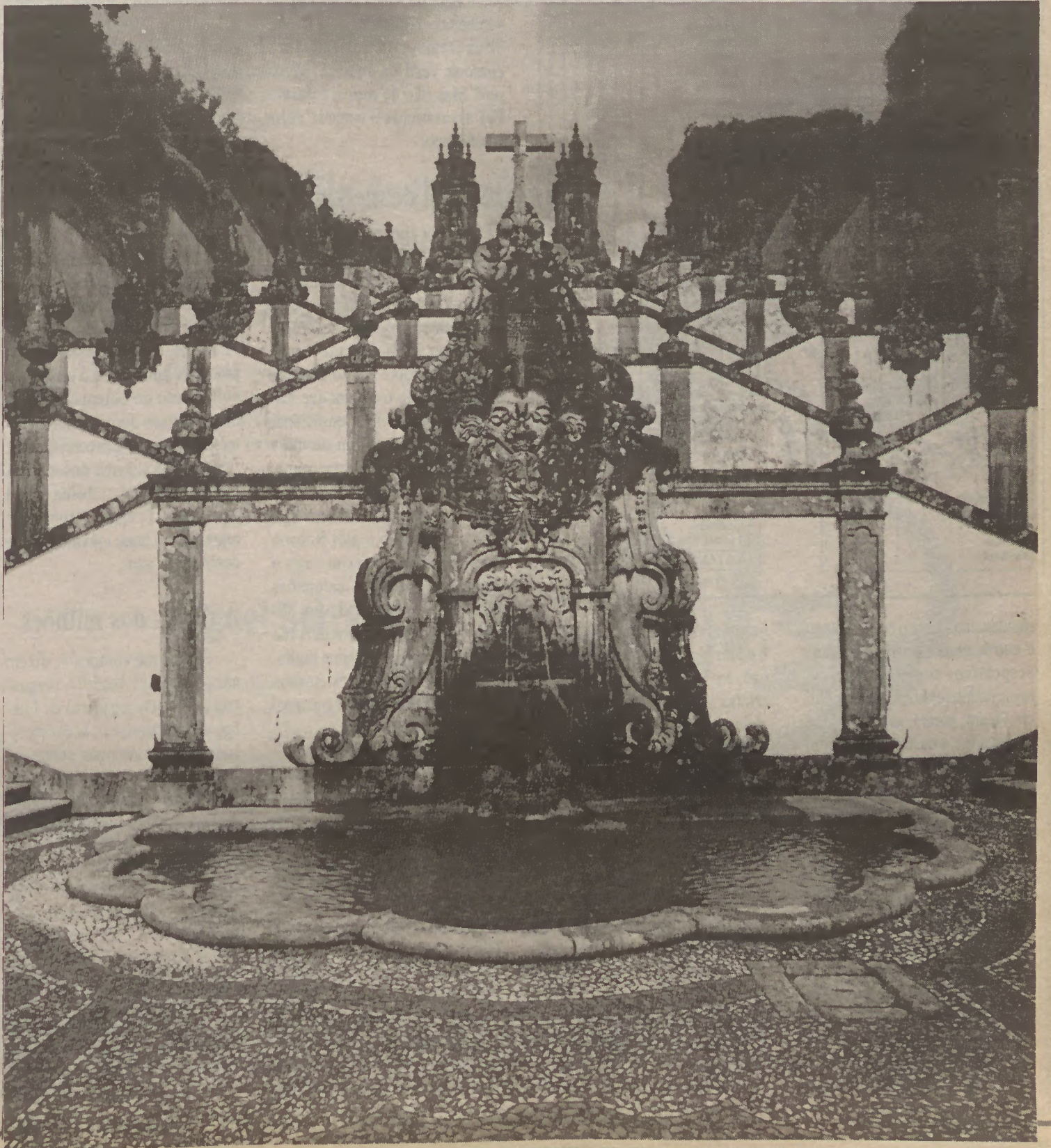
2 – a *obra de arte total* tem utilidade operativa enquanto instrumento de trabalho que tenha em conta o mundo abrangente do tipo de trabalho, das ideias, dos objectivos, das escolhas e das estratégias que movem o *mercado* (isto é, a ideologia de um cliente que encomenda o ciclo

artístico em causa), incluindo nelas os graus estatutários, os níveis remuneratórios, as fontes de inspiração, etc., subjacentes aos produtores-artistas;

3 – a *obra de arte total* impõe-se como conceito útil e pedagógico se largar a sua análise à realidade específica do público que consome, que digere o espectáculo proposto (seja uma «capela forrada de ouro» ou um jardim com suas referências moralizantes), em suma, a esfera que em primeira e última instância dá a resposta coerente e necessária ao formulário artístico proposto;

4 – a *obra de arte total* alarga-se, ainda, a uma compreensão estimulante de práticas de culto, códigos de ritualidade, normas de comportamento social, correntes espirituais, fronteiras de exclusão, estratégias repressivas, etc., etc., que conferem a necessária *utilidade* à disciplina de que falamos;

5 – enfim, o conceito de *obra de arte total* tem uma dimensão social actualizada, pois nos ensina, através do estudo de conjunto das artes assim sintetizadas (os «delírios ornamentais» das nossas igrejas e palacetes barrocos), a *especificidade dos diversos patrimónios regionais* – o que no caso português tão diverso é de outras realidades coetâneas –, apelando, por isso, à imperiosa necessidade da sua defesa, estudo e preservação.





■ José Alvarez

# Os desportos vivem tempos estranhos

**A** participação portuguesa nos Jogos Olímpicos de Atlanta, apesar dos maus resultados conseguidos, deve ser saudada. E o resultado obtido pela atleta Fernanda Ribeiro na difícil prova final dos 10.000 metros deixou-nos convencidos de que esta jovem mulher portuguesa fez mais pelo desporto português numa só experiência do que as multidões de outros que vivem do desporto mas só o colocam mal.

Surpreendeu-nos, como a todos os portugueses e às portuguesas, certamente, a acção dos dois praticantes da modalidade de «volley-ball» de praia cuja maneira confiante e desinibida feriu a imaginação do país, favoravelmente. O mesmo pode dizer-se dos velejadores que honraram as tradições dos desportos náuticos nacionais. Mas, por aí ficou o lado positivo da contribuição de uma delegação aos Jogos que foi a maior de sempre. Agora, os Jogos e os seus resultados caminham,

ao fim. Em resumo: foi tudo muito pouco para os desportistas do país do 25 de Abril.

## No campo das medalhas

Os Jogos Olímpicos também ajudam a observar o desenvolvimento da situação mundial. Podemos dizer, olhando rapidamente a tabela das medalhas conquistadas pelos diversos países, que se a URSS ainda existisse teria conse-

Jugoslávia, as 3 da Eslováquia, as duas da Croácia e da Eslovénia, dizem alguma coisa. Mas nota-se que estas recolhas de resultados e medalhas já reflecte um sentido decrescente, que se lamenta – a juventude em todos os países referidos começa a acusar a infecção provocada pelo estilo de vida «à ocidental» em que o dinheiro e os vícios que lhe são inerentes aparecem como valor principal e o espírito desportivo perde terreno em toda a linha. As 50 medalhas conquistadas pela República Popular da China e as 6 da Coreia do Norte reflectem progressos indelmentáveis. Mas as 25 obtidas pelos homens e mulheres que representam o desporto da República Cubana, dizem tudo quanto a um pequeno país que continua a lutar para ser aquilo que, em tantas coisas, já é – um grande país de gente livre que recusa ser escrava do imperialismo. As 25 medalhas cubanas contra as duas de Portugal e as 15 da Grã-Bretanha, fazem pensar. Por outro lado, as 65 medalhas ganhas pela Alemanha não se aproximam, nem de perto nem de longe, das antigas «colheitas» realizadas pela República Democrática Alemã que, como se verifica, morreu. Morreu? Mas não de morte natural. Foi assassinada e tragada pelo capitalismo.

## Futebol de mercado

A nova época do futebol já começou. Mas foi espectacular, como sempre, o movimento de transferências realizado pelos clubes. O «mercado» abriu-se, depois do parecer jurídico dos tribunais «europeus» sobre o caso Bosman e, agora, é raro o dia em que não aparece como notícia sensacional a transferência de um ou mais jogadores para clubes estrangeiros. Também o «mercado» dos treinadores esteve particularmente agitado – a saída do inglês Robson para Barcelona, deixou vago o lugar de técnico dos campeões nacionais e estes, pondo fim aos princípios e ao sistema deixado pelo antigo seleccionador inglês, chamaram um português, homem da casa, o seleccionador nacional António Oliveira.

Mas a saída de Oliveira deixou a Federação Portuguesa de Futebol a contas com problema da respectiva substituição. Foram ágeis, rápidos, entretanto, os dirigentes da Praça da Alegria ao chamarem para o seu serviço o célebre Artur Jorge sobre cujos ombros recai, agora, a responsabilidade pela qualificação da selecção nacional para o Mundial de 1988, em França. Terão feito uma escolha acertada? Terão escolhido a personalidade mais adequada? Ninguém pareceu ter em conta que este técnico de futebol, quando no

desempenho do mesmíssimo cargo para que acaba de ser contratado, mostrou imenso desdém pelos interesses do futebol português ao acenar-lhe com um inesperado «au revoir et merci» para fazer as malas e tomar o avião para Paris onde lhe convinha aceitar um contrato com um clube-empresa de projecção recente. Mas, na sequência de problemas surgidos nesse clube, Artur Jorge regressou a Portugal para realizar, disse-se na altura, o objectivo que mais ambicionava – ser treinador do Benfica.

O clube das águias de Lisboa é, como ninguém ignora, o mais famoso clube português nos grandes meios do futebol internacional. Artur Jorge esperava presidir ao ressurgimento do futebol benfiquista entre aqueles meios e conquistar, finalmente, a glória que outros títulos alcançados não lhe haviam trazido. Mas os métodos, o estilo de trabalho, o declínio da personalidade de Artur Jorge, não produziram os resultados esperados e, sob pressão dos sócios do Benfica, o presidente deste clube, Manuel Damásio, viu-se obrigado a demiti-lo. Nasceu, então, uma grande questão para aquele treinador. Que fazer? – agora que parecia começarem a limitar-se os recursos de outrora... Agarrou com ambas as mãos uma inesperada oferta da Federação Suíça e foi treinar a respectiva selecção. Mas os resultados foram sempre inferiores e o público helvético exigiu o seu afastamento. Um compasso de espera permitiu ao treinador português surgir à frente da equipa suíça no Euro-96, em Inglaterra. Porém, o inêxito frequente dos processos aplicados e o mau aproveitamento do potencial ao seu dispor deixou Jorge numa insustentável posição. Era preciso fazer funcionar o sistema dos amigos que, em Portugal, trabalha às mil maravilhas. E, agora, Artur Jorge regressou ao lugar máximo de que desertara há anos.

## A dança dos milhões

«Quem me compra?», dizem uns. «Quem me vende?», perguntam outros. Os jogadores de futebol, em Portugal, e os seus empreendedores agentes não param em busca da grande ambição, a de serem milionários, rapidamente. Todos querem ir para Inglaterra, o novo «eldorado» do futebol mundial. O futebol italiano está falido e de lá pensam fugir a toda a velocidade as vedetas que ainda estão sob contrato. Talvez tudo isso venha a trazer benéficos resultados para o «calcio». Silvio Berlusconi anda preocupadíssimo com certos problemas que o ensombream. Então, o melhor que há a fazer, segundo as novas condições, é tomar o rumo das Ilhas

Britânicas. Aí, a transferência do principal marcador do Euro-96, Alan Shearer, para o Newcastle United, clube da sua terra natal, levanta reservas e protestos. Estamos num país onde existem 14 milhões de pobres. Como é possível pagar-se a soma de 15 milhões de libras (3.600.000 contos) por um jogador de futebol? A resposta da direcção do Newcastle, a que preside um milionário com interesses em Portugal, Sir John Hall, não se faz esperar: «São as leis do mercado, as leis da oferta e da procura.»

O Newcastle United, a exemplo do Manchester United e do Tottenham, vai requerer a sua admissão na Bolsa de Londres a fim da que o seu papel comercial e as acções do clube possam ser transaccionadas, publicamente. Objectivo: atrair investidores, descontar papel, abrir o clube a novos accionistas – isto, em concorrência directa com o Manchester United, o clube que ostenta o título de campeão de Inglaterra. Este, com receio da oposição, já anunciou que vai, igualmente, comprar um grande jogador internacional por 15 milhões de libras, ou mais. É preciso, dizem os seus dirigentes, ser-se competitivo.

Outros clubes ingleses, talvez mais realistas, sempre cépticos, mostram-se reservados. O grande Arsenal, o Tottenham e o Liverpool não compraram ninguém e o primeiro acaba de declarar que perdeu durante a última época a módica quantia de 3,6 milhões de libras (quase 900 milhões de contos). Quanto ao Tottenham, o clube dos judeus de Londres, o seu presidente, Alan Sugar, um dos mais astutos homens de negócios de todo o país, manteve-se na sombra e, conhecedor das realidades económicas do momento, vendeu a sua posição accionista na «Armstrad» (célebre firma da produção e venda de computadores) para libertar capital. Tem razão Sir John Hall: «São as leis do mercado.»

Em Portugal, os presidentes dos principais clubes querem, igualmente, trabalhar segundo as leis do mercado. Mas os seus processos, os seus recursos, o seu pessoal, pertence tudo a um mundo subterrâneo, difícil e minúsculo onde apenas sobrevivem os invertebrados. Ouvimos dizer que o Sporting Clube de Portugal será substituído por um grupo de seis empresas. Autor do projecto: outro Mussolini do futebol português, o Dr. José Roquette, famoso banqueiro do Banco Espírito Santo dos bons tempos de antigamente e dos menos bons da fuga dos banqueiros para o estrangeiro, quando o 25 de Abril queria pôr a verdade na vida portuguesa.

## QUADRO DE HONRA (final)

	O	P	B	T
EUA	44	32	25	101
Rússia	26	21	16	63
Alemanha	20	18	27	65
China	16	22	12	50
França	15	7	15	37
Itália	13	10	12	35
Austrália	9	9	23	41
Cuba	9	8	8	25
Ucrânia	9	2	12	23
Cor. do Sul	7	15	4	26
Polónia	7	5	5	17
Hungria	7	4	10	21
Espanha	5	6	6	17
Roménia	4	7	9	20
Holanda	4	5	10	19
Grécia	4	4	0	8
Rep. Checa	4	3	4	11
Suíça	4	3	0	7
Turquia	4	1	1	6
Dinamarca	4	1	1	6
Canadá	3	11	8	22
Bulgária	3	7	5	15
Japão	3	6	5	14
Cazaquistão	3	4	4	11
Brasil	3	3	9	15
N. Zelândia	3	2	1	6
Af. do Sul	3	1	1	5
Irlanda	3	0	1	4
Suécia	2	4	2	8
Noruega	2	2	3	7
Bélgica	2	2	2	6
Cor. do Norte	2	1	3	6
Nigéria	2	1	3	6
Etiópia	2	0	1	3
Argélia	2	0	1	3
Grã-Bretanha	1	8	6	15
Bielo-Rússia	1	6	8	15
Quênia	1	4	3	8
Jamaica	1	3	2	6
Finlândia	1	2	1	4
Indonésia	1	1	2	4
Jugoslávia	1	1	2	4
Irão	1	1	1	3
Eslováquia	1	1	1	3
Arménia	1	1	0	2
Croácia	1	1	0	2
PORTUGAL	1	0	1	2
Tailândia	1	0	1	2
Costa Rica	1	0	0	1
Equador	1	0	0	1
Síria	1	0	0	1
Hong-Kong	1	0	0	1
Burundi	1	0	0	1
Argentina	0	2	1	3
Eslovénia	0	2	0	2
Namíbia	0	2	0	2
Austria	0	1	2	3
Malásia	0	1	1	2
Usbequistão	0	1	1	2
Moldávia	0	1	1	2
Taiwan	0	1	0	1
Zâmbia	0	1	0	1
Azerbaijão	0	1	0	1
Bahamas	0	1	0	1
Filipinas	0	1	0	1
Letónia	0	1	0	1
Tonga	0	1	0	1
Trin. e Tobago	0	0	2	2
Georgia	0	0	2	2
Marrocos	0	0	2	2
México	0	0	1	1
Mongólia	0	0	1	1
Moçambique	0	0	1	1
Israel	0	0	1	1
Uganda	0	0	1	1
Porto Rico	0	0	1	1
Índia	0	0	1	1
Lituânia	0	0	1	1
Tunísia	0	0	1	1
TOTAL	271	273	298	842

rapidamente, para o esquecimento e outros grandes acontecimentos desportivos começam a ganhar lugar no interesse do grande público. Ficam, porém, as mais fundas impressões: a da arrancada monumental de Fernanda Ribeiro para a meta perante o desespero e o mau perder da sua adversária chinesa; a do desapontamento provocado pela actuação de Manuela Machado, na Maratona feminina, quando dela se esperava uma prova heróica; a dos maratonistas e a de Carla Sacramento que, apesar da propaganda de que viu rodeadas as eliminatórias que a conduziram à final, nos deu a impressão de haver renunciado à luta pela vitória e de haver-se acomodado à noção de que lhe bastaria chegar

guido mais medalhas do que os Estados Unidos (122 contra 101) e que, em condições diferentes, os atletas soviéticos teriam obtido mais medalhas de ouro do que os americanos, apesar do ambiente fanático criado à volta destes pelo público, pelos órgãos de comunicação social e, principalmente, pela cadeia de TV encarregada da transmissão dos Jogos.

Outros países, ditos ex-socialistas, continuaram a colher alguns resultados da vasta sementeira feita pelos antigos regimes cujo interesse nos desportos e nos seus melhores valores não pode ser posto em causa: as 17 medalhas da Polónia, as 21 da Hungria, as 20 da Roménia, as 11 da República Checa, as 15 da Bulgária, as 4 da



## Álcool em fuga

As autoridades alfandegárias e o fisco andam preocupadíssimos a tentar encontrar o paradeiro de três milhões de litros de álcool que andam por aí descontrolados. Ao que parece, e segundo informações veiculadas pela imprensa, uma organização criminosa transnacional, decerto facilitada pela não existência de fronteiras económicas, terá promovido uma exportação fictícia de... "concentrado de vodka", ou seja, de álcool a 96 graus, de Portugal para a Finlândia. Suspeitando de tanto litro, as autoridades decidiram meter o nariz na garrafa e, após verificações efectuadas, concluíram que os finlandeses não chegaram a cheirar o líquido. O álcool deve continuar por aí, vagueando em Portugal, escapando ao pagamento de impostos

(que atingiriam, com o IVA, mais de um milhão e duzentos mil contos). Para recuperar o dinheiro agora, só indo para a estrada aplicar multas aos condutores etilizados.

## Turismo pobre

Espanta-se o cónego Melo com as queixas que se elevam por parte dos hoteleiros de Braga. Estes acusam a Igreja católica de transformar o Centro Apostólico do Sameiro num verdadeiro hotel, em "concorrência desleal" com as unidades hoteleiras da região. Com efeito, a ocupação hoteleira, em Braga, é inferior em quase metade relativamente ao ano passado, o que tem forçado à diminuição dos preços - a média diária de pensão completa terá descido de 8 para 6 mil escudos. O Centro

# PONTOS CARDEAIS

Apostólico, esse, oferece diárias, segundo o "Correio da Manhã", na ordem dos 4 mil escudos, e as excursões, sobretudo oriundas da Galiza, escolhem o mais barato.

O cónego riposta que o Centro funciona há 27 anos e tem uma "função específica, de índole religiosa". Pois é. Mas ao preço a que as coisas estão, há muita gente disposta a converter-se...

## Turismo rico

Se é certo que as dificuldades económicas atingem cada vez maior número de pessoas e faz com que, neste Verão, quase metade da população portuguesa nem sequer vá de férias, certo é também que o dinheiro, faltando a

muitos, dobra nos bolsos de alguns.

Enquanto em Braga os hoteleiros se queixam do súbito "catolicismo" dos turistas, no Estoril os hoteleiros não têm razão de queixa. No primeiro semestre deste ano, o número de dormidas registadas naquela cara zona turística aumentou de mais de 11 por cento em relação ao ano passado.

## A fome é "estrangeira"

Os monarcas são assim. Quando lhes fazem estremecer a cadeira do poder - neste caso o trono -, mandam o exército resolver o problema. É o caso, agora, do rei Hussein, da Jordânia, a braços com uma grave crise social, que anunciou estar

disposto a usar "pulso de ferro" contra os manifestantes que protestam contra o aumento do preço do pão.

Hussein, que não tem dificuldade em comprar os seus papos-secos, acha, no entanto, que não é a fome nem a falta de dinheiro que estão na base dos protestos. Quem estará "por detrás" das movimentações populares serão "partidos com filiações no estrangeiro". Onde é que a gente já ouviu isto?

## Gorilas

Uma gorila, de nome "Binti", hospedada à força num Zoo do Illinois, nos Estados Unidos, tem vindo a estragar a festa aos candidatos à presidência dos States. É que, em vez de

apenas festas e discursatas de Clinton e Dole, com Perrot pelo meio, a CNN foi obrigada a dar outras notícias. Nomeadamente aquela em que a gorila foi protagonista e que tem comovido mais gente do que as promessas eleitorais. Com efeito, "Binti" revelou uma "humanidade" maior do que aquela a que os americanos estão habituados. Sem perguntar pelo seguro de acidentes a uma criança que caiu no fosso dos gorilas, o animal correu a salvar o menino de três anos, conservando-o ao colo até chegar quem o tratasse. Os eleitores devem esperar que, para além do burro e do elefante, figuras tradicionais que representam os partidos em contenda, apareça um candidato com a bandeira do... macaco. Dá mais confiança.

## PONTOS NATURAIS

### António Revez

O passo cuidadoso  
de não pisar ninguém

O gesto manso  
de folhear um livro  
como quem passa a mão  
no dorso de um cometa.

A voz tranquila  
a luz agradecida  
de ver nascer as flores.

### Coronel Marcelino Marques

Com ele é o tempo dos deuses  
pelo menos o tempo das lendas.

O sargaço do medo  
com a sua espada luminosa  
desbastou.  
E quando fala  
ainda é como se fosse  
para pôr ordem nas nuvens.

Ri de quem diz «é proibido».  
Para ele as palavras só estão certas  
à flor da alma. O mais são fantasias.

### Comandante Mário Teles

O mar em cada gesto  
em cada silêncio o mar  
- tudo o mais é o resto  
que fica por sonhar.

Um albatroz que voa  
na direcção do astro  
- ele é, no mar, a proa  
ele é, num barco, o mastro.

## Gente do meu clube

Mário Castrim

Tão forte a mão no leme  
tão na justa medida  
- lá onde não se teme  
prestar contas à vida.

### Maria Judite de Carvalho

Olha-nos de tão alto  
só para estar mais próxima  
e na sombra descobre  
a luz que as coisas têm.

Do rochedo que é  
usam partir as aves  
para as fontes que estão  
muito para além do voo.

Ó palavra  
entre as palavras  
vitoriosa!

### Miguel Serrano

Quando partiste  
não vi notícia na televisão.  
Mas como as coisas estão  
até se compreende.

E também não me consta  
que o Poder te lembrasse.  
Mas como as coisas estão  
como podia ser doutra maneira?

Não te condecoraram  
a ti, que semeaste o futuro.  
Mas como as coisas estão  
enfim, até acaba por ser lógico.

Ouçó o teu riso claro:  
- Deixa pra lá...



Desenho de  
Renato Guttuso



## TELEVISÃO

## Quinta, 22

## CANAL 1

09.00 Notícias  
09.10 Acrobatas Detectives  
09.35 Uma Casa ao Sol  
10.00 Cinzas  
10.30 Meu Verão Secreto  
11.00 Os Wilder  
11.25 Culinária  
11.45 Praça da Alegria  
13.00 Jornal da Tarde  
13.40 País Real  
14.15 Clássicos da RTP  
14.45 Infantil / Juvenil  
15.45 Herman Total  
16.45 Azul  
17.30 Malha de Intrigas  
19.10 Pedra Sobre Pedra  
20.00 Telejornal  
20.50 Reformado e Mal Pago  
21.30 Primeiro Amor  
23.00 Miss Boa Forma U.S.A. (II)

## Sexta, 23

## CANAL 1

09.00 Notícias  
09.10 Acrobatas Detectives  
09.35 Uma Casa ao Sol  
10.00 Cinzas  
10.30 Meu Verão Secreto  
11.00 Os Wilder  
11.25 Culinária  
11.45 Praça da Alegria  
13.00 Jornal da Tarde  
13.40 País Real  
14.15 Clássicos da RTP  
14.45 Infantil / Juvenil  
15.45 Quem É o Quê?  
16.45 Azul  
17.30 Malha de Intrigas  
19.00 Pedra Sobre Pedra  
20.00 Telejornal  
20.55 80-60-86  
21.30 Futebol: Sp. Espinho-Sporting

## Sábado, 24

## CANAL 1

08.00 Sempre a Abrir  
12.00 Fórmula 1 - GP Bélgica (Treinos)  
13.00 Jornal da Tarde  
13.20 Top +  
14.35 Beverly Hills 90210  
15.35 Emoções Fortes  
16.10 Jovens Cowboys  
17.20 Um Estranho no Corte do Rei Autur  
(de R. L. Thomas, EUA-1995, com Theresa Russell, Nick Mancuso. Telefilme/Aventuras)  
19.25 Clube dos Totalistas  
20.00 Telejornal  
20.55 Futebol: Belenenses-Boavista  
23.00 Primeiro Amor  
23.45 Parabéns Júnior  
01.30 24 Horas  
01.50 Momentos Íntimos  
(de François Mimet, Fr.-1981, com Alexandra Stewart, Bernard Fresson, Isabelle Lacamp. Erótico)

## TV 2

12.00 No Reino dos Animais  
12.50 Vida por Vida  
13.00 Nas Nossas Mãos  
13.30 Desporto 2  
18.00 Musical: «Carly Simon»  
19.00 O Declínio do Império Americano  
(de Denys Arcand, Can.-1986, com Dominique Michel, Dorothée Berryman, Louise Portal. Ver Destaque)  
21.00 Semana ao Sábado  
22.05 Lendas e Narrativas  
22.35 Mudar de Vida  
(de Paulo Rocha, Port.-1966, com Geraldo d'El Rei, Isabel Ruth, Maria Barros. Ver Destaque)  
00.10 Fogo Cruzado

## SIC

08.30 Buééré  
12.00 O Mundo dos Animais  
13.00 Primeiro Jornal  
13.40 Passo a Passo  
14.10 Portugal Radical  
16.00 Justiça Negra  
16.50 Médicos Sem Fronteiras  
18.10 Apelo Selvagem  
(de Michael Uno, EUA-1992, com Ricky Schroder, Mia Sara. Aventuras)  
20.00 Jornal da Noite  
20.50 Clube VIP  
21.20 Vira Lata  
22.30 Big Show Sic  
01.05 Último Jornal  
01.25 Sexta-feira, 13 - Parte VIII: Terror em Manhattan  
(de Rob Hedden, EUA-1988, com Jensen Daggett, Kane Hodder. Terror)

## TVI

09.40 Animação  
12.00 Novos Ventos  
13.00 Contra-Ataque  
14.15 Troféu Carina  
14.30 A Odisseia Submarina  
15.30 Ténis  
16.00 Bebês Trocados  
(de Alan Bridges, EUA/Can.-1983, com Lise Hilboldt, Ken Howard, Dick Latessa. Drama)  
17.45 Automobilismo - Fórmula 3000  
18.10 California Dreams  
18.40 Os Novos Intocáveis  
19.30 Telejornal  
20.30 Babylon 5  
21.20 Ciclone Tracy  
23.20 Últimas Notícias  
23.45 Correntes  
(de Robert Altman, EUA-1984, com Mathew Modine, Michael Wright, George Dzundza. Ver Destaque)  
01.30 A Fenda  
(de Tibor Takacs, Can.-1986, com Stephen Dorff, Louis Tripp, Kelly Rowan. Terror)

## Domingo, 25

## CANAL 1

08.00 Sempre a Abrir  
10.30 Jogos Sem Fronteiras  
12.00 Sem Limites  
12.25 Jornal da Tarde  
12.45 Fórmula 1 - GP da Bélgica  
15.00 Made in Portugal  
16.10 Alta Voltagem  
16.45 Desenhos Animados  
17.20 100% Natural  
18.15 Portugal ao Desafio  
19.15 Casa Cheia  
20.00 Telejornal  
21.00 Jet 7  
21.35 Primeiro Amor  
22.15 Domingo Desportivo  
24.00 24 Horas  
00.20 A Arte do Crime  
(de James B. Harris, EUA-1987, com James Woods, Lesley-Ann Warren, Charles Durning, Charles Haid. «Thriller»)

## TV 2

09.00 Caminhos  
09.30 Novos Horizontes  
10.00 70 x 7  
10.30 Missa  
11.25 O Homem e a Cidade - «Odemira»  
12.00 Euronews  
12.45 Coleção Platinum  
13.25 Droga, Máscara e Realidade  
14.00 Para Além do Ano 2000  
15.00 Desporto 2  
19.00 Bom Bordo  
19.40 Mulheres, Música e Toiros  
(de Mario Mattoli, It.-1948, com Totó, Mario Castellani, Iza Barziza. Comédia)  
21.00 Artes e Letras - «Arnold Schoenberg»  
22.30 Teatro: «50 Anos de Avignon: Paixões Públicas»  
23.25 Planeta Música: «Música no Gelo»

## SIC

08.30 Buééré  
12.00 BBC - Vida Selvagem  
13.00 Primeiro Jornal  
13.40 Assuntos de Família  
14.40 Malhação  
15.50 Guerra dos Mundos  
16.50 Walker, o Ranger do Texas  
18.00 Air America  
(de Roger Spottiswood, EUA-1990, com Mel Gibson, Robert Downey Jr., Nancy Travis. Comédia / Aventuras)  
20.00 Jornal da Noite  
20.50 Vira Lata  
22.00 Recordações da Casa Amarela  
(de João César Monteiro, Port.-1989, com João César Monteiro, Manuela de Freitas, Ruy Furtado. Ver Destaque)  
00.25 Último Jornal  
00.45 Terna É a Noite  
(de Henry King, EUA-1962, com Jennifer Jones, Jason Robards Jr., Joan Fontaine. Ver Destaque)

## TVI

09.40 Clube da Manhã  
12.00 Missa  
13.30 O 8º Dia  
14.35 Fang  
15.00 Estrelas de Miami  
16.00 Vida de Cão  
(de Clemente Fracassi, Itália, com Aldo Fabrizi, Gina Lollobrigida, Delia Scala.)  
18.00 Toques de Magia  
18.35 Adultos à Força  
19.30 Telejornal  
20.30 Futebol / Supertaca de Espanha: Barcelona-Atlético de Madrid  
22.10 Perseguição Impiedosa  
(de Arthur Penn, EUA-1965, com Robert Redford, Marlon Brando, Jane Fonda. Ver Destaque)  
00.10 Últimas Notícias

## Segunda, 26

## CANAL 1

09.00 Notícias  
09.10 Acrobatas Detectives  
09.35 Uma Casa ao Sol  
10.00 Cinzas  
10.30 Meu Verão Secreto  
11.00 Os Wilder  
11.25 Culinária  
11.45 Praça da Alegria  
13.00 Jornal da Tarde  
13.40 País Real  
14.15 Clássicos da RTP  
14.45 Infantil / Juvenil  
16.15 Marco Paulo  
17.20 Azul  
18.15 Malha de Intrigas  
19.10 Pedra Sobre Pedra  
20.00 Telejornal  
20.50 Queridas e Maduras  
21.25 Primeiro Amor  
22.50 Histórias da Noite  
23.20 Tourada  
00.45 24 Horas  
01.15 Amor Perigoso  
(de Joyce Chopra, EUA-1992)

## TV 2

17.05 Carrinha Mágica  
17.35 Infantil / Juvenil  
19.00 Olho Clínico  
19.30 Foyer - As Mulheres de Hollywood  
20.40 TV Nostalgia  
22.00 Jornal 2  
22.45 Vida Nova  
(de Michael Curtiz, EUA-1939, com Errol Flynn, Olivia de Havilland, Ann Sheridan. Ver Destaque)  
00.25 Planeta Música - Grandes Árias

## SIC

09.00 Os Conquistadores  
09.30 Buééré  
11.00 Olimpíadas Radicais  
11.30 As Receitas do Dia  
11.55 A Guerra dos Sexos  
13.00 Primeiro Jornal  
13.30 A Brincar, a Brincar  
14.00 Cosby Show  
15.00 Buééré  
17.25 Notícias  
17.40 De Corpo e Alma  
19.00 Quem É Você?  
20.00 Jornal da Noite  
20.50 Sai da Minha Vida  
21.15 História de Amor  
22.15 O Protector  
(de Eric Karson, EUA-1980, com Chuck Norris, Karen Carlson, Lee Van Cleef. Acção)  
00.20 Último Jornal  
00.40 Contos de Arrepiar  
01.40 Vibrações

## TVI

10.00 Espaço Cultural  
12.10 Clube da Manhã  
13.00 Jornal da Uma  
13.55 Ambição  
15.00 SOS Urgências  
16.00 A Hora do Recreio  
17.40 Informação  
18.00 Malta Curtida  
18.35 Rua Jump 21  
19.30 Novo Jornal  
20.30 Pessoas Desaparecidas  
21.30 Lar, Louco Lar  
22.00 Procura do Passado  
(de Sheldon Larry, EUA, com Melissa Gilbert, Patty Duke, Martha Gibson. Teledramático)  
23.50 TVI Jornal  
00.20 Fora de Jogo  
00.30 Luta pela Verdade

Annie Lennox, uma grande voz da Pop actual: 4ª feira



Edita Gruberova e outras grandes vozes em «Grandes Árias» - 2ª feira na RTP2

## Terça, 27

## CANAL 1

9.00 Notícias  
09.10 Acrobatas Detectives  
09.35 Uma Casa ao Sol  
10.00 Cinzas  
10.30 Meu Verão Secreto  
11.00 Os Wilder  
11.25 Culinária  
11.45 Praça da Alegria  
13.00 Jornal da Tarde  
13.40 País Real  
14.15 Clássicos da RTP  
14.45 Infantil / Juvenil  
15.50 Todos ao Palco  
17.00 Azul  
18.05 Malha de Intrigas  
19.00 Pedra Sobre Pedra  
20.00 Telejornal  
20.50 Primeiro Amor  
22.05 Jogos Sem Fronteiras  
23.55 24 Horas  
00.25 O Renegado  
01.00 Guia do Amor  
(de Robert Shaye, EUA-1990. Comédia)

## TV 2

17.05 Carrinha Mágica  
17.35 Infantil / Juvenil  
19.10 Rumo à Lua  
19.40 Civilizações Perdidas  
21.35 TV Nostalgia  
22.00 Jornal 2



Maravilhas e segredos da natureza: programas em todos os canais

22.45 Duelo ao Sol  
(de King Vidor, EUA-1946, com Jennifer Jones, Gregory Peck, Joseph Cotten, Lillian Gish. Ver Destaque)  
00.40 Planeta Música - Orquestra de Count Basie

## SIC

09.00 Os Conquistadores  
09.30 Buééré  
11.00 Olimpíadas Radicais  
11.30 As Receitas do Dia  
11.55 A Guerra dos Sexos  
13.00 Primeiro Jornal  
13.30 A Brincar, a Brincar  
14.00 Cosby Show  
15.00 Buééré  
17.25 Notícias  
17.40 De Corpo e Alma  
18.50 Quem É Você?  
20.00 Jornal da Noite  
20.50 Jasmin  
21.20 História de Amor  
22.30 Comédia da Vida Privada  
23.30 Guerra de Irmãos  
00.35 Último Jornal  
00.50 Por Um Punhado de Dólares  
(de Sergio Leone, It.-1964, com Clint Eastwood, Gian Maria Volonté, Mariane Koch. «Western-Spaghetti»)  
02.50 Vibrações

## TVI

10.00 Espaço Cultural  
12.10 Clube da Manhã  
13.00 Jornal da Uma  
13.55 Ambição  
15.00 SOS Urgências  
16.00 A Hora do Recreio  
17.40 Informação  
18.00 Malta Curtida  
18.35 Rua Jump, 21  
19.30 Novo Jornal  
20.30 Futebol/Supertaca de Espanha: Atlético de Madrid-Barcelona  
22.00 Alma de Herói  
(de John Hancock, EUA-1976, com Jean-Michel Vincent, Glynnis O'Connor, Katherine Helmond, Richard Gere. Drama)  
23.50 TVI Jornal  
00.20 Fora de Jogo  
00.30 Quase Modelo, Quase Detective  
00.35 Os Mistérios de Bill Cosby

## Quarta, 28

## CANAL 1

09.00 Notícias  
09.10 Acrobatas Detectives  
09.35 Uma Casa ao Sol  
10.00 Cinzas  
10.30 Meu Verão Secreto  
11.00 Os Wilder  
11.25 Culinária  
11.45 Praça da Alegria  
13.00 Jornal da Tarde  
13.40 País Real  
14.15 Clássicos da RTP  
15.35 Infantil / Juvenil  
16.30 Ligações Perigosas  
17.00 Azul  
18.25 Malha de Intrigas  
19.00 Pedra Sobre Pedra  
19.45 Vamos Jogar no Totobola  
20.00 Telejornal  
21.00 Primeiro Amor  
22.00 Grande Noite do Fado (Compacto)  
23.00 A Lei das Ruas  
24.00 24 Horas  
00.15 RTP / Financial Times  
00.30 Depoimento da Glória  
(de John Gray, EUA-1992.)

## TV 2

17.05 Carrinha Mágica  
17.35 Infantil / Juvenil  
19.05 Rotações  
20.40 Sinais do Tempo



As Mulheres de Hollywood: Hollywood segundo as (suas) mulheres, no «Foyer» de 2ª feira

24.00 24 Horas  
00.15 RTP/Financial Times  
00.30 S6  
(de Jean-Pierre Mocky, Fr./Bélg.-1970, com Jean-Pierre Mocky, Denis Le Guillo, Anne Deleuze. «Thriller»)

## TV 2

17.00 Notícias  
17.10 Carrinha Mágica  
17.35 Um, Dó, Li, Tá  
19.00 A Par e Passo  
19.35 Ovínis e Fenómenos Paranormais  
20.35 TV Nostalgia  
22.00 Jornal 2  
22.45 Contos da Loucura Normal  
(de Marco Ferreri, It.-1981, com Ben Gazzara, Ornella Muti. Drama)  
00.30 Planeta Música - «Tito Puente»

## SIC

09.00 Os Conquistadores  
09.30 Buééré  
11.00 Olimpíadas Radicais  
11.30 As Receitas do Dia  
11.55 A Guerra dos Sexos  
13.00 Primeiro Jornal  
13.30 A Brincar, a Brincar  
14.00 Cosby Show  
15.00 Buééré  
17.25 Notícias  
17.40 De Corpo e Alma  
18.50 Quem É Você?  
20.00 Jornal da Noite  
20.50 Trapalhões  
21.20 História de Amor  
22.30 Circo  
23.30 Grande Reportagem  
00.30 Último Jornal  
01.00 Contos Eróticos  
01.50 Vibrações

## TVI

10.00 Espaço Cultural  
12.10 Clube da Manhã  
13.00 Jornal da Uma  
13.55 Ambição  
15.00 SOS Urgências  
16.00 A Hora do Recreio  
17.40 Informação  
18.00 Malta Curtida  
18.35 Rua Jump, 21  
19.30 Novo Jornal  
20.30 A Balada de Hill Street  
21.30 Martin  
22.00 Ciclone Tracy  
23.50 TVI Jornal  
00.20 Fora de Jogo  
00.30 Picket Fences

23.30 Primeiro Amor  
00.15 24 Horas  
00.30 RTP/Financial Times  
00.45 O Desejo  
(de Dominique Oihenin Girard, EUA-1990, com Isa Andersen, Karen Black. Fantástico)

## TV 2

17.00 Notícias  
17.10 Carrinha Mágica  
17.35 Um, Dó, Li, Tá  
19.05 Máquinas  
19.35 Grandes Viagens de Comboio  
20.35 TV Nostalgia - 5ª Dimensão  
21.45 Remate  
22.00 Jornal 2  
22.45 A Casa do Sorriso  
(de Marco Ferreri, It.-1991, com Ingrid Thullin, Dado Ruspoli. Ver Destaque)  
00.40 Planeta Música: The Boston Pops Orchestra

## SIC

09.00 Buééré  
11.00 Olimpíadas Radicais  
11.30 As Receitas do Dia  
11.55 A Guerra dos Sexos  
13.00 Primeiro Jornal  
13.30 A Brincar, a Brincar  
14.00 Cosby Show  
15.00 Buééré  
17.25 Notícias  
17.40 De Corpo e Alma  
18.50 Quem É Você?  
20.00 Jornal da Noite  
20.50 Malucos do Riso  
21.20 História de Amor  
22.30 All You Need Is Love  
23.30 Top Model - Elle McPherson  
01.05 Último Jornal  
01.25 Playboy  
02.25 Vibrações

## TVI

10.00 Espaço Cultural  
12.10 Clube da Manhã  
13.00 Jornal da Uma  
13.55 Ambição  
15.00 SOS Urgências  
16.00 A Hora do Recreio  
17.40 Informação  
18.00 Malta Curtida  
18.35 Rua Jump, 21  
19.30 Novo Jornal  
20.30 O Poder da Lei  
21.30 Doido por Ti  
22.00 Ciclone Tracy  
23.50 TVI Jornal  
00.20 Fora de Jogo  
00.30 Booker



## TELEVISÃO

## Por isto e por aquilo...

## Contos da Loucura Normal

(RTP2, Quinta, 22.45)

São dois filmes feitos por Marco Ferreri nos limites de uma década (o primeiro, *Contos da Loucura Normal*, de 1981, e *A Casa do Sorriso*, de 91) com o mesmo olhar corrosivo com que foi dissecando, desde os anos 70, algumas das incongruências do nosso tempo, projectadas em situações tão excessivas que chegam a ser insuportáveis. O ciclo que desde o início desta semana lhe é dedicado no Canal 2 não será, por isso, daqueles que se levam facilmente de fio a pavio...

Dos filmes que restam, *Contos da Loucura Normal* é justamente aquele que atingiu maior êxito, provavelmente graças aos seus actores protagonistas, Ben Gazzara, um americano então de alguma nomeada e Ornella Muti, que algumas *superproduções* europeias e americanas popularizaram. Porque o filme, baseado em narrativas e na própria figura de Charles Bukowski, o norte-americano tido como o poeta "de todos os marginais e de todos os desesperados", é mais uma vez profundamente perturbador, fazendo-nos acompanhar o itinerário de um artista vagabundo em trajectória de autodestruição, mergulhado no álcool, no sexo desesperado e na degradação.

## A Casa do Sorriso

(RTP2, Sexta, 22.45)

Menos corrosivo mas igualmente provocatório será *A Casa do Sorriso*, a abordar um tema tabu - a sexualidade na velhice e num quadro inesperado mas não surpreendente, o de um lar da terceira idade. É aí que Adelina, uma das residentes cujo filho morreu e a filha se apropriou dos seus bens, resiste ainda com saudável bom humor e apetência para a vida. De tal forma que acaba por se envolver num caso amoroso com um outro residente, recorrendo a escapadelas e artimanhas para conseguir alguma privacidade. Médicos e funcionários do lar vão empenhar-se, como convém, em acabar com tal "falta de decência" mas os dois amorosos resistirão até que eles próprios, com a mesma saúde de espírito, constatem que chegou o momento de pôr ponto final no seu caso.

Mordacidade e delírio habituais muito mais controlados, Ferreri acaba afinal por contar-nos uma inesperada e alegre história de amor, onde brilha também o talento de Ingrid Thulin, uma das actrizes de Ingmar Bergman, agora - tal como Adelina, a sua personagem, e o próprio Ferreri, afinal - sexagenária.

*A Casa do Sorriso* viria aliás a ser premiado com o "Urso de Ouro" no Festival de Berlim de 1991.

## O Declínio do Império Americano

(RTP2, Sábado, 19.00)

Contrariamente ao que pode ser induzido pelo título, este não é um filme épico e esta América não é a América/USA. Denys Arcand, o realizador, é um nome prestigiado do National Film Board do Canadá e um dos cineastas de expressão francófona mais conhecidos do país e um dos que dele conta com mais inteligência e talento.

O Declínio do Império Americano começa na cozinha de uma magnífica casa de campo do Québec, onde quatro professores de História preparam uma refeição de amigos. Falam com grande desenvoltura de mulheres e das suas conquistas amorosas. Ao lado, num ginásio, as suas convidadas para o almoço falam, com igual à-vontade, de homens.

O almoço é bom e a conversa amena, tudo tranquilamente envolvente e "descomplicado" como é de esperar de pessoas amigas e inteligentes. Ao longo do convívio, porém, revelações, confissões e confrontos irão provar que a bela abertura de espírito que as conversas iniciais demonstraram não passa de um equívoco: cultos, sofisticados, experientes da vida, vão descobrir que não são afinal tão seguros e sólidos como se pensavam, sobretudo nos domínios das relações amorosas e afectivas.

Um texto claro e um notável elenco, aparentemente a enfileirar na galeria dos "Amigos de Alex" de que o cinema se vem enriquecendo.



Ben Gazzara e Ornella Muti, intérpretes de "Contos da Loucura Normal"

## Mudar de Vida

(RTP2, Sábado, 22.35)

*Mudar de Vida* não confirmou a revelação que fora, quatro anos, «Verdes Anos», o primeiro filme de Paulo Rocha. Para Jorge Leitão Ramos no seu "Dicionário do Cinema Português", o filme é *a precária confluência de um neo-realismo tardio, um melodrama sentimental e vagas memórias de um cinema eisensteiniano (...). O conjunto não cola. Arrasta-se numa deriva sem objecto, entrecortada por instantes belíssimos mas raros (a devastação da povoação pelo mar, por exemplo)(...).*

E no entanto esta história de pescadores do Furadouro a tentarem mudar de vida enquanto tudo à sua volta se transformava - a região pela subida das águas, as relações humanas e de trabalho devido à crescente industrialização -, esta história prometia, assim como prometiam (e cumpriram posteriormente, muitos deles) os jovens de várias idades envolvidos no projecto - do realizador a António Reis, nos diálogos, a Elso Roque, na fotografia, a Isabel Ruth e Maria Barroso, entre os intérpretes. O que ficou, sim, foi a belíssima música de Carlos Paredes.

## Correntes

(TVI, Sábado, 23.45)

As melhores referências são feitas a este drama realizado por Robert Altman a partir de uma peça teatral de David Rabe, centrada em três jovens soldados - um branco e um negro, um homossexual - que esperam num abarracamento o momento do embarque para o Vietnam. Altman escolhe e tira o melhor partido de um cenário "fechado" para encenar uma parábola de extrema violência acerca da coragem, da morte, das relações entre os homens e entre as raças, numa quase insuportável progressão dramática. Um filme para ver com coragem do princípio ao fim.

## Recordações da Casa Amarela

(SIC, Domingo, 22.00)

Cineasta dos mais importantes da sua geração, figura de primeiro plano no arranque do «cinema novo» português nos anos 60, João César Monteiro sempre procurou como poucos, na sua actividade crítica como na sua carreira de realizador, manter uma postura coerente, comodamente e não poucas vezes entendida como anarquia e radical, face ao «real» e ao «imaginário» de que são feitos os filmes. *Recordações da Casa Amarela* é talvez o exemplo máximo dessa forma de estar no cinema, que o cineasta persegue e aprofunda através do percurso de uma personagem que, entregue às suas angústias, desesperos e alucinações, ao mesmo tempo permanece fortemente lúcida face à «comédia lusitana» que ferozmente contempla e estigmatiza. Um filme galegado ex-equ com o Leão de Prata do Festival de Veneza de 1989.

## Terna é a Noite

(SIC, Domingo, 00.45)

Um melodrama à boa maneira da época, obra do excelente artesão que foi Henry King, inspirada (mas segundo a generalidade da crítica, mal) na peça do mesmo nome de F. Scott Fitzgerald. Aparentemente feito para fazer brilhar Jennifer Jones no papel da mulher de um psiquiatra sofrendo ela própria de instabilidade mental, nem isso con-



Fotograma de "Perseguição Implodosa, de Arthur Penn"

John Wayne, intérprete de "Rio Bravo"

Gregory Peck, Jennifer Jones e Joseph Cotten num fotograma de "Duelo ao Sol"



## Rio Bravo

(RTP2, Quarta, 22.45)

E chegamos então ao terceiro título do ciclo *western*, agora já francamente no limiar da obra-prima. *Howard Hawks* é um mestre e *Rio Bravo* um clássico do cinema americano. Não é sua maior obra (ele é autor de várias maiores) e não é, de longe, o melhor *western*; mas é um filme sempre a rever, com John Wayne próximo do seu melhor e um dos papéis da vida de Dean Martin.

João César Monteiro no seu filme *Recordações da Casa Amarela*



segue. Filmado em *cinemascope*, corre-se ainda o risco de o ver em formato "aparado"...

## Perseguição Impiedosa

(TVI, Domingo, 22.00)

Absolutamente incontestável é o talento de Arthur Penn, um realizador que filmou pouco, mas muitas vezes bem, e que, em várias das suas obras, se mostrou preocupado em retratar o confronto entre o indivíduo e a realidade circundante, em filmes que quase sempre constituíram uma poderosa crítica a uma sociedade que apenas procura resolver os seus problemas através da violência.

Mais uma vez assim terá tentado com *Perseguição Impiedosa*, localizada numa corrupta cidade do Texas, em crescendo de violência, onde Redford é o perseguido inocente e Brando o xerife implacável. No argumento, de Lillian Hellman a partir de um romance de Horton Foote, quisera realizador e escritora imprimir a denúncia de vícios e distorções da sociedade e do sistema policial e judicial americano (aponta-se nomeadamente a analogia directa entre uma sequência do filme e a execução sumária de Lee Oswald, o suposto assassino de Kennedy), mas a interferência do produtor Sam Spiegel e os conflitos permanentes entre a equipa de realização e o actor Marlon Brando acabariam por resultar num empobrecimento dos objectivos iniciais, de maneira alguma apagando no entanto a poderosa marca de Penn.

## Vida Nova

(RTP2, Segunda, 22.45)

A dar início a um novo ciclo *Cinco Dias - Cinco Filmes*, agora sob o tema *Western*, outro realizador de culto num dos melhores *westerns* da época (estamos em 1939!), também este com preocupações de transposição social: afirma-se que Michael Curtiz se inspirou no tema da opressão e da injustiça de Robin dos Bosques e o adequou a um cenário e um conflito típicos do Oeste americano. Um *cowboy* de alegria inigualável, Errol Flynn, e uma das namoradas eternas de Hollywood, Olivia de Havilland, brilham nesta grande aventura sem tempos mortos, onde os toques de drama servem sobretudo para pôr em evidência o triunfo da coragem e do amor.

## Duelo ao Sol

(RTP2, Terça, 22.45)

Segundo *Western* do ciclo, *Duelo ao Sol* é o que terá que ser levado menos a sério (embora, falando deste género, haja que ser comedido, porque obras-primas são mais que muitas, e estas é que são o termo de comparação): o produtor e autor do argumento, David O. Selznick, terá querido duplicar em *western* o sucesso de *E Tudo o Vento Levou*, fazendo simultaneamente de Jennifer Jones, sua mulher, a Scarlet O'Hara do género. Ao filme, há quem lhe chame *sex-western*, tal a sensualidade que o percorre. Mas é isso, e um soberbo *Technicolor*, meia dúzia de cenas memoráveis e um final trágico e bizarro. E, inescusável, a portentosa banda sonora de Dimitri Tiomkin.



# As três irmãs e outra mais gente

**S**ão três irmãs: Belmira, Emília e Piedade. A mais velha tem oitenta anos, as outras um pouco menos. Estão velhas, mas estão pior que isso: estão abandonadas.

São as únicas habitantes de um lugar chamado Nave Pequena, na Beira Interior. Sobrevivem com um relativo conforto, mas não têm electricidade, os cabos que transportam a energia nunca chegaram ao lugar e, ao que parece, quem decide sobre tais coisas acha que agora já não vale a pena, que é como quem diz que se espera um instantinho que aquelas três morram e a questão extingue-se por si. Entretanto, terem «a luz» é o que as irmãs agora mais desejam; alimentam mesmo a ilusão de que com electricidade passaria por ali mais gente, turistas até. Ocorre-me uma frase de Luís Filipe Costa na TV portuguesa, antes mesmo de 74: «- Não é triste ser velho; triste, é ser velho num País assim.» Cito de memória, naturalmente, mas creio que estou a ser fiel.

## Rostos com vida

A Piedade, a Emília e a Belmira surgiram numa reportagem que Alberto Serra fez e a SIC transmitiu já perto da meia-noite num destes dias. Além das três irmãs, outros rostos antigos ali surgiram, mas a generalidade deles não pôde rever-se no ecrã porque todos ou quase todos são gente que continua a viver sem a ajuda da corrente eléctrica neste Portugal que já mira o século XXI. Registo uma excepção: José Alexandre, do Alentejo, que liga o televisor à bateria do tractor. Quanto às três irmãs de Nave Pequena, apenas dispõem de um aparelho de rádio que só ligam à noite para pouparem as pilhas. Mas a reportagem fez-nos conhecer mais gente só e quase de todo esquecida, desde Trás-os-Montes até ao Alentejo que é agora costume designar por profundo. Apeete aqui lembrar todos eles, mas fico-me por alguns, ao sabor da memória ou dos sumários apontamentos tomados no decurso da emissão. João Oliveira, de 91 anos, e Rosa Maria, de 94; ambos à espera que tudo lhes acabe no lugar onde nasceram; ele ainda fiel ao fascínio da poesia tal como a conhece, ela com uns ainda lindos olhos claros que vai ser difícil esquecer. Inácio Rosado, dos tempos em que se trabalhava de sol a sol nos cam-

pos dos senhores da terra no Alandroal e outros lugares, e em que um outro, que «era todo comunista», se batia já pelo regime humanizado das oito horas. João Francisco, que de longe regressou a Cabeço da Serra, perto de Castro Verde, porque ali se sente viver «mais dez anos». Manuel Gonçalves, do Cachão, que teve de se mudar para quatro quilómetros além mas volta nos dias em que pode, amanhã um pouco de terrinha no lugar agora deserto e, homem ainda longe de estar velho, fala de outros tempos com centelhas de enternecida saudade a iluminar-lhe o rosto.

O trabalho de Alberto Serra, com imagens excelentes de António Pereira, intitulava-se «Rostos de Pedra», aparentemente por influência de um poema de Eugénio de Andrade que ali surgiu na voz do próprio poeta. De facto, o poema terá justificado a escolha, mas a verdade maior é que aqueles rostos não eram de pedra, bem pelo contrário, surgiram percorridos por um obstinado sentido da vida, e aí reside, de resto, a tragédia de uma geração inteira de homens e mulheres do interior português que na curva descendente da vida foram entregues à solidão. «Rostos de Pedra», integrado na rubrica «Grande Reportagem», veio lembrar que se a SIC se especializou no fornecimento domiciliário da TV pimba não foi por não contar com profissionais capazes de fazerem Televisão de primeiríssima qualidade: foi por estar submetida, dir-se-ia que gostosamente, aos rasteiríssimos critérios de provável popularidade adoptados por anunciantes, publicitários e tribos afins. O que, inevitavelmente, convida a uma reflexão sobre a liberdade criadora em regime de libérrimo mercado.

Neste quadro, se é certo que quase tudo foi óptimo em «Rostos de Pedra» (e é obrigatório fazer uma alusão expressa à excelência do próprio texto narrativo), direi contudo que o melhor foi essa espécie de notícia esquecida ou mesmo ignorada: a SIC também é capaz do melhor, mesmo na área que porventura menos a fascina que é a da reportagem na realidade nacional cuja abordagem em princípio não «vende» anúncios. Noutros sectores, ficou na memória o mérito nunca depois repetido da série «A Viúva do Enforcado». Quanto à verdade portuguesa, designadamente em zonas não-urbanas, só recordo alguns momentos dos melhores tempos de «Praça Pública», entretanto falecido de morte que não terá sido natural. Com «Rostos de Pedra» afirma-se a esperança de que a SIC aceite o tácito desafio lançado pela RTP com alguns notáveis trabalhos de reportagem. Que o aceite, mesmo transmitindo os seus bons programas nos territórios circundantes da

meia-noite, ainda assim não tão desertificados quanto o terço interior do País.

## A pergunta

Em transparência, o trabalho de Alberto Serra suscita uma interrogação com inevitável conotação acusatória: como foi isto possível? «Isto», quer dizer, a desistência de uma boa parte do território nacional, a condenação de milhares de cidadãos à morte na incomunicabilidade, a exportação de carne humana enquanto válida para o esforço de produção no estrangeiro. Em séculos passados, por motivos religiosos na superfície e menos espirituais a um outro nível, expulsámos judeus. Nos dois últimos séculos, e mais intensamente nas décadas mais recentes, expulsámos de facto milhares de portugueses não por motivos alegadamente racionais mas sim, mais cruamente, porque eram pobres ou, pior ainda, porque haviam sido empobrecidos. Os outros, os não exportáveis, foram deixados a morrer, se não de inanição física (e terá havido muitos casos desses, não duvidemos), pelo menos de inanição psicológica. Alguns deles quase que até em semitrevas. Regresso ao relato de Alberto Serra: Belmira, Emília e Piedade todas as noites rezam para que ao menos lhes concedam luz eléctrica que lhes alumie as suas. Como foi isto possível?

Suspeito de que algumas vozes sábias responderão que este é o forçoso efeito do rodar dos tempos, do progresso, das sacrosantas leis de uma economia livre em que cada vez há menos Estado ainda que tarde o melhor Estado que também é costume invocar. É claro, porém, que a resposta só pode devolver à tranquilidade aqueles que ganharam ou projectam ganhar com o sacrifício dos outros no altar do Deus Mercado. Há vinte e tantos anos, circulava por aí a esperança de que a libertação política em face de um poder opressivo iria conduzir à salvação dos que já então estavam em grande perigo. Agora, tendo o fascismo recuado para formas mais ou menos crípticas ou para trincheiras de bandeira «democrática», sai uma equipa de jornalistas por este País fora e encontra a decrepitude de que «Rostos de Pedra» nos deu conta. É um óbvio sinal não apenas de que muita coisa continua por fazer vinte e dois anos depois, mas também que muita coisa foi mal feita, o que é mais grave. E a verdade é que a possibilitação deste diagnóstico não é o menor mérito deste trabalho notável.









# A TALHE DE FOICE

## Fogo de vista

As férias avançam vertiginosamente para o seu fim. Isto no que diz respeito à vida política, onde aparecem sinais de retoma de actividade espectacular. Não nos iludamos, não se trata de qualquer renovação proporcionada por uma limpeza da alma, lavada pelo sal das ondas. Revigorados, os artífices da política que está na ribalta e os seus veneradores articulistas de serviço, aí estão para repetir tudo. A opinião pública é convidada a concentrar atenções no Pontal e na Pontinha, onde parece que o País começa, e a registar os discursos. O de Marcelo já passou, o de Guterres segue após o intervalo. Ainda com a farda de Verão, os discursos não vieram, nem se espera que venham a responder às inquietações do chamado País real. Tirando o fogo de vista, é só fumaça.

Há mesmo quem se queixe de uma certa modorra. Por exemplo, Vasco Graça Moura, que vai mais longe e lhe chama "anestesia geral" e lamenta o "marasmo", queixa-se, no "Diário de Notícias", de que "todas as grandes questões estão por resolver". Em jeito de ladainha, mas não esquecendo de apontar o dedo acusador a Guterres, enumera: "Os caçadores agitam-se. Os incêndios continuam. O desemprego sobe. A inflação dá sinais inquietantes. O insucesso escolar atinge proporções inauditas. As propinas não se pagam. Os professores não ensinam. Os estudantes não estudam. As polícias estão em crise. A segurança pública, nicles. As empresas continuam com as maiores dificuldades. O investimento diminui. A economia não recupera. As falências continuam". Fiquemos por aqui, que a lista de queixas é muito mais longa e até parece uma lista de oposição. Não é. VGM poderia tê-la elaborado no tempo de Cavaco e limitar a prosa, verificando apenas que o novo Governo nada trouxe de novo à política, mantendo no fundamental as opções do antecessor e defendendo agora o que muito criticou, tal como o articulista critica hoje o que defendeu antes.

Com tal identidade, não é de esperar mudanças. Aliás, os desafios e as respostas que, no campo da política de direita foram ou vão ainda ser lançados no límpido ar algarvio, entre Pontal e Pontinha, não farão esquecer aos oradores o entendimento de bastidores que vem sendo urdido. O espectáculo é apenas para ser aplaudido por públicos convidados. Os ultimatoss e desafios de Marcelo Rebelo de Sousa no Pontal, onde foi apenas exigir prazos para o que se afigura negociado ou em fase de negociação - revisão constitucional e "pacote de moralização (!) da vida política" (15 de Outubro); referendo sobre a regionalização (Verão de 97); Orçamento e "medidas" para o emprego (15 de Setembro), não constituem matéria verdadeiramente polémica entre PS e PSD que, segundo alguma imprensa, "mantiveram conversas privadas" sobre tais assuntos. Guterres, na Pontinha, gabar-se-á do "já feito". Do Plano Mateus, que os banqueiros agradecem e que deixa à margem os trabalhadores. Do milhão de contos destinados a resolver o problema do emprego a 1240 (!) jovens portugueses.

A "oposição" de Marcelo e do PSD vai continuar em banho-maria. Fora dos palcos do Pontal, e lá onde acha que vale a pena enviar recados mais sérios, o actual chefe do PSD já prometeu não tomar "nenhum comportamento que provoque a demissão do Governo e a antecipação de eleições". Não vê que haja "razões excepcionalmente graves para o fazer", garantiu em entrevista ao "Expresso".

A batalha política que se aproxima - e não contando com aquela, verdadeira e eficaz da luta por uma alternativa, que os comunistas protagonizam - deslocar-se-á, nas ribaltas por aí montadas, para as incomodidades que larvam no interior dos partidos liderados por Guterres e Marcelo. Um a contas com as alergias que os chamados "independentes" do PS provocam aos históricos, que se agitam para se despegarem desses autocolantes dos Estados Gerais; outro a contas com os barões, sempre à espreita da escorregadela ou da sondagem esmagadora. Ou de mais uma retumbante declaração de João Jardim, que ainda há dias ameaçava subtrair os votos dos "seus" deputados à festa orçamental, como quem tira um tapete debaixo dos pés de Marcelo.

■ LM



A solidariedade com a luta dos imigrantes refugiados em Saint-Bernard é uma constante

## França Luta em Saint-Bernard põe em causa leis da imigração

**Terminado o prazo estabelecido pelo governo francês para a expulsão do país de imigrantes ilegais que se encontram refugiados na Igreja de Saint-Bernard, em Paris, a situação mantinha-se inalterada. Testemunho também da força do movimento de solidariedade com os sem-papéis que entretanto se desenvolveu na capital francesa.**

Partidos políticos de esquerda, sindicatos e várias personalidades manifestaram o seu apoio às exigências dos 300 imigrantes clandestinos alojados na igreja, dez dos quais em greve de fome há já mais de 45 dias.

Os grevistas contam com a solidariedade activa de muitas outras pessoas que, por períodos de 24 ou 48 horas, os acompanham temporariamente no jejum. Na missa celebrada em Saint-Bernard, no passado dia 15, de solidariedade com os sem-papéis, o arcebispo de Paris assumiu publicamente o seu apoio aos imigrantes ameaçados de expulsão. Face às ameaças de uma intervenção policial, centenas de pessoas têm estado junto dos imigrantes e quarta-feira realizou-se, em Paris, uma marcha de solidariedade.

Todo este processo começou em 18 de Março, quando três centenas de africanos - originários do Mali, Senegal e Mauritânia - ocuparam a igreja de Saint-Ambroise, em Paris, exigindo que lhes fossem concedidas autorizações de residência.

De sublinhar que todas estas pessoas, apesar de não terem autorizações de trabalho e residência, tinham emprego no país e lá viviam, com as suas famílias, há vários anos.

A 6 de Abril é constituído um colégio de mediadores, composto por 26 personalida-

des independentes, que divulgou, em 14 de Junho, várias propostas para a regularização da situação dos sem-papéis, com base no respeito dos laços familiares, do dever de asilo, das necessidades médicas e de acolhimento dos estudantes.

Em 28 de Junho o grupo de três centenas de africanos ocupa a igreja de Saint-Bernard, onde dez pessoas viriam a iniciar uma greve de fome poucos dias depois.

O processo despoletado por este grupo de imigrantes vem chamar a atenção para a situação de muitos outros que se encontram em situação idêntica. Não existem estatísticas sobre o número de imigrantes africanos ilegais em França, mas admite-se que o seu número oscile entre os 350 mil e um milhão.

Os 300 africanos que hoje lutam por uma autorização de residência foram atirados para esta situação de ilegalização pela entrada em vigor das leis Pasqua, em 1 de Janeiro de 1994 - desde então foi-lhes negada a renovação da autorização para permanecer em França. Desde que, em Junho de 1995, Jean-Louis Debré foi nomeado ministro do Interior, mais de 15.500 estran-

geiros em situação ilegal foram expulsos do país.

Num quadro de clara degradação da situação socio-económica - segundo um recente estudo a precariedade social e médica afecta mais de 500.000 franceses - a extrema-direita aposta na expulsão dos imigrantes.

A FN (Frente Nacional, extrema direita) afirma mesmo publicamente que o governo francês deveria "deitar fora" os imigrantes em situação irregular.

Entretanto, face à persistência do grupo que ocupou a Igreja de Saint-Bernard e à ampla solidariedade em torno da sua luta, são cada vez mais as vozes, mesmo ao nível do poder, a pronunciarem-se por uma solução negociada.

## Prior Velho contra o isolamento

A luta da população da freguesia de Prior Velho, da Junta de Freguesia e da Câmara Municipal de Loures contra o fecho da Rua de Moçambique, registou para já uma clara vitória. Luta que passou por reuniões promovidas pela Junta de Freguesia, a aprovação de uma moção exigindo das entidades envolvidas o respeito pelos interesses da população residente e, por fim, uma concentração de protesto, com a palavra de ordem - "Não ao fecho da Rua de Moçambique. Não ao isolamento do Prior Velho".

Em causa estava evitar o corte da Rua de

Moçambique, o acesso quotidiano dos moradores a Sacavém, e que de outra forma seriam obrigados (durante cerca de dois anos!) a um longo desvio até Lisboa. Problema que as entidades envolvidas na construção do Nó de Sacavém, relacionado com a ligação à Ponte Vasco da Gama, não se dispunham a tomar em conta. Saudando a luta desenvolvida, o Executivo da Comissão Concelhia de Loures sublinha que "a construção de novas vias deve contribuir para a criação de pólos de desenvolvimento e de mobilidade das populações, designadamente da trabalhadora e estudante, dos agentes sociais e económicos". Objectivo que "deve contar com a participação das populações e das autarquias visando encontrar as melhores soluções", que assegurem a mobilidade e qualidade de vida, minimizando os impactos negativos.

## Carlos Carvalhas em Mértola

O Secretário-Geral do PCP, Carlos Carvalhas, participa, sábado, dia 24 de Agosto, pelas 16 horas, na inauguração de um novo Centro de Trabalho em Mértola, ocasião em que fará uma intervenção política.

Estarão presentes dirigentes regionais e locais do Partido.

